



Biblioteca escolar:
uma ponte para
o conhecimento





Governador do Estado de Goiás

Alcides Rodrigues Filho

Secretária de Estado da Educação

Milca Severino Pereira

Superintendente da Educação Básica

José Luiz Domingues

Chefe de Gabinete

Iara Barreto

Superintendente de Administração, Finanças e Planejamento

Valterson Oliveira da Silva

Coordenadora do Ensino Fundamental

Maria Luiza Batista Bretas Vasconcelos

Coordenador do Ensino Médio

Marcos Elias Moreira

Coordenadora de Desenvolvimento e Avaliação

Edvânia Braz Teixeira Rodrigues

Coordenador de Ensino Especial

Sebastião Donizete de Carvalho

Coordenadora de Ensino à Distância

Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira

Coordenador de Planejamento e Obras da Rede Física

Lázaro Eurípedes Xavier

Coordenador de Administração

Emmanuelly Domingos Prego

Coordenadora de Gestão de Pessoas

Solange Andrade de Oliveira



Biblioteca escolar:
uma ponte para
o conhecimento



Goiânia
2009

© Goiás (Estado). Secretaria de Estado da Educação.

Elaboração

Ana Maria Affonso Penna
Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado
Elenir de Faria Corrêa
Ivoneide Maria de Almeida Bertelle
Katherine Nascimento Seixas
Maria Luiza Batista Bretas Vasconcelos
Maria Zaira Turchi
Rosa Helena de Paula Rodrigues
Sizeny Narciso de Moraes
Vera Maria Tietzmann Silva

Organização

Maria Luiza Batista Bretas Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Goiás (Estado). Secretaria de Estado da Educação.
Biblioteca escolar : uma ponte para o conhecimento / Maria Luíza
Batista Bretas Vasconcelos (Org.). – Goiânia : SEDUC, 2009.

108 p. 28 x 21 cm.

1. Título. II. Biblioteca escolar. III. Diretrizes.
CDU: (035)027.53

DIREITOS RESERVADOS – É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 48 do Código Penal.



Apresentação

A Secretaria de Estado da Educação tem como lema de suas diretrizes a universalização de oportunidades. Entendemos que essas oportunidades se encontram, sobretudo, na aquisição constante de novos conhecimentos. Dessa forma, a biblioteca escolar é, sem dúvida, um importante espaço para a obtenção desses conhecimentos com seu acervo literário, documental, informativo e didático.

As ações educativas empreendidas pela atual gestão voltam seu olhar e atenção para o chão da escola, para os atores que fazem de fato a educação acontecer em nosso Estado. É por isso que entregamos hoje a você, professor dinamizador da biblioteca escolar da rede estadual de ensino, um caderno de textos que pode orientá-lo cotidianamente na sua tarefa de organizar e dinamizar esse espaço privilegiado que é a biblioteca da sua escola.

Este documento não poderia ser distribuído em ocasião mais oportuna. A 2ª Bienal do Livro de Goiás – Homenagem a Bariani Ortencio está privilegiando a vinda dos professores dinamizadores das bibliotecas da rede estadual, que poderão trocar experiências e participar de minicursos sobre a organização e dinamização das bibliotecas. Essa ação mostra a importância que o Governo de Goiás, por meio da Secretaria de Estado da Educação, vem dando à sua política pública de incentivo à leitura. Além da renovação do acervo literário dos Cantinhos de Leitura para milhares de escolas estaduais, teremos também a ampliação – prevista para o início do ano de 2010 – dos acervos das bibliotecas escolares.

Entendemos que a participação plena do cidadão na sociedade contemporânea exige um efetivo domínio da leitura e da escrita. Nesse sentido, é necessário que o professor, no papel de professor dinamizador da biblioteca, tenha clareza de sua importância como mediador entre o estudante e o desenvolvimento de sua competência leitora, e que se lance na busca constante de atividades – dentro ou fora do espaço da biblioteca – que valorizem o respeito, a formação, o prazer da leitura e a aquisição de conhecimento por parte dos estudantes. Nunca é demais lembrar que essa aquisição é um direito subjetivo das nossas crianças e jovens que buscam o conhecimento do patrimônio material e imaterial contido nos livros, herança cultural que todos nós temos direito de usufruir.

Bom trabalho a todos e que nossas bibliotecas possam se constituir efetivamente em pontes a transformar os caminhos da escola e dos nossos estudantes!

Milca Severino Pereira
Secretária de Estado da Educação



Sumário

Páginas soltas no inventário do tempo: história do livro e da biblioteca em Goiás 9 <i>Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado</i>
Biblioteca escolar: organização e conservação. 21 <i>Ana Maria Affonso Penna</i> <i>Rosa Helena de Paula Rodrigues</i>
Livro didático: responsabilidades e competências 57 <i>Maria Luiza Batista Bretas Vasconcelos</i>
Biblioteca escolar: um espaço dinâmico.. 71 <i>Elenir de Faria Corrêa</i> <i>Ivoneide Maria de Almeida Bertelle</i> <i>Katherine Nascimento Seixas</i> <i>Sizeny Narciso de Moraes</i>
A leitura e a biblioteca formando cidadãos 89 <i>Vera Maria Tietzmann Silva</i>
Tendências atuais da literatura infantil brasileira. 97 <i>Maria Zaira Turchi</i>
Carta aos professores dinamizadores.. 105 <i>Maria Luiza Batista Bretas Vasconcelos</i>



Páginas soltas no inventário do tempo: história do livro e da biblioteca em Goiás

Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado

Prólogo de amor e de ternura nas tantas páginas da vida

Há uma indelével mensagem em cada página voltada. Há sussurros inaudíveis que o tempo não pode apagar. No silêncio das estantes palpita a vida no acúmulo de tudo que o homem construiu por meio de sua inteligência. Uma biblioteca é um mundo, um universo, e se traduz na força da verdade e na doçura do verso, nas letras grafadas que nasceram da perquirição do espírito. Do embate e do questionamento. Do anseio e da dúvida. Do amor por aquilo que se coloca acima do imediatismo da vida...

Páginas soltas, esperanças desfolhadas. No limbo de cada livro, agrupado em cada fileira das estantes, há um brilho constante de vida que pulsa por vibrações, por sonhos e devaneios que o livro enseja. Cada letra no casamento dos sentidos vem eivada pelo sentimento bom da emotividade.

Há flores que saltam dos livros com suas essências transcendentais. Perfumes antigos vindos de onde? Jasmineiros em flor, de noites orvalhadas se derramando nos antigos muros. Nascem rosas entre as estantes e vicejam lírios de afetividade em encontros de infinita poesia. Sons de violinos vibram em cada página voltada, trazendo a música inebriante que acorda crianças e adormece os adultos, que faz nascer em adultos crianças que jaziam adormecidas, esquecidas na luta insana da sobrevivência.

Acordem todos para essa quase tardia canção de acalanto. Há encanto na poética das folhas e na simetria das letras. Doce segredo que, às vezes, nos traz o pranto em dia de dorida saudade, em que nossos olhos se espicham na busca do impossível. Há aconchego na descoberta de doces mensagens de incentivo. Há mel na doçura dos versos emocionados e dor na alquimia de sentimentos contraditórios. Há tudo isso no livro, o nosso amigo seguro quando a noite se alonga na solidão das horas mortas e no vazio que nos cerca em certos estágios dessa lida...

**BENTO ALVES ARAÚJO JAYME
FLEURY CURADO**

Mestre em Literatura pela UFG, professor da Faculdade Aphoniano de Trindade e da Universidade Estadual de Goiás. É presidente da Academia Trindadense de Letras e autor de *A sempre viva Amália* (estudos biográficos), *Ser (tão) goiano* (contos regionais), *Beco dos Aflitos* (crônicas históricas), *Hélio de Britto e Célia Coutinho: duas vidas e uma história* (estudos biográficos), *Saga de um povo de fé no interior do Brasil* (estudos históricos) e *De Barro Preto ao Planalto: caminhos e lembranças* (crônicas históricas) e *Trindade: meca sertaneja e cabocla* (história).



Doce amigo. Suave amigo. Companheiro silencioso que nos acompanha por toda a vida. Lenitivo e arrimo nas dificuldades, no acúmulo do conhecimento que se propaga no pensamento. Luz na escuridão da ignorância. Tanta importância tem você, amigo. Na sua humildade, na sua aparente solidão e abandono, você esconde um mundo bem profundo de segredos e magias nas quimeras de todos os tempos.

Seara de luz. Só mesmo você, amigo livro, me conduz com segurança em meio aos meus tropeços. Queria louvá-lo com doces e infindas palavras para ilustrar o seu legado tão pleno. Assim eu me calo e, sereno, evoco a magia de todos os luares e as manhãs infinitas, da cor do diamante, para expressar a sua eternidade.

Você, livro querido, não tem idade. Vem dos tempos imemoriais em que, pelos impulsos sensoriais, o homem traduziu o sentimento na magnitude de todos os momentos. Você registrou todas as dores e sofrimentos e todas as grandes emoções que o tempo não pode jamais apagar. Refúgio de pensadores, estudiosos e poetas e daqueles que compreendem a grandeza em todas as ínfimas coisas.

Meu livro querido, nem imaginas o quanto é querido. Você me abriu as portas do mundo e, do profundo do meu ser, revelou poesia, no entrechoque da minha primeira fantasia. Livro que é pai e que é mãe. Primeira namorada esquiva e etérea. Amante impulsiva e dominadora. Vovó tão querida em histórias e sonhos. Livro que sou eu mesmo, um grande e pequeno livro a ser escrito a todo dia, com alma e poesia, mesmo que tudo isso se distancie desses dias dolorosos que vivemos.

Livro que é escola de aperfeiçoamento. Sofrimento no manejo com o conhecimento. Luta e labuta da aprendizagem. Buril que lapida nossa rigidez de pedra e faz joia pura a ternura que brota do peito e êxtase de sonhos...

Meu livro goiano tão preñado de lembranças. Retalhos de sentimentos em colchas multicores. Livro que é roça e roçado, engenho e arte da cana a jorrar garapas de incontidas alegrias. Livro que é olaria, brotando do chão vermelho o tijolo de segurança. Livro que é fogão de lenha alimentando adormecidas ternuras em panelas de ferro. Páginas que são pé de moleque e mané pelado da infância nunca perdida. Que é argola de petas e broas de milho de nossa fome espiritual. Livro que se derrama em monjolos que trituram amarguras, fazendo a paçoca de desencontrados desejos.

Meu livro goiano é chão arado e roça de milho verdinha sob a chuva de março. É feijão que enrama no milho seco de nossa insegurança. É estaleiro de chuchu de nossas esperanças e pé de maxixe na roça de arroz, traduzida em cachos de ouro de nossas vitórias. Meu livro goiano é flor de quiabo de uma beleza sem fim no esquecimento e na humildade. É flor da lobeira no roxo de nossos desencantos. Meu livro é pé de pequi nas flores e nos frutos incomuns de nosso talento. Meu livro é chapadão, campina, grotta e pé de serra salpicada de ipês floridos.

Tudo isso é meu livro goiano. É cada criança como uma página a ser escrita. Páginas doces que precisam de letras douradas. Páginas de sonhos de alvoradas matinais. Páginas de ternura de crepúsculos de fogo. Princípio e fim. Alfa e ômega. Meu livro goiano sou eu, assentado no rabo do fogão de lenha, lá na roça, tão distante de todos os lugares, naquela casa velha de telhas encardidas. No fundo do mato. Lamparina acesa. Mãe e eu. Universo em nós. Nós tão sós e ela me mostrando um mundo que ia além da pauta musical dos arames da cerca que circundava a velha fazenda.

Naquela noite tão goiana eu era um livro. Havia lírios no jardim e samambaias na boca da cisterna. Havia margaridas junto à porteira. Havia um jardim dentro de mim. Eu era um botão em flor. Mãe era uma roseira tão florida e uma grande cartilha. E depois a roseira espargiu perfumes em outros quintais e celebrou vida em outras searas. Mas o livro ficou, escrito com saudades infindas, o meu livro que vou abrindo agora diante dos cabelos dourados de minhas filhas em outros jardins. Virão outros livros, outras páginas em letras e emoções.

Meu livro goiano. Seu livro goiano. Universo em verso. Ternura e alegria. Que na vida de cada homem haja um livro, que é, senão, uma janela aberta por onde entra Deus. Que em todo livro-homem haja paz.

Histórias que o tempo não desfaz em folhas de lembranças

“Longe de todos os lugares”, no dizer profético de Cora Coralina, Goiás começou bem mais tarde a sua vida cultural e o seu acervo de livros. Qual foi o primeiro livro que cruzou o Paranaíba, nos longes idos do século XVIII?

Um dos primeiros e interessantes relatos é datado de 1771, escrito em forma de diário pelo Barão de Mossâmedes, José de Almeida de Vasconcelos Soveral e Carvalho. Indicado para o governo de Goiás, por Carta Patente de 11 de outubro de 1770, somente dois anos mais tarde chegou a Vila Boa de Goiás. Nas anotações do governador aparecem indícios de “homens doutos” que liam em latim e possuíam alguma instrução, daí alguns livros particulares.

Em 1817, Dr. João Emanuel Pohl escreveu o diário *Viagem ao interior do Brasil*, publicado por ordem do Imperador da Áustria, Francisco I, em Viena, relatando as suas impressões sobre a Província de Goiás. O viajante destaca alguns intelectuais, perdidos no alto sertão, embora em muitos dos relatos falasse da preguiça do povo e da indolência de uma maneira geral. Era a velha tradição de orgulho em relação ao trabalho braçal e servil que era relegado ao negro.

No documento intitulado *Notícia geral da Capitania de Goiás* do ano de 1783, aparecem a descrição de Vila Boa e a presença da biblioteca do governador Luís da Cunha Menezes. Essa foi a primeira grande biblioteca oficial, onde documentos e livros da Capitania de Goiás eram con-





servados, havendo inclusive um ofício em que o dito governador mandou recolher ao arquivo do Palácio uma coleção de manuscritos com todas as ordens régias para a Capitania. Há também nos relatos de Auguste de Saint-Hilaire, naturalista francês que visitou o Brasil, entre 1816 e 1822, interessantes passagens referentes ao modo de vida dos goianos, aos hábitos, costumes, modismos. Destaca também a indolência do povo, porém de forma menos agressiva que Pohl.

Mais tarde, o então jovem Padre Luís Gonzaga de Camargo Fleury torna-se Presidente da Província, com notável atuação nas questões relativas à rebelião norte-goiana. O atraso e o analfabetismo ainda perduraram por longas décadas; mesmo nos primeiros decênios do século XX podiam ser verificadas, em Goiás, situações de completo desconhecimento dos livros e das letras.

Em Meia Ponte nasce a primeira biblioteca de Goiás

No histórico dia 3 de maio de 1830, em Meia Ponte, foi fundada pelo Comendador Joaquim Alves de Oliveira a primeira biblioteca da Província de Goiás. Foi também o Comendador que dois meses antes fizera circular o primeiro número de *A Matutina Meiapontense*, jornal pioneiro de Goiás. Contudo, a sociedade reinante ainda era adversa ao florescer do conhecimento, e, principalmente, a juventude não estava sensibilizada e nem valorizava tais empreendimentos.

Os próprios fatos que envolvem o cenário social de Meia Ponte eram contrários ao florescimento do saber. No mais, a esposa do Comendador Oliveira foi assassinada em 4 de maio de 1833 e três anos mais tarde o desditoso viúvo vendeu sua tipografia ao governo da Província para a impressão do *Correio Oficial*. Era o fim de uma era.

O Lyceo Goyano, depois Lyceu de Goyaz e hoje Liceu de Goiânia, foi instalado em 23 de fevereiro de 1847, graças ao Barão de Ramalho, que na época era Presidente da Província de Goiás. Foi esse estabelecimento o segundo em ensino secundário do Brasil, antecedido apenas pelo Colégio Pedro II, criado dez anos antes. Este funcionou por algum tempo na Escola de Aprendizes e Artífices, na Casa da Tesouraria Provincial e, por testamento do Dr. João Gomes Machado Corumbá, mudou-se para a Rua da Pedra, ali funcionando até 27 de novembro de 1937, quando foi transferido para Goiânia.

Foi no Lyceu instalada a primeira biblioteca escolar goiana, ainda na década de 1850, graças à atuação de Emydyo Joaquim Marques. Era uma biblioteca com obras raras e atendia aos anseios dos estudantes daquelas distantes eras.

O Gabinete Literário Goiano

Em 21 de abril de 1864, Raimundo Sardinha da Costa, juntamente com outros ilustres vilaboenses, fundou o Gabinete Literário Goiano, numa coroação dos esforços de gerações anteriores. A compra dos livros se traduzia numa verdadeira epopeia, já que saíam da Livraria Garnier, no Rio de Janeiro, e de São Paulo e vinham para Goiás, conduzidos em lombos de burros, em meses de viagens. Ocorriam extravios de carga em decorrência de burros fujões, chuvas prolongadas e pontes desaparecidas. Por falta de recursos, o gabinete ficou fechado no período de 1868 a 1871. Depois reabriu em sede nova, com estantes, livros e sócios novos.

Chegou-se mesmo a construir um sobradinho ao lado do hoje Museu das Bandeiras. Esse sobrado, que acolheu a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Goiás, desabou após a mudança da Capital. Em 1921, o Gabinete se instalou no prédio onde hoje se encontra.

A partir de 1900 nota-se a presença feminina nas sessões. No valor da mulher goiana o Gabinete conheceu dias de glória com palestras, debates, conferências, marcando o estertor da República Velha, do regime caiadista e do *status* de capital da Cidade de Goiás. O Gabinete chegou a ter um jornal próprio intitulado *Folha Goyana*, que foi dirigido por Genezy de Castro e Silva. Nesse período também alcançou o número expressivo de mais de quatro mil obras.

A notável bibliotecária Genoveva Santana da Veiga Jardim, dona Zu, também emprestava alegria ao ambiente do gabinete, tornando a frequência mais agradável. A partir de 1932, o Gabinete Literário Goiano entra em decadência com a mudança da Capital e, em ruínas, permanece por quase três décadas. Só volta a funcionar graças ao desprendimento de Regina Lacerda, Elder Camargo de Passos e João Nicolau, mas, novamente, cai na inércia. Só em 1978 ganha vida novamente graças ao empenho de Elder Camargo, Genesco Bretas (que catalogou e selecionou os livros), Arthur Costa Ferreira e muitos outros.

Lampejos culturais no coração do Brasil

Na segunda metade do século XIX, Goiás vivia o seu letargo cultural. A partir de 1870, os jovens goianos burilavam o pensamento em faculdades fora do estado, formando um clã político e cultural das famílias Rodrigues Jardim, Fleury, Bulhões, Rodrigues de Moraes, Abreu, Caiado, Sócrates, Bastos, Alves de Castro, entre outras. A política tacanha se faz sentir até na educação como se vê na escolha das professoras, assim registrada no jornal *Goyaz* de 10 de fevereiro de 1888. “O professor deve ser temente ao governo para não perverter com maus exemplos de altivez e independência o caráter em embrião das crianças”. Esse pensamento retrógrado foi também observado por viajantes que percorriam as terras goianas em fins do século XIX.





Na cidade de Corumbá de Goiás, em 1897, o Monsenhor Chiquinho fundou uma sociedade de leitura que se transformou em biblioteca pública. Nesta, foi bibliotecário, como voluntário, o jovem estudante Agnello Arlington Fleury Curado. Em 1948, o então prefeito, o poeta Benedito Odilon Rocha, cria oficialmente uma biblioteca pública, segundo o historiador Ramir Curado. Hoje a biblioteca funciona no Casarão da Educação e Cultura, juntamente com o Telecentro.

Em Trindade, a partir de 1896, com a chegada dos padres redentoristas foi organizada uma pequena biblioteca sacra. Em 1936, o então Grupo Escolar João Pessoa possuía uma pequena biblioteca, organizada pelas professoras Nila Chaves Roriz de Almeida, Davina Nascimento Vasconcelos e Ana Maria de Oliveira. Na década de 1950 surge no Ginásio Pai Eterno a Biblioteca Veritati, organizada pelo Clube dos Estudantes Trindadenses que promoveu inúmeras atividades culturais relacionadas à literatura e às artes plásticas. A Biblioteca Pública Municipal Pe. João Cardoso de Souza, criada em 1974, e até hoje em pleno funcionamento no prédio histórico denominado “Castelinho”, no Beco dos Aflitos, foi organizada pelo autor deste trabalho. Há também a Biblioteca Toninho Camargo, da Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes, que funciona na Casa de Cultura Gabriel Alves de Carvalho.

Na cidade histórica de Santa Cruz de Goiás, desde o século XVIII existiram homens letrados como Antonio de Pádua Fleury, que foi Presidente do Estado, e João Gomes Machado Corumbá, criador do Lyceu de Goiás em 1847. A biblioteca pública da cidade surgiu em 1954, na gestão de Américo Carneiro de Mendonça. Hoje, ela está sediada na histórica Casa de Câmara e Cadeia e tem o nome de Joaquim Rodrigues Alves, escritor local.

Na cidade de Mineiros, o escritor Martiniano José da Silva, membro da Academia Goiana de Letras, fundou a Academia Mineirense de Letras e inaugurou a Biblioteca Irmã Maria de Lourdes que tão bem serviu a comunidade local ao longo dos anos.

Em 22 de abril de 1978, na cidade de Caçu, foi inaugurada a Biblioteca Catarina Rosa de Faria, graças ao trabalho cultural do escritor José de Faria. Desse evento participaram personalidades culturais como Miguel Jorge, José Mendonça Teles, Aidenor Aires, Martiniano José da Silva e Ney Teles de Paula.

Morrinhos, a bela e poética cidade dos pomares, foi berço cultural desde o século XIX, com atuação da família Xavier de Almeida e discussão artística e literária. No início da década de 1950 foram criadas na cidade as bibliotecas volantes pela professora Maria Barbosa Reis. Em 1959, o vereador Eurico Barbosa fundou a biblioteca pública de Morrinhos que recebeu o nome de Biblioteca Professor José Cândido. Nessa cidade, notável também foi a atuação das escritoras Zilda e Nilza Diniz na efetivação da Festa de Arte de Morrinhos e do Conselho Municipal de Cultura, que movimentam a intelectualidade da cidade.

Na antiga Entre-Rios, hoje Ipameri, as atividades intelectuais iniciaram cedo, ainda no século XIX, por meio da atuação de notáveis mestres como Benedito Izidório, Pe. Raymundo Henrique Des Genettes, fundador do Colégio Nosso Senhor do Bonfim, e Ernesto Rossi, que, em 1900, ali possuía uma escola. No século XX, outros nomes se destacaram na cultura com a criação de uma biblioteca, em 1921, no Colégio Olavo Bilac, fundado pelo professor José Lombardi e Julia Guimarães, renomada mestra.

Em Jaraguá, a cultura teve supremacia graças à atuação do Pe. Silvestre Álvares da Silva, culto e eficiente intelectual, que foi seguido por Baltazar de Freitas. Com a criação do Grupo Escolar Ruy Barbosa, em 1927, a renomada e talentosa escritora Graciema Machado de Freitas ali organizou a primeira biblioteca. Em seguida, com o surgimento do Ginásio Arquidiocesano de Jaraguá em 1947, outra biblioteca maior veio suprir a necessidade de leitura na cidade.

A antiga Campo Formoso, hoje Orizona, também foi berço de intelectualidade nas figuras de Benedicto Silva, membro da Academia Goiana de Letras, e de Zequinha da Costa, filólogo, professor e senador. Nessa cidade, a escritora Sônia Maria Ferreira teve e continua tendo marcante atuação com a criação do Volante Clube Literário Orizonense, do Grêmio Literário de Orizona, do Centro de Cultura da Região Centro-Oeste e, atualmente, da Academia de Letras, Ciências e Artes de Campo Formoso, onde funciona uma casa de cultura que serve à comunidade.

Em São Miguel do Passa Quatro, cidade pequena e recém-emancipada, o historiador Élson Gonçalves de Oliveira criou a Biblioteca Dom Fernando Gomes de Oliveira, contando com o apoio intelectual do escritor Geraldo Coelho Vaz, agropecuarista da região.

Em Cumari, pequena cidade da região da Estrada de Ferro, teve destaque como intelectual, escritora e promotora de cultura a professora Maria Emídio Evangelista. No Grupo Escolar São João Batista, ela organizou uma pequena biblioteca e promoveu atividades culturais na década de 1950, trabalho até hoje reconhecido.

Em Aparecida de Goiânia, na região metropolitana, foi fundada na década de 1980 a Biblioteca Pública Ursulino Leão, concebida em homenagem ao ilustre escritor goiano, bem como grandes bibliotecas nas escolas estaduais.

Em Formosa, surgem, em 1905, o Clube Patriótico de Instrução e Progresso e o Grêmio Literário Emílio Póvoa, com o objetivo de difundir a leitura na cidade.

Em Caldas Novas, desde o princípio do século XX, as atividades culturais foram fomentadas pelo empenho dos administradores Bento de Godoy, Orcalino Santos, Vitor de Ozeda Ala, Odilon de Souza e Armando Storni. Vários professores se destacaram nesse período, tais como Oresina Santos, Leonel Fleury João Stockler, Maria das Dores Rispoli. Cabe reconhecer o trabalho dos escritores Genesco Bretas, Maria Cândida de Godoy e o fomento cultural da Academia de Letras de Cal-





das Novas. Na gestão de Bento de Godoy, foi criada a biblioteca pública de Caldas Novas que foi denominada Josino Ferreira Bretas, em homenagem ao pai do renomado e saudoso historiador Genesco Bretas. Fica numa praça, cercada de um bosque com um pequeno teatro de arena, numa região nobre da cidade.

Na antiga Pouso Alto, hoje Piracanjuba, as atividades intelectuais se destacaram a partir dos primeiros decênios do século XX. Na década de 1940, na gestão do então prefeito Hermínio Alves de Amorim, foi criado o Clube Recreativo Pousoaltano. Graças aos irmãos Taufic e Jamil Sáfade, foi criada uma biblioteca pública para atendimento aos alunos. O clube e a biblioteca ofereciam vasta programação cultural, contando até com um jornal. Mais tarde, foi criada a Academia Piracanjubense de Letras pelos escritores Ney Teles de Paula, Lídia Arantes Rossi, Tito Modesto, que utilizaram a antiga Casa de Câmara e Cadeia para sediar a entidade e a biblioteca da cidade.

Em Santa Helena de Goiás, as atividades intelectuais tiveram início na década de 1940 com o impulso da Escola Adventista e do Educandário Pindorama. Posteriormente, surgiu a biblioteca da Escola Técnica de Comércio, hoje Colégio Vital de Oliveira. Pela Lei nº 570, de 12 de maio de 1975, foi criada a Biblioteca Pública Municipal Almério de Freitas Prado, em homenagem ao ilustre santa-helenense.

Na antiga Santa Luzia, hoje Luziânia, desde o século XX as atividades culturais tiveram início com a atuação do Pe. João Teixeira Álvares, que dispunha de uma grande biblioteca pessoal. Ali estiveram intelectuais como Joseph de Mello Álvares, Evangelino Meirelles e Gelmires Reis, que tinham grandes e diversificadas bibliotecas; o último publicou o *Almanach de Santa Luzia* em 1920. Na década seguinte, surgiu a Escola Normal Americano do Brasil, por meio do trabalho edificante de intelectuais como Guiomar de Grammond Machado e Terezinha Roriz. Seguiu-se a tradição cultural com José Dillermando Meirelles, que fundou a Academia de Letras e Artes do Planalto, cuja biblioteca é hoje uma referência para a região.

Em Anicuns, uma das cidades do Ciclo do Ouro em Goiás, ganhou destaque o trabalho intelectual do Colégio Rosa Turisco de Araújo, da Escola Moisés Pereira Peixoto e da Escola Machado de Assis. Funciona ali a Biblioteca Municipal José de Sena Chaud, que atende à comunidade há algumas décadas.

Em Planaltina, antigo Mestre D'Armas, encravada no Planalto goiano, houve uma tímida produção cultural a partir de 1906, com a atuação do delegado literário Torquato Nunes Ferreira e da professora Percília Mundim Guimarães. A partir da década de 1930, com a fundação do Grupo Escolar Brasil Caiado, organizou-se um acervo de livros, que foi implementado pela Escola Normal Olívia Guimarães. Mário Castro e Lúcio Batista Arantes são escritores que mostram uma forte ligação com a cidade.

Na poética e tradicional Santana das Antas, hoje Anápolis, deve-se reconhecer o trabalho literário do Padre Francisco Inácio da Luz e dos professores Joaquim Sebastião de Bastos e Gomes de Souza Ramos. Em 1956, a Fundação Educacional de Anápolis criou a Biblioteca Zeca Batista. Os escritores Haydè Jayme Ferreira, Mário Ribeiro Martins, Célia Siqueira Arantes, Paulo Nunes Batista, da Academia Anapolina de Letras, empenharam-se sobremaneira na implantação dessa biblioteca.

Na cidade de Bonfim de Goiás, hoje Silvânia, há referência sobre o uso de livros e presença de bibliotecas desde o século XIX. Em 1862, os alunos carentes daquela localidade receberam de José Martins Pereira de Alencastre, por meio do Ato nº 027, livros, papéis, tintas para funcionamento de uma pequena biblioteca. Em 1889, surgiu o Externato Bonfinense, fundado pelo professor e farmacêutico Francisco Olímpio de Paiva, que já possuía uma boa biblioteca pessoal. Em 1903, surge o Colégio Xavier de Almeida graças ao empenho do professor Antônio Eusébio de Abreu; em 1925, foi lançada a pedra fundamental do Ginásio Anchieta, que iniciou suas atividades no ano seguinte com uma boa biblioteca. Mais tarde, foi construído um belo prédio em estilo moderno que abrigou um grupo escolar. Ali, nas décadas seguintes, foi sediada a Biblioteca Pública Municipal Cel. Pirineus de Souza, com grande acervo. Silvânia tem um filho que muita importância deu aos livros: Altamiro Pacheco. Sobre ele escreveu Bernardo Elis:

Seu amor aos livros, [...] é antigo: precedeu o início dos estudos médicos – pode ser datado de sua adolescência em Bonfim, quando, juntamente com um parente, o jovem Evandro Americano do Brasil, foi o organizador e o responsável pela Biblioteca Cel. Pirineus de Souza, que se abria exclusivamente aos domingos, dia que recebia os volumes antes emprestados e distribuía novos. Funcionava na casa de Dona Luzia Francisca de Souza, irmã do patrono da biblioteca. O Cel. Pirineus morava no Rio e remetia a Bonfim os livros que adquiria, depois de lê-los; eram preferencialmente obras de ficção.

Em Itapaci, no Colégio Assunção, administrado por irmãs de caridade, há a melhor biblioteca do Vale de São Patrício.

Mesmo sendo a primeira cidade goiana a dispor de biblioteca, Pirenópolis passou por um período de letargo cultural. Mais tarde, ali foi fundada a Biblioteca Isócrates de Oliveira, com grande acervo.

Catalão, terra de adoção do poeta Ricardo Paranhos, cantada em prosa e verso, berço de outros grandes intelectuais como Roque Alves de Azevedo, Gastão de Deus Victor Rodrigues, Mariazinha Campos, Maria do Rosário Cassimiro, desde o século XIX possuía grandes bibliotecas particulares de doutos homens de letras. Hoje, lá funciona a Biblioteca Municipal Luís de Alcântara, além da Biblioteca da Academia Catalana de Letras.

Na próspera cidade de Goianésia, as atividades culturais começaram no século XX, com grandes manifestações escolares. Há décadas,





foi fundada a Biblioteca Pública Municipal Inácio de Araújo Godinho, em homenagem ao intelectual da cidade.

Em São Luís de Montes Belos, com suas serranias azuladas, as manifestações culturais foram tardias, em vista de ser uma cidade relativamente nova. Ali, em 1977 foi fundada a Biblioteca Pública Municipal Fagundes Varela.

Na cidade de Jataí, berço dos escritores Basileu Toledo França, Leodegária de Jesus, Darcy França Denófrio e Antônio Vilela Pereira, as manifestações culturais foram notáveis, com a Casa de Cultura, casarão histórico com janelas coloniais guarnecidas com grades de ferro, onde, outrora, funcionou o Colégio Novais.

A antiga Santo Antônio das Grimpas, hoje Hidrolândia, berço intelectual de José Mendonça Teles e Marieta Telles Machado, foi palco de atividades culturais desenvolvidas por esses dois grandes nomes da literatura de Goiás. Cabe lembrar que Marieta Telles é a pioneira da biblioteconomia no Estado de Goiás.

Palmeiras de Goiás, antigo Alemão, teve sustentação intelectual graças ao Grupo Escolar Barão do Rio Branco e aos intelectuais que lá viveram ainda no século XIX.

Inhumas, antiga Goiabeiras, teve ascensão cultural no século XX, com o impulso gerado pela construção de Goiânia. Ali, por anos, o GREMI deu vida à cultura local, hoje resguardada pela Academia de Letras local, presidida pela escritora Umbelina Frota.

A vida cultural de Damolândia teve início com Wilde Lewergger em 1958, juntamente com a sua esposa, professora Maria Lygia do Carmo. O coletor Wilde reuniu farta documentação e escreveu o livro *Flagrantes de Damolândia*.

Itaberaí, antiga Curralinho, terra de Zanoni de Goiás Pinheiro, Edmundo Pinheiro de Abreu e Antonio César Caldas, sempre manteve sua vida cultural em ascensão. Deve-se lembrar também do escritor Jacintho Luiz da Silva Caldas, autor da *Gramática da Língua Portuguesa Luso-brasileira*, que dispunha de rica biblioteca. Funciona hoje na cidade a Casa de Cultura João Caldas, sede da Academia Itaberina de Letras, que foi fundada pelo escritor Antonio César Caldas Pinheiro.

Bela Vista de Goiás, antiga Suçuapara, desde o século XIX já mantinha elevado nível cultural, graças ao Grêmio Instrutivo Belavistense e ao jornal *O Phanal*. Nomes expressivos como Leo Lynce, José Lobo, Tarcila Natalina di Lobo, Antenor de Amorim e outros impulsionaram a cultura, assim como hoje o fazem tantos baluartes da Academia Belavistense de Letras, na casa de Senador Canedo, sob a coordenação da notável escritora Nancy Ribeiro de Araújo e Silva.

Posse, cidade que guarda os restos mortais de Dom Prudêncio, berço do intelectual Emílio Vieira, da pioneira política Almerinda Magalhães Arantes e de José Décio Filho, teve em Balduino de Souza Décio, farmacêutico e advogado, um dos homens mais cultos e dono de um acervo considerável.

Em Campinas, hoje bairro de Goiânia, existiu desde 1921 a Biblioteca do Colégio Santa Clara, tradicional casa de instrução que muito fez pela cultura local. Essa biblioteca foi referência para a região e ainda hoje continua atendendo aos estudantes da própria escola e do bairro.

Outras pequenas cidades de Goiás possuem atualmente suas bibliotecas: Campos Verdes de Goiás, Damianópolis e Guarinos.

A primeira biblioteca de Goiânia

A primeira biblioteca de Goiânia foi idealizada ainda nos primeiros dias da nova capital. Um grupo de moças que em sua grande maioria havia se mudado da Cidade de Goiás e sentia falta do movimento intelectual decidiu promover uma campanha de arrecadação de livros e divulgação dos pedidos. A liderança do grupo esteve a cargo de Maria do Rosário Fleury (Rosarita), Maria das Graças Fleury Pires de Campos (Dadá), Virgínia e Angélica Vieira (Tuniche) e Maria Félix de Souza.

Essas moças idealizaram o Baile do Livro, em 8 de agosto de 1936, nos salões do Fórum de Goiânia. O ingresso, para os homens, seria um exemplar para formação do acervo. Segundo o *Jornal Goiânia*, de Wilson Pierucetti, esse baile contou com a presença do então interventor federal Pedro Ludovico Teixeira, que assumiu a presidência da mesa diretora dos trabalhos na parte oficial, juntamente com Venerando de Freitas, então Prefeito Municipal, e Maria das Graças Fleury Pires de Campos, representante das idealizadoras. A abertura foi feita por Joaquim Câmara Filho, do Departamento de Propaganda, e depois pelo Dr. Albatênio Caiado de Godoi, em nome da Faculdade de Direito. Foram arrecadados 78 livros.

A primeira biblioteca infantil de Goiânia foi construída por Julieta Fleury em 1938, no Grupo Escolar Modelo (hoje Escola Estadual José Carlos de Almeida), contando com grande número de obras. Ali aconteciam sessões de leituras e apresentações de livros.

Grandes nomes e grandes bibliotecas

Na história de Goiás, como vimos, grandes homens destacaram-se pela inteligência e apego aos livros: Joaquim Alves de Oliveira, com sua biblioteca em Pirenópolis, o Dr. Sebastião Fleury Curado, escritor e político dos últimos decênios do século XIX. Em sua chácara Baumann, nas cercanias da Cidade de Goiás, encontrava-se a maior biblioteca da cidade, ponto de encontro da intelectualidade vilaboense em saraus coordenados por sua esposa Augusta de Faro Fleury Curado. Também outros grandes intelectuais goianos foram donos de invejáveis bibliotecas como Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, Honestino Guimarães, Benjamim da Luz Vieira, Egerinêu Teixeira, João Teixeira Álvares, Dr. José Netto de Campos Carneiro, Henrique Silva, este último editor





da famosa revista *Informação Goyana* no Rio de Janeiro. Amália Hermano Teixeira e seu esposo Maximiano da Mata Teixeira demonstraram amor à arte e à literatura. Dispunham de um rico acervo na biblioteca que construíram em grande parte de seu florido quintal na Rua 24, no centro de Goiânia.

Outros nomes se destacaram como colecionadores de livros e documentos em bibliotecas admiráveis, tais como Nelly Alves de Almeida, Rosarita Fleury (cujo acervo está na Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás e na Academia Trindadense de Letras), Leo Lynce, Alcides Jubé, Benedicto Silva. A família deste último doou seu acervo para a cidade de Orizona. Cabe reconhecer a figura de Genesco Bretas, grande pesquisador que deixou obras de fôlego como *História da Instrução Pública em Goiás* e *Memórias de um botocudo*.

Muitas dessas bibliotecas, hoje, são parte de acervo de entidades culturais, como a Academia Goiana de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Na atualidade, muitos escritores possuem bibliotecas de referência. É o caso de Bariani Ortencio, José Mendonça Teles (com um belo centro cultural na Rua 24, no centro), Gilberto Mendonça Teles (cujo acervo foi doado à cidade de Bela Vista de Goiás), Lúcio Batista Arantes (acervo também doado à Academia Trindadense de Letras), Lena Castelo Branco Ferreira de Freitas e Colemar Natal e Silva.

Encerrando essas páginas evocativas sobre a história do livro e da biblioteca em Goiás, é importante lembrar que o livro pressupõe amor e dedicação, sonho e lirismo. No livro se encontra na poesia das ruas sinuosas das cidades antigas ou das novas metrópoles, com um cheiro peculiar de esperança.



Biblioteca escolar: organização e conservação

Ana Maria Affonso Penna

Rosa Helena de Paula Rodrigues

1 Planejamento da biblioteca

O planejamento é uma ferramenta decisiva no sucesso de qualquer instituição. Na biblioteca não é diferente. É importante iniciar pelo conhecimento da realidade da instituição. No caso da unidade escolar, deve-se informar o número, o perfil e a escolaridade dos usuários. O planejamento evita surpresas desagradáveis, como afirma Drucker (2008): “O planejamento não diz respeito a decisões futuras, mas às implicações futuras de decisões presentes”.

Só após o diagnóstico será possível iniciar o planejamento observando os seguintes itens: 1) a dimensão e o aspecto do espaço físico, elementos importantes para acomodar e atender bem os estudantes/usuários; 2) o mobiliário deverá armazenar adequadamente todo o acervo, possibilitando a execução de um bom trabalho de busca, pesquisa e conservação; 3) o acervo, a parte essencial da biblioteca, deverá ser direcionado especificamente aos estudantes, às séries oferecidas pela instituição escolar a que pertence a biblioteca; e 4) o mais importante, o profissional de referência, o professor dinamizador da biblioteca. Ele será a pessoa responsável pelo sucesso pedagógico e pela atuação da biblioteca na movimentação escolar ou não.

Com esses itens planejados em harmonia, será possível trabalhar a organização técnica do acervo, o atendimento ao usuário e o planejamento pedagógico da biblioteca, direcionando as ações e atendendo diretamente as faixas etárias dos estudantes e as séries da unidade escolar.

De acordo com as diretrizes legais firmadas pela Secretaria de Estado da Educação, as escolas estaduais, para a estruturação e cadastramento de suas bibliotecas, deverão seguir as seguintes recomendações:

1.1 Espaço físico

É necessário possuir espaço físico adequado, estar com o cadastro da biblioteca escolar atualizado junto à Rede Física (Coordenação de Planejamento e Obras da Rede Física).

ANA MARIA AFFONSO PENNA
Graduação em Administração de Empresas na Cândido Mendes, Ipanema/RJ. Graduação em Matemática na UFG/GO.

ROSA HELENA DE PAULA RODRIGUES
Magistério 2º Grau. Graduação em Biblioteconomia na UFG/GO. Especialização em Docência Superior na Gama Filho/RJ.



1.1.1 *Crerios para o cadastramento do espao fisco para o funcionamento da biblioteca*

- Dimenses mnimas para padro de biblioteca escolar
 - a) 35 m² para escolas de porte V, IV e III – at 750 alunos;
 - b) 40 m² para escolas de porte II – de 751 a 1500 alunos;
 - c) 55 m² para escolas de porte I – acima de 1501 alunos.

- Aspectos ficos necessrios¹
 - a) a biblioteca dever ter largura suficiente para no ter aparncia de corredor;
 - b) iluminao satisfatria;
 - c) janelas de forma que tornem o espao arejado;
 - d) localizao privilegiada e de fcil acesso a portadores de necessidades especiais;
 - e) espao acolhedor e agradvel para a realizao de pesquisas e leitura.

1.1.2 *Procedimentos para cadastro da biblioteca*

- a) O gestor dever solicitar a visita e o parecer da equipe central do Programa de Bibliotecas das Escolas Estaduais ou seu representante na Subsecretaria a qual a unidade escolar est jurisdicionada;
- b) aps cumprir as especificaes, encaminhar um ofcio a Rede Fsica solicitando o cadastramento da biblioteca, acompanhado da planta baixa da biblioteca e do parecer da equipe central ou seu representante na Subsecretaria;
- c) uma vez cadastrada, a biblioteca no poder ser mudada de ambiente, a no ser que seja contemplada com a construo de um novo espao para esse fim.

1.1.3 *Mobiliario*

O mobiliario da biblioteca deve ter quantidade suficiente de estantes, em bom estado de conservao, para armazenamento dos livros; mesas com cadeiras para acomodar, no mnimo, o nmero de alunos de uma sala de aula da instituio escolar.

1.1.4 *Acervo*

A escola deve possuir a quantidade mnima necessria de livros para formao do acervo, em relao ao nmero de estudantes matriculados na instituio escolar, conforme especificao da SEDUC.

O acervo da biblioteca dever possuir um nmero mnimo de livros:

1. Medidas vlidas para bibliotecas escolares cadastradas na rede fsica a partir de 09/01/2009, conforme Ofcio n. 005/2009 expedido pela Coref.

- a) 1.500 títulos para escolas de porte V, IV e III;
 - b) 2.000 títulos para escolas de porte II;
 - c) 2.500 títulos para escolas de porte I e porte especial.
- Não se devem incluir nessa contagem livros didáticos, dicionários, revistas ou qualquer tipo de periódico.

- Observação geral

A escola que não atender aos critérios estabelecidos para cadastrar a biblioteca e, em conseqüência, não modular o professor dinamizador, mas que tiver uma minibiblioteca deverá aproveitar o espaço como sala de leitura, para garantir aos professores e alunos o acesso aos livros.

2 A biblioteca no contexto escolar

A biblioteca, componente especial da escola, deverá ser a continuação da sala de aula, elemento atuante no processo de transformação da informação em conhecimento – em todas as áreas e disciplinas ministradas na unidade escolar –, na busca e pesquisa, na descoberta, no lazer e conseqüentemente no ensino–aprendizagem. Para a concretização dessas ações é fundamental ter consciência da real importância da biblioteca no ensino básico.

É justamente nas idades/séries iniciais que se têm maiores possibilidades de sucesso na formação de leitores, porque a fundamentação e a estruturação da vida escolar do cidadão iniciam justamente nessa fase do estudo.

A biblioteca deve ser a parte mais ativa do meio escolar, considerando a dimensão de sua capacidade em colaborar com o conhecimento. Já que a pesquisa é o maior elemento de contribuição com a assimilação do conteúdo didático trabalhado em sala de aula, os procedimentos abaixo podem contribuir com essa dinamização na biblioteca:

- a) reconhecer a biblioteca como instrumento indispensável à formação integral do aluno;
- d) definir os objetivos da biblioteca a partir do reconhecimento das questões: por que, para que e para quem existe uma biblioteca escolar?
- c) examinar o espaço físico disponível para a instalação e funcionamento da biblioteca;
- d) se a escola não contar com espaço físico disponível, adotar a biblioteca volante, instalada em um armário móvel;
- e) delinear o perfil dos possíveis frequentadores da biblioteca para conhecer suas preferências e necessidades;
- f) buscar a colaboração de pessoas engajadas na proposta para garantir o sucesso.





3 Objetivos

Todo trabalho ou atividade deve definir seus objetivos com a finalidade de facilitar e direcionar seu processo de realização, além de colaborar com a avaliação e a verificação do que foi proposto. No caso da biblioteca escolar, esses objetivos estão diretamente relacionados à satisfação das necessidades informacionais e do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes e professores, funcionários e gestores da unidade escolar.

4 Organização técnica

A organização técnica é apenas uma das partes que compõem a biblioteca, juntamente com a de referência/atendimento e com a pedagógica, a mais importante. As outras partes, operacionais e técnica, trabalham em prol da parte didática, ou seja, da aprendizagem na biblioteca escolar.

A organização técnica engloba todos os procedimentos a seguir:

4.1 Regulamento

É o documento que determina as regras de funcionamento da biblioteca. Ele deve ser elaborado em conjunto com a comunidade escolar, confirmado e assinado pelo gestor e professor dinamizador da instituição. O regulamento deve conter:

- a) identificação da biblioteca:
 - nome da biblioteca, nome da instituição de ensino mantenedora, endereço, telefone, e-mail;
- b) horário de funcionamento:
 - dias e horário de atendimento e intervalo, se houver.
- c) processo de atendimento, consulta e empréstimo:
 - público a que está direcionado o atendimento;
 - credenciamento – documentos necessários para a confecção da carteira da biblioteca: comprovante de matrícula, de endereço e foto 3x4;
 - somente a consulta é livre para toda a comunidade, sendo o empréstimo permitido apenas para usuários vinculados à instituição;
 - prazo para o empréstimo;
 - quantidade de exemplares que poderão ser emprestados por usuário;
 - regras para adentrar a biblioteca;
 - a questão da proibição da entrada no recinto com mochilas, pastas, fichários, cadernos e do manuseio de alimentos dentro da biblioteca;

- direitos dos usuários;
 - deveres e responsabilidades com o empréstimo e consulta;
 - procedimentos que serão adotados em casos de atraso e não devolução do livro;
 - atualização de endereço;
- d) observações necessárias e pertinentes;
- e) data e carimbo da instituição e da biblioteca;
- f) assinaturas dos responsáveis;
- g) o regulamento poderá ser registrado em cartório;
- i) como esse documento rege a biblioteca, deverá haver uma cópia exposta ao público.

4.2 Aquisição do acervo

A política de seleção do acervo da biblioteca escolar deve centralizar-se no processo de aquisição e de descarte. É um processo importante para que o acervo a ser adquirido venha a atender às necessidades informacionais e pedagógicas dos usuários da biblioteca.

A aquisição orienta as compras ou qualquer tipo de aquisição do acervo, para que elas sejam direcionadas ao público-alvo da biblioteca. Ex.: Se a unidade escolar possuir só a modalidade de ensino fundamental, é recomendável a aquisição, na sua maioria, de livros que atendam a essa faixa etária.

4.2.1 Descarte

O descarte faz parte da política de seleção e esse procedimento é necessário para manter o acervo atualizado e conservado.

Os procedimentos do setor de descarte são essenciais para facilitar a organização, o armazenamento, a busca, a pesquisa e a conservação de todo o acervo dos centros de informação. A partir de outubro de 2003 foi publicada a Lei 10.753, a Lei do Livro, cujo artigo 18º informa que “o livro não é mais material permanente” nas bibliotecas públicas brasileiras. Com essa legalidade, o livro que está contaminado por fungos, mofo, correndo o risco de contaminar os outros exemplares sadios, deve ser registrado no livro de descarte, com autorização e assinatura do gestor e professor dinamizador, para ser descartado o mais breve possível. É importante também descartar livros velhos, obsoletos, não pertinentes ao público-alvo, que não são mais pesquisados por nenhum usuário, com a finalidade de desocupar estantes e espaço para os livros em uso. O destino do acervo descartado é de responsabilidade do grupo gestor, juntamente com o Conselho Escolar.



Exemplo da planilha do registro de descarte e registro-tombo.

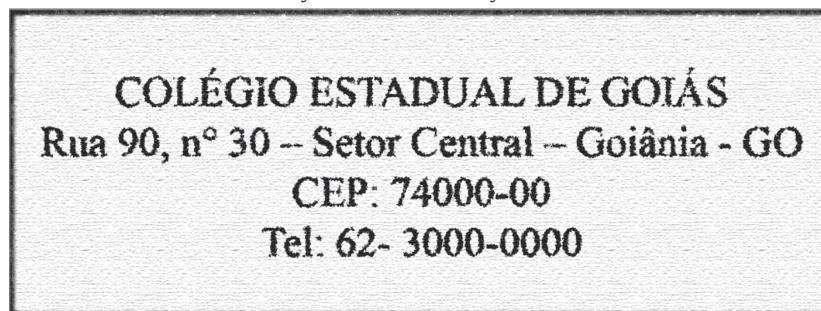
Data	Nº	Autor	Título	Vol.	Local	Editadora	Forma de aquisição	Baixa	Data
23/09/06	0001	Faro, Augusta.	A friagem	01	S. Paulo	Global	Doação		
10/10/06	0002	Alencar, José.	O guarani	01	S. Paulo	J. Olympio	Compra		



4.3 Carimbagem

O primeiro procedimento a ser realizado no livro ao entrar na biblioteca é a carimbagem, que se inicia pelo carimbo de identificação. Ele deve conter o nome da biblioteca e da instituição a que pertence, e deve ser colocado nas páginas iniciais – preferencialmente na página de rosto ou em seu verso, no canto inferior direito, com cuidado para não atingir frases e dificultar a visão dos dados do carimbo e do livro. Caso essas páginas indicadas sejam inadequadas, escolher uma folha mais próxima, apropriada a esse fim. Carimbar também no corte do livro e em uma página segredo, preestabelecida pela direção da biblioteca, no meio do livro. As dimensões dos carimbos ficam a critério das bibliotecas, mas devem ter o menor tamanho possível, para não ocuparem muito espaço dentro dos livros ou periódicos.

Carimbo de identificação da instituição



O carimbo de registro deverá ser colocado na folha de rosto ou em seu verso, em local de fácil visualização.

Biblioteca escolar:
organização e conservação

Carimbo de identificação da biblioteca e registro do livro

<p style="text-align: center;">BIBLIOTECA INFORMATIVA Colégio Estadual de Goiás</p> <p>Nº de registro.....</p> <p>Classif.</p> <p>Nº Classif. CDU</p> <p>Data:...../...../.....</p>
--

4.4 Registro

O registro deve ser feito no livro de registro, ou tombo, ou ainda digitado em planilha adequada, logo após a entrada do livro na biblioteca e a carimbagem. O número de registro é sequencial e único para cada exemplar. Ele deve ser colocado no local apropriado do carimbo de registro, na folha de rosto da obra. Os dados da planilha do livro de registro e a de descarte são os mesmos.

O livro de registro deve conter os seguintes tópicos:

- número de registro da obra, em ordem crescente;
- data, dia, mês e ano em que o registro está sendo feito;
- nome do autor: primeiro o sobrenome e, em seguida, vírgula e prenome;
- título da obra;
- número do exemplar;
- o volume;
- local de publicação da obra;
- nome da editora que publicou o livro;
- o ano de publicação;
- a forma de aquisição – se foi compra, doação ou permuta;
- assinalar a baixa se o livro saiu do acervo, qual a razão e a data.



4.4.1 Registro de livros

Exemplo do registro de descarte e registro-tombo.

Data	N°	Autor	Título	Vol.	Local	Editora	Forma de aquisição	Baixa	Data
23/09/06	0001	Faro, Augusta.	A friagem	01	S. Paulo	Global	Doação		
10/01/06	0002	Alencar, José.	O guarani	01	S. Paulo	J. Olympio	Compra		
23/02/09	0003	Assis, Machado.	Helena	01	Goiânia	Kelps	Permuta		

4.4.2 Registro de periódicos

Exemplo de planilha para registro de periódicos.

Título:										
Local:		Editor:			Periodicidade:					
Meses / ano	2007	2008	2009							
jan.										
fev.										
mar.										
abr.										
maio										
jun.										
jul.										
ago.										
set.										
nov.										
dez.										

4.5 Indexação

A indexação é a parte mais minuciosa de todo trabalho técnico da biblioteca. Por meio desse trabalho é possível saber qual é o assunto tratado no documento ou livro. A responsabilidade de indexar um item é grande, pois é daí que se determina onde o livro ficará na estante. Caso esse procedimento seja ineficiente e o livro fique em lugar errado, dificilmente ele será encontrado para ser utilizado. Após ser identificado o assunto do conteúdo da obra, o próximo passo é a utilização desse assunto em números da Classificação Decimal Universal.



4.6 Classificação

Nesse momento do processo técnico acontece a classificação dos livros por assuntos. A classificação mais usada no Brasil, a CDU – Classificação Decimal Universal –, é a que vamos adotar a seguir.

Inicialmente separam-se e agrupam-se todos os livros do acervo por assuntos, disciplinas e séries. Para tanto, faz-se necessário ler o resumo, a orelha do livro e ter certeza de que não se está errando nessa identificação de assuntos. Caso isto aconteça, o livro dificilmente será encontrado pelo seu leitor!

Não se pode classificar uma obra pelo título. Exemplo: embora o livro *O homem que calculava* indique que o assunto está relacionado à disciplina de Matemática, isto não é verdade. Trata-se de ficção.

Após o estudo e análise temática do item, é hora de buscar na tabela de Classificação o número indicado para tal assunto ou disciplina e colocá-lo a lápis na página de rosto do livro. É importante que esse procedimento seja registrado a lápis, pois, caso se descubra que houve uma interpretação errônea do assunto, ainda será possível consertar o número sem rasurar a obra.

A classificação escrita na página inicial do livro e impressa na etiqueta de lombada ajuda o profissional a colocar o exemplar na estante e no assunto certos rapidamente, sem ler o resumo, a orelha e, às vezes, até mesmo um trecho do livro para saber onde guardá-lo.

4.6.1 Classificação Decimal Universal

• LISTA **PARCIAL** DA CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL (C.D.U.)

Índice

0	GENERALIDADES. CIÊNCIA E CONHECIMENTO. ORGANIZAÇÃO. INFORMAÇÃO. DOCUMENTAÇÃO. BIBLIOTECONOMIA. INSTITUIÇÕES. PUBLICAÇÕES.
1	FILOSOFIA. PSICOLOGIA.
2	RELIGIÃO. TEOLOGIA.
3	CIÊNCIAS SOCIAIS.
4	VAGA
5	MATEMÁTICA E CIÊNCIAS NATURAIS.
6	CIÊNCIAS APLICADAS. MEDICINA. TECNOLOGIA.
7	ARTE. BELAS ARTES. LAZER. MÚSICA. JOGOS. DESPORTO.
8	LINGUAGEM. LINGUÍSTICA. LITERATURA.
9	GEOGRAFIA. BIOGRAFIA. HISTÓRIA.





0	GENERALIDADES. CIÊNCIA E CONHECIMENTO. ORGANIZAÇÃO. INFORMAÇÃO. DOCUMENTAÇÃO. BIBLIOTECONOMIA. INSTITUIÇÕES. PUBLICAÇÕES.
00	Fundamentos da ciência e da cultura.
001	Ciência e conhecimento em geral. Organização do trabalho intelectual.
001.4	Linguagem científica. Nomenclatura. Terminologia.
001.5	Teorias, hipóteses e sistemas científicos. Estabelecimento das relações entre os fatos científicos.
001.8	Metodologia geral. Métodos científicos e técnicos. Análise e síntese científicas.
001.89	Organização da ciência e do trabalho científico.
001.891	Pesquisa científica, inclusive métodos de pesquisa.
002	Documentação. Documentos em geral.
002.6	Centros de documentação. Serviços de informação.
004	Ciência e tecnologia dos computadores. Informática.
004.01	Documentação.
004.02	Métodos de resolução de problemas.
004.03	Tipos e características de sistemas.
004.04	Orientação do processamento.
004.05	Qualidade do software e dos programas.
004.07	Características da memória.
004.08	Dispositivos de entrada, saída e armazenamentos.
004.2	Arquitetura informática.
004.22	Representação de dados.
004.23	Arquitetura da série de instruções.
004.25	Sistema de memória.
004.27	Arquiteturas avançadas. Arquiteturas Non-Von Neumann.
004.3	Hardware. Suportes informáticos, componentes físicos do computador, máquinas.
004.31	Unidades de processamento. Circuitos.
004.32	Atalhos do computador.
004.33	Unidades de memória. Unidades de armazenamento.
004.35	Periféricos. Unidades de entrada e saída.
004.38	Tipos de computadores.
004.4	Software. Equipamento, programas.
004.41	Engenharia de software.
004.42	Programação de computadores. Programas de computador.
004.43	Linguagens de programação de computadores.
004.45	Software de sistemas.
004.451	Sistemas operativos.
004.49	Infecções dos computadores
004.5	Interação homem-computador. Interface homem-máquina. Interface do utilizador. Ambiente do utilizador.
004.51	Interface.

004.52	Interface de som.
004.55	Hipermídia. Hipertexto.
004.58	Ajuda ao utilizador.
004.6	Dados.
004.62	Tratamento de dados.
004.63	Arquivos.
004.65	Sistemas de gestão de bases de dados (SG-BD).
004.67	Sistemas para dados numéricos. Sistemas de folhas de cálculo.
004.7	Comunicação informática. Redes de computadores.
004.71	Hardware de comunicação informática.
004.78	Sistemas informáticos em linha para aplicações específicas.
004.8	Inteligência artificial.
004.9	Técnicas baseadas em computadores e orientadas para aplicações.
004.91	Processamento e produção de documentos.
004.93	Tratamento de padrões de informação.
004.94	Simulação.
006	Normalização. Normas. Código de práticas.
007	Atividade e organização. Informação. Teoria da comunicação e do controlo em geral (Cibernética).
01	Bibliografias. Catálogos. Listas de livros.
02	Biblioteconomia.
027	Bibliotecas gerais.
027.53	Bibliotecas estaduais.
027.4	Bibliotecas públicas.
028	Leitura.
028.1	Métodos, técnicas de leitura.
028.2	Psicologia da leitura.
028.3	Cursos sobre leitura.
028.5	Leitura de jovens.
028.6	Ensino da arte de ler.
030	Obras gerais de referência. Enciclopédias, Dicionários etc.
(031)	Enciclopédias.
(035)	Manuais.
(038)	Dicionários.
(043)	Teses e dissertações.
(046)	Artigos de jornal.
050	Publicações seriadas
(058)	Anuários. Guias, livros de endereços.
(059)	Almanaques, calendários.





06	Coletividades. Organizações e outras formas de cooperação. Associações, Congressos. Sociedades...
08 (084.0)	Poligrafias. Obras coletivas. Coleções. Atlas
09	Manuscritos. Livros raros e preciosos.
912	Mapas
912(100)	Mapa-múndi
912(81)	Mapa do Brasil.
1	FILOSOFIA.
11	Metafísica.
159.9	Psicologia.
159.922.7	Psicologia infantil.
159.922.8	Psicologia da adolescência.
159.922.1	Psicologia do sexo.
159.9.01	Psicologia racial.
159.91	Psicologia mental.
16	Lógica. Epistemologia. Teoria do conhecimento.
17	Moral. Ética. Filosofia.
17.023	Lei moral. Princípios morais.
17.023.32	Grupo social (família, povo, tribo classe, raça)
17.023.34	Prazer, felicidade diminuição do sofrimento.
17.023.36	Perfeição. Progresso, cultura, civilização.
17.03	Doutrinas e pontos de vistas éticos.
172	Ética social.
173	Ética da família.
2	RELIGIÃO. TEOLOGIA.
23	Teologia
231	Deus
26	Igrejas cristãs em geral.
261	Influências e relações diversas da igreja.
3	CIÊNCIAS SOCIAIS.
30	Ciências Sociais em geral. Teorias, metodologia e métodos em Ciências Sociais. Sociografia.

31	Estatística. Demografia. Sociologia.
32	Política. Ciência política.
33	Economia. Ciência econômica.
34	Direito. Jurisprudência. Legislação.
35	Administração Pública. Governo. Assuntos militares.
36	Assistência social. Previdência Social. Seguros.
37	Educação. Ensino. Pedagogia.
39	Etnologia. Etnografia.

31	Estatística. Demografia. Sociologia.
311	Estatística. Ciência estatística.
314	Demografia. Estudo da população.
314.1	Problemas gerais da demografia.
314.3	Natalidade. Fecundidade.
314.4	Mortalidade. Incapacidade e invalidez.
314.5	Nupcialidade. Casamentos. Uniões. Coabitação.
314.6	Famílias. Casais. Lares.
314.7	Migrações.
314.8	Variações da população. Crescimento ou diminuição.
314.9	Composição e distribuição da população.
316	Sociologia.
316.1	Objeto e campo da sociologia.
316.2	Pontos de vista e tendências da sociologia.
316.3	Estrutura social. Sociedade como sistema social.
316.4	Processos sociais.
316.6	Psicologia social.
316.7	Sociologia da cultura. Contexto cultural da vida social.

32	Política. Ciência política.
321.1	Origens de governos. Formas históricas, antigas de governo.
321.02	Formas de atividade política.
321.17	Feudalismo. Vassalos.
321.6	Ditadura militar.
321.61	Monarquia.
321.72	Democracia parlamentar.
321.74	Democracia socialista.
323.1	Movimentos e problemas nacionalistas, populares e étnicos.

33	Economia. Ciência econômica.
330	Economia em geral.
331	Trabalho. Emprego. Empregadores. Empregados. Economia do trabalho. Organização do trabalho.
336	Finanças. Finanças públicas. Impostos. Sistema monetário e bancário.





338	Situação econômica. Política econômica. Administração, gestão da economia. Planejamento econômico.
339	Comércio. Relações econômicas internacionais. Economia global.
330	Economia em geral.
330.1	Ciência econômica. Conceitos econômicos. Teoria. Valor. Capital.
330.3	Dinâmica da economia. Movimentos econômicos.
330.8	Teorias econômicas. História das doutrinas econômicas.
331	Trabalho. Emprego. Empregadores. Empregados. Economia do trabalho. Organização do trabalho.
331.1	Teoria e organização do trabalho. Relações entre empregadores e empregados.
331.2	Salários. Ordenados. Remuneração. Pagamento.
331.4	Condições de trabalho. Ambiente de trabalho. Local do trabalho. Segurança, higiene do trabalho. Acidentes de trabalho.
331.5	Mercado de trabalho. Emprego.
336.5	Despesas públicas.
336.7	Moeda. Sistema monetário. Bancos. Bolsas.
338	Situação econômica. Política econômica. Administração, gestão da economia. Planejamento econômico. Produção. Rendimento. Preços.
338.1	Situação econômica. Conjuntura. Evolução da estrutura econômica. Crescimento econômico.
338.2	Política econômica. Controle da economia. Gestão da economia.
338.3	Produção.
338.4	Produção e serviços segundo os sectores econômicos.
338.5	Preços. Custos.
339	Comércio. Relações econômicas internacionais. Economia mundial. Economia global.
339.1	Questões gerais sobre o comércio. Mercado.
34	Direito. Jurisprudência. Legislação.
340	Teoria geral do direito.
340.1	Tipos e formas de direito.
340.5	Direito comparado.
340.6	Ciências auxiliares do direito. Medicina legal. Farmacologia.
341	Direito Internacional.
341.1/.8	Direito Internacional Público. Direito das pessoas.
341.9	Direito Internacional Privado.
342	Direito Público. Direito Constitucional. Direito Administrativo.
342.7	Direitos fundamentais. Direitos humanos.
342.9	Direito administrativo.

343	Direito Penal.
343.1	Processo penal.
343.2	Direito Penal.
343.3	Crimes contra o Estado.
346	Direito Econômico. Direito da condução estatal da economia.
347	Direito Civil.
347.6	Direito da família. Direito das sucessões. Herdeiros.
347.7	Direito comercial.
347.77	Propriedade industrial
347.78	Propriedade artística e literária. Direitos de autor. Copyright.
349.2	Direito do trabalho
349.3	Direito social. Segurança social.
35	Administração Pública. Governo. Assuntos militares.
351	Atividades da Administração Pública.
352	Administração local. Autoridades locais.
353	Administração regional.
354	Administração central. Governo nacional.
355/359	Assuntos militares.
36	Assistência social. Previdência Social. Seguros.
366	Proteção ao consumidor
368	Seguros.
366.634	Comunicações em grupo.
366.636	Comunicação social. Uso dos meios de comunicação.
369	Segurança Social.
37	Educação. Ensino. Pedagogia.
37.012	Métodos de estudo da educação. Métodos de observação pedagógica.
37.011.32	Professores
37.011.33	Conteúdos educacional
37.011.33	Alunos
37.013.31	Educação formal.
37.013.42	Pedagogia social.
37.013.77	Pedagogia Psicológica.
37.013.78	Pedagogia sociológica.
37.013.83	Andragogia
37.014	Política Educacional. Atividades educacionais e vida pública.
37.014.5	Planejamento do sistema escolar.
37.015.3	Psicologia Educacional.
37.015.4	Sociologia Educacional.
37.017	Educação para a cidadania.
37.018	Formas básicas, modelos de educação.
37.018.26	Atitude dos pais em relação à escola.
37.018.42	Estudos noturnos.





371	Organização do ensino. Sistemas educativos.
371.13	Formação de professores e educadores.
373	Ensino escolar em geral.
374.7	Educação de adultos.
377	Ensino técnico-profissional. Institutos politécnicos.
378	Ensino Superior. Universidades.
389	Metrologia. Pesos e medidas.
39	Etnologia. Etnografia.
391	Vestuário. Traje. Traje folclórico. Moda e adorno.
392	Usos e costumes na vida privada
393	Morte. Cerimônias fúnebres. Ritos mortuários
394	Vida pública. Vida popular.
395	Cerimonial. Etiqueta. Protocolo.
396	Feminismo. Situação e condição das mulheres.
397	Povos primitivos. Nomeadas. Ciganos.
398	Folclore. Tradição popular.
4	VAGA
5	MATEMÁTICA. CIÊNCIAS NATURAIS.
50	Generalidades sobre ciências puras.
51	Matemática.
52	Astronomia. Geodésia. Astrofísica. Investigação Espacial.
53	Física.
54	Química. Ciências Mineralógicas.
55	Geologia. Ciências geológicas e geofísicas. Meteorologia.
56	Paleontologia.
57	Ciências Biológicas em geral.
58	Botânica.
59	Zoologia.
50	Ciências puras.
501	Generalidades sobre as ciências exatas. Ciência matemática em sentido amplo, incluindo a astronomia, a mecânica, a física e a matemática.
502	Natureza. Estudo e conservação da natureza. Proteção da natureza e da vida selvagem.
504	Ciências do meio ambiente.
504.03	Aspectos sociais e socioeconômicos do impacto do homem sobre o meio ambiente (Ecologia social).
504.05	Efeitos negativos da atividade do homem sobre o meio ambiente. Poluição.
504.06	Proteção do meio ambiente, da qualidade do meio. Gestão e supervisão da qualidade do meio ambiente.

504.064	Controle e gestão da qualidade do meio ambiente. Controle da poluição.
504.3	Meio atmosférico.
504.4	Meio hidrosférico.
504.5	Meio da litosfera.
504.6	Meio da biosfera.
504.75	Ecologia humana e do meio ambiente.
51	Matemática.
510	Considerações gerais e fundamentais.
511	Teoria dos números.
512	Álgebra.
514	Geometria.
517	Análise Matemática.
519.1	Análise combinatória. Teoria dos grafos.
510	Considerações gerais e fundamentais.
511	Teoria dos números.
511.1	Aritmética. Teoria elementar dos números.
511.2	Teoria algébrica dos números
511.3	Teoria analítica dos números.
511.4	Aproximações e desigualdades de Diofante. Teoria dos números transcendententes. Geometria dos números.
511.5	Teoria das formas.
511.7	Teoria métrica dos números. Teoria probabilística dos números.
511.8	Aritmética não comutativa.
512	Álgebra.
512.1	Álgebra elementar.
512.5	Álgebra geral.
512.6	Ramos especiais da Álgebra.
512.7	Álgebra geométrica.
512.81	Grupos de Lei.
514	Geometria.
514.1	Geometria geral.
514.11	Geometria elementar. Trigonometria. Poligonometria.
514.12	Geometria euclidiana. Geometria analítica.
514.18	Geometria descritiva.
514.7	Geometria diferencial. Métodos algébricos e analíticos em geometria.
514.8	Estudo geométrico de objetos da mecânica e da física.
517	Análise Matemática.
517.1	Introdução à análise matemática.
517.2	Cálculo diferencial. Diferenciação.





517.3	Cálculo integral. Integração.
517.4	Determinantes funcionais. Cálculo operacional.
517.5	Teoria das funções.
517.9	Equações diferenciais, integrais e outras equações funcionais. Diferenças finitas. Cálculo de variações. Análise funcional.
519.1	Análise combinatória. Teoria dos grafos.
519.2	Probabilidades. Estatística matemática.
519.6	Matemática computacional. Análise numérica e programação matemática. Matemática para engenharia. Método dos elementos finitos. Análise dos elementos finitos. Método dos elementos finitos.
519.7	Cibernética matemática.
519.8	Investigação operacional. Utilização.
52	Astronomia. Geodésica. Astrofísica. Investigação espacial.
528	Geodésica e Topografia. Fotogrametria. Cartografia.
53	Física.
531	Mecânica geral. Mecânica dos corpos sólidos e rígidos.
532	Mecânica dos fluidos em geral. Mecânica dos líquidos.
533	Mecânica dos gases. Aerodinâmica. Física do plasma.
534	Vibrações. Acústica.
535	Óptica. Luz.
536	Calor. Termodinâmica. Transmissão de calor. Transferência de calor.
537	Eletricidade. Magnetismo. Eletromagnetismo.
539	Natureza física da matéria.
530.1	Princípios gerais da física.
531	Mecânica geral. Mecânica dos corpos sólidos e rígidos.
531.1	Cinemática. Geometria matemático-mecânica do movimento.
531.2	Estática. Forças. Equilíbrio. Atração.
531.3	Dinâmica. Cinética.
531.4	Trabalho. Peso. Massa. Fricção. Resistência passiva.
531.5	Gravidade. Gravitação. Pêndulos. Balística.
531.6	Energia mecânica. Conservação da energia mecânica.
531.7	Medida das quantidades geométricas e mecânicas: instrumentos, métodos e unidades.
532	Mecânica dos fluidos em geral. Mecânica dos líquidos.
532.1	Hidrostática em geral.
532.2	Equilíbrio dos líquidos.
532.3	Corpos imersos (corpos submersos). Corpos flutuantes
532.5	Movimento dos líquidos. Hidrodinâmica
532.6	Fenômenos de superfície. Tensão de superfície. Capilaridade.
532.7	Teoria cinética dos líquidos. Osmose. Difusão. Dissolução.
533	Mecânica dos gases. Aerodinâmica. Física do plasma.

533.1	Propriedades dos gases.
533.2	Elasticidade e compressibilidade dos gases. Liquefação. Solidificação. Misturas de gases.
533.5	Gases rarefeitos. Física do vazio.
533.6	Aerodinâmica.
533.7	Teoria cinética dos gases.
533.9	Física dos plasmas.
534	Vibrações. Acústica.
535	Óptica. Luz.
535.1	Teoria da luz.
535.2	Propagação e energética da radiação. Fotometria.
535.3	Propagação. Difusão. Reflexão. Retração. Absorção. Emissão.
535.4	Interferência. Deflação. Dispersão por deflação.
535.5	Polarização. Dupla retração. Dispersão em corpos anisotrópicos.
535.6	Cores e as suas propriedades. Teoria da cor.
536	Calor. Termodinâmica. Transmissão de calor. Transferência de calor.
536.1	Teoria geral do calor.
536.2	Condução, transmissão do calor. Condução térmica, transmissão térmica.
536.3	Efeito dos corpos na radiação do calor.
536.4	Efeito do calor, da temperatura, sobre os corpos, sobre o seu volume ou estrutura.
536.5	Temperatura medida e controle da temperatura. Termômetros.
536.6	Medição da quantidade de calor. Calorimetria.
537	Eletricidade. Magnetismo. Eletromagnetismo.
537.1	Teoria da eletricidade.
537.2	Eletricidade estática. Eletrostática.
537.3	Corrente elétrica. Eletro cinética.
537.5	Fenômenos eletrônico e iônicos. Descargas elétrica. Plasmas. Radiações.
537.6	Magnetismo.
537.8	Eletromagnetismo. Campo eletromagnético. Eletrodinâmica. Teoria de Maxwell.
539	Natureza física da matéria.
539.1	Física nuclear. Física atômica. Física molecular.
539.2	Propriedades e estrutura dos sistemas moleculares.
539.3	Elasticidade. Deformação. Mecânica de sólidos elásticos.
539.4	Resistência à tensão.
54	Química. Ciências Mineralógicas. Cristalografia.
542	Química laboratorial. Química experimental e preparativa.
543	Química analítica.
543.2	Métodos químicos de análise.





544.1	Estrutura química da matéria.
544.2	Química física de sólidos, líquidos e gases.
544.3	Termodinâmica química.
544.4	Cinética química. Catálise.
544.5	Química dos processos de alta energia.
544.6	Eletroquímica.
544.7	Química dos fenômenos de superfície e colóides.
546	Química inorgânica.
547	Química orgânica.
548	Cristalografia.
549	Mineralogia.
55	Geologia. Ciências geológica e geofísicas. Meteorologia.
550	Ciências auxiliares da geologia.
550.1	Fisiografia.
550.2	Geoastronomia. Cosmogonia.
550.3	Geofísica.
550.4	Geoquímica.
550.7	Geobiologia.
550.8	Geologia e Geofísica aplicadas. Prospecção geológica. Interpretação dos resultados.
551	Geologia geral. Geodinâmica. Geomorfologia.
551.1	Estrutura geral da Terra.
551.2	Geodinâmica interna.
551.3	Geodinâmica externa.
551.4	Geomorfologia. Estudo das formas físicas da Terra.
551.5	Meteorologia. Climatologia.
551.7	Geologia histórica. Estratigrafia.
551.8	Paleogeografia.
552	Petrologia. Petrografia.
552.1	Características e propriedades das rochas em geral. Petrologia
553	Geologia Econômica. Jazidas minerais.
556	Hidrosfera. Hidrologia Geral.
556.1	Ciclo hidrológico, propriedades e condições. Balanço global da água.
556.3	Hidrologia das águas subterrâneas. Hidrogeologia.
556.5	Hidrologia das águas superficiais. Hidrologia da superfície terrestre.
56	Paleontologia.
57	Ciências Biológicas em geral.
572	Antropologia.
573	Biologia geral e teórica.

574	Ecologia geral. Biotecnologia. Hidrologia. Biogeografia.
575	Genética. Hereditariedade.
576	Biologia celular. Citologia.
577	Bases materiais da vida. Bioquímica. Biologia molecular. Biofísica.
578	Virologia
579	Microbiologia.
58	Botânica.
59	Zoologia.
6	CIÊNCIAS APLICADAS. MEDICINA. TECNOLOGIA.
61	Medicina. Ciências médicas.
62	Engenharia. Tecnologia em geral.
63	Agricultura, ciências e técnicas relacionadas. Silvicultura. Exploração agrícola. Exploração da fauna e da flora.
64	Economia doméstica.
65	Organização e administração da indústria, do comércio e dos transportes.
66	Tecnologia Química. Indústrias químicas e afins.
67	Indústrias e ofícios diversos. Tecnologia mecânica.
68	Indústrias, artes e ofícios de artigos acabados ou montados.
69	Indústria da construção. Materiais de construção. Métodos e práticas da construção.
61	Medicina. Ciências médicas.
62	Engenharia. Tecnologia em geral.
62-1	Características gerais das máquinas.
62-2	Partes e componentes fixos e móveis de máquinas
62-3	Elementos e peças de controle de fluidos. Válvulas etc.
62-4	Estado, condição, forma dos materiais, objetos, produtos.
62-5	Funcionamento e controle das máquinas e dos processos.
62-6	Máquinas segundo os combustíveis, as fontes de calor.
62-7	Serviço, manutenção, proteção de máquinas.
62-8	Máquinas segundo a natureza da força motriz, da propulsão. Fonte de energia da máquina.
62-9	Variáveis, condições e características dos processos, instalações e equipamentos de produção.
621.3.01	Estudos gerais. Teoria. Definições. Noções.
621.311	Centrais elétrica. Sistemas, equipamento e disposição do abastecimento de energia elétrica.
621.313	Máquinas elétricas.





621.319	Eletrostática aplicada.
621.32	Lâmpadas elétricas.
621.33	Tração e locomoção elétricas.
621.35	Tecnologia eletroquímica.
621.36	Termoeletricidade. Aquecimento elétrico.
621.37	Técnica das ondas elétricas, das ondas eletromagnéticas, das oscilações e impulsos elétricos.
621.375	Amplificadores.
621.38	Dispositivos eletrônicos. Tubos eletrônicos. Fotocélulas. Aceleradores de partículas. Tubos de raio x.
621.39	Telecomunicações. Telegrafia. Telefonia. Radio comunicação. Tecnologia e equipamento de vídeo. Tele controle.
621.391	Noções gerais sobre engenharia das comunicações elétricas. Cibernética. Teoria da informação. Teoria dos sinais (em relação às comunicações elétricas).
621.397	Tecnologia de vídeo. Engenharia de televisão. Gravação, transmissão e reprodução em vídeo. Equipamento e redes de vídeo. Vídeo.
628.1	Abastecimento, tratamento e consumo da água.
628.2	Escoamento das águas urbanas. Sistemas de esgotos.
628.3	Águas de esgotos. Águas usadas. Tratamento. Escoamento.
628.4	Higiene urbana. Resíduos sólidos. Recolha e destino.
628.9	Iluminação. Tecnologia da iluminação.
63	Agricultura ciências e técnicas relacionadas. Silvicultura. Exploração agrícola. Exploração da fauna e flora.
630	Exploração florestal.
631	Agricultura em geral.
632	Pragas e doenças das plantas. Proteção das plantas.
633	Plantas de cultura.
634	Horticultura em geral.
635	Plantas de jardim. Jardinagem.
636	Criação e reprodução de gado. Zootecnia.
639	Caça, pesca criação de peixe.
64	Economia doméstica.
640	Tipos de economia doméstica.
65	Organização e administração da indústria, do comércio e dos transportes.
65.01	Métodos e metodologia. Teoria e prática da organização.
651	Escritórios. Técnicas de trabalho de escritório.
651.2	Instalação e equipamento dos escritórios.
651.4	Tarefas e serviços de escritório.
651.7	Correspondência. Relatórios.

654	Telecomunicações e tele controle (organização e serviços).
655	Indústrias gráficas. Imprensa. Tipografia. Edição. Produção e comércio do livro.
656	Serviços de transporte. Serviços postais. Organização e controle de tráfego.
657	Contabilidade.
657.1	Métodos e sistemas de contabilidade.
657.2	Escrituração. Escrita.
657.3	Planos orçamentais. Balanços.
657.4	Contas. Planos de contas. Contabilidade analítica.
657.6	Auditoria.
658	Organização de empresas. Gestão de empresas. Técnicas de comércio
658.1	Formas de empresas. Financiamento das empresas.
658.15	Gestão financeira. Análise financeira.
658.2	Instalações. Edifícios. Meios materiais.
658.3	Recursos humanos. Pessoal. Relações humanas.
658.5	Organização da produção.
658.6	Técnica de comércio. Mercadorias. Prestações de serviços.
658.7	Compra. Aprovisionamento. Armazenamento. Administração dos materiais.
658.8	Marketing. Vendas. Distribuição.
658.9	Outras atividades comerciais.
659	Publicidade. Informação. Relações públicas.
659.1	Publicidade.
659.2	Informações.
659.3	Informação do grande público. Informação de massa.
659.4	Opinião pública.
66	Tecnologia química. Indústrias químicas e afins.
66.0	Engenharia química em geral.
661	Substâncias químicas.
662	Explosivos. Combustíveis.
665	Óleos. Gorduras. Ceras. Colas. Borracha. Resinas.
666	Indústria do vidro. Cerâmicas. Cimentos e betões.
666.1	Indústria do vidro. Tecnologia do vidro. Fabrico do vidro.
666.9	Indústrias de gesso, cal e cimento.
669	Metalurgia.
669.1	Siderurgia. Ferro e aço.
669.2/.8	Metalurgia dos metais não ferrosos. Metais não ferrosos.
669.21	Ouro.
669.22	Prata.
669.23	Metais do grupo da platina.





669.3	Cobre.
669.4	Chumbo.
669.5	Zinco.
669.6	Estanho.
669.7	Metais leves em geral.
67	Indústrias e ofícios diversos. Tecnologia mecânica.
676	Indústria da pasta de papel, do papel e do cartão.
677	Indústria têxtil.
678	Indústrias baseadas em materiais macromoleculares. Indústria dos plásticos.
68	Indústrias, artes e ofícios de artigos acabados ou montados.
681	Mecanismos e instrumentos de precisão.
681.3	Aparelhos e material de tratamento de dados. Informática.
681.31	Computadores e calculadoras em geral.
681.32	Sistemas, aparelhos e material de tipo digital.
681.34	Computadores digital-analógicos.
681.5	Automação. Sistemas, técnicas e equipamento de controle. Cibernética e tecnologia da automação.
681.51	Sistemas de controle automático em geral. Características técnicas da cibernética.
681.7	Aparelhos e instrumentos ópticos.
687	Indústria do vestuário. Confecção. Indústria de artigos de higiene destinados à estética corporal.
69	Indústria da construção. Materiais de construção. Métodos e práticas da construção.
691	Materiais de construção. Peças e partes componentes.
692	Peças e elementos de edifícios.
692.1	Fundações de edifícios.
7	ARTE. BELAS ARTES. LAZER. MÚSICA. JOGOS. DESPORTO.
71	Urbanismo. Planejamento territorial. Arquitetura paisagística.
72	Arquitetura.
72.01	Estética e teoria da arquitetura. Princípios do desenho arquitetônico, proporção, efeito óptico.
72.011	Desenho. Projeto. Plano. Disposição, divisão, distribuição do espaço, relação entre os espaços.
725	Construções públicas, civis, comerciais e industriais.
726	Arquitetura religiosa.
74	Desenho. Desenho artístico.
744	Desenho linear, geométrico e técnico.
745	Artes decorativas. Artesanato.

747	Decoração de interiores.
75	Pintura.
76	Artes gráficas. Gravura.
77	Fotografia.
771	Equipamento fotográfico.
778	Aplicações e técnicas especiais da fotografia.
778.5	Cinematografia. Fotografia da imagem em movimento.
78	Música.
8	LÍNGUA. LINGUÍSTICA. FILOLOGIA. LITERATURA.
80	Questões gerais referentes à Linguística e Literatura. Filologia.
81	Linguística e línguas.
81-11	Escolas e tendências em linguística.
81-2	Características particulares da linguagem.
81'0	Origens, períodos e fases de desenvolvimento das línguas.
81'1	Questões gerais de linguística.
81'2/'44	Campos de ação e facetas da linguística.
81'22	Teoria geral dos sinais. Semiologia. Semiótica.
81'23	Psicolinguística. Psicologia da linguagem.
81'24	Conhecimento prático das línguas.
81'25	Teoria da tradução (interpretação e tradução).
81'27	Sociolinguística. Uso das línguas.
81'28	Dialetologia. Linguística geográfica. Linguística regional.
81'34	Fonética. Fonologia
81'35	Ortografia.
81'36	Gramática.
81'366	Morfologia.
81'367	Sintaxe.
81'37	Semântica.
81'373	Lexicologia.
81'374	Lexicografia. Dicionários. Léxicos.
81'38	Estilística em geral.
81'42	Linguística do texto. Análise do discurso.
81'44	Tipologia das línguas.
811	Línguas
811.1	Línguas Indo-Europeias em geral.
82	Literatura.





82. 09	Estudos literários.
82-1	Poesia. Poemas. Versos.
821.134.3(81)-1	Literatura brasileira – Poesia, poema.
*82-1 (81)	Poesia brasileira.
82(81)-1	Poesia brasileira.
82-2	Teatro. Gênero dramático. Peças de teatro.
821.134.3(81)-2	Literatura brasileira – teatro.
*82-2(81)	Teatro brasileiro.
82(81)-2	Teatro brasileiro.
82-3	Obras de ficção. Prosa narrativa.
82-31	Romance
821.134.3(81)-31	Literatura brasileira – romance.
*82-31(81) -	Romance brasileiro.
82(81)-31 -	Romance brasileiro.
82-34 -	Conto.
*82-34(81) -	Conto brasileiro.
821.134.3(81) -34	Literatura brasileira- conto.
82(81)-34 -	Conto brasileiro.
82-4	Ensaios.
82-5	Arte oratória. Discursos. Sermões. Conferências.
82-6	Arte epistolar. Cartas. Correspondência.
82-7	Prosa satírica. Humor, paródias.
82-9	Outros tipos literários.
82-93	Literatura infantil.
82-93	Infanto-juvenil.
82.0	Teoria, técnica e estudos literários.
821	Literaturas relativas às línguas particulares.
821.111	Literatura inglesa.
821.133.1	Literatura francesa.
821.134.2	Literatura espanhola.
821.134.3	Literatura portuguesa.
821.134.3 (81)	Literatura brasileira.
*	número montado.
9	ARQUEOLOGIA. GEOGRAFIA. BIOGRAFIA. HISTÓRIA.
902	Arqueologia.
903	Pré-história.
904	Monografias locais e regionais.

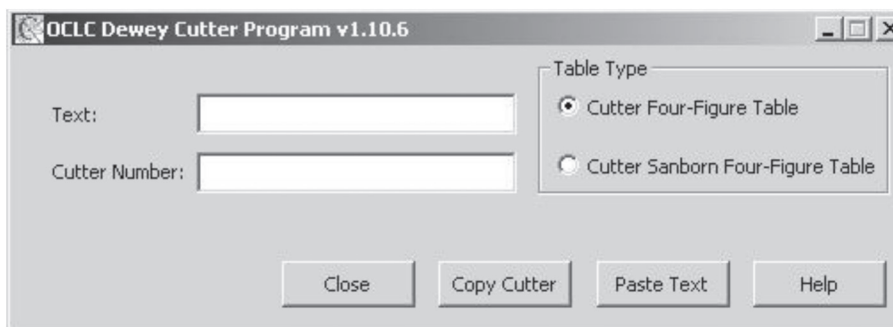
91	Geografia.
911	Geografia geral. Geografia sistemática. Geografia teórica.
911.2	Geografia física.
911.3	Geografia humana. Geografia cultural.
913	Geografia regional em geral. Geografia do mundo antigo e do mundo moderno.
91(817.3) ou 918.173 -	Geografia de Goiás
918.1/913 (81) -	Geografia do Brasil
913(4/9)	Descrição de regiões particulares do mundo moderno.
913(4)	Geografia da Europa.
913(5)	Geografia da Ásia.
913(6)	Geografia da África.
913(7)	Geografia da América do Norte e Central.
913(8)	Geografia da América do Sul.
913(9)	Geografia da Oceania e regiões polares.
929	Biografias. Estudos relativos às biografias. Genealogia
929.5	Genealogia.
93/94	História.
93	Ciências da história – historiografia, estudos históricos.
94	História em geral.
(091)	História como forma:
37(091)	História da Educação.
1(091)	História da Filosofia.
94(44)	História da França.
94(460)	História de Espanha.
94(469)	História de Portugal.
94(5)	História da Ásia.
94(6)	História da África.
94(73)	História dos Estados Unidos da América (USA).
94(817.3) ou 981(817.3) ou 981.73	História de Goiás.
94(81) ou 981	História do Brasil.
94(100)	História mundial - universal.
94(3)	História do mundo antigo.
82-94	História como gênero literário.
930.85	História da civilização.
82-95	História literária.





4.7 Número de Cutter

O número de Cutter é retirado da tabela de Cutter que determina um número indexado de cada sobrenome de autor para se colocar na ficha catalográfica e/ou na etiqueta de lombada. O exemplo abaixo apresenta a tabela *online* direto do Site da OCLC e seu link para ser acessado facilmente. Existe também a tabela impressa para ser adquirida, no entanto ela é pouco acessível.



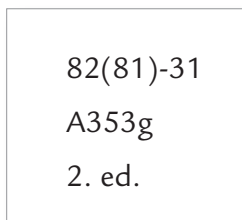
<http://www.oclc.org/dewey/support/program/license.htm>

- Exemplos dos números de Cutter de Alencar e Assis:

Alencar – 353

Assis AS76

- Modelo de etiqueta oficial, usando o número de Cutter que determina mais facilidade para a recolocação dos livros nas estantes, em ordem alfanumérica.



Exemplo de etiqueta com o número de Cutter de Alencar.

4.8 Catalogação

A catalogação é a descrição física do item e o número indexado de assunto, indicado pela tabela de classificação, em fichas para serem colocados em catálogos ou inseridos em softwares específicos.

As fichas catalográficas são úteis para, além de informar os dados físicos e temáticos, facilitar a busca do item. Elas deverão ser acondicionadas em fichários ou em pasta suspensas, quando digitadas em papel A4, ou ainda à escolha do professor dinamizador.

4.8.1 *Ficha catalográfica nível 1 de autor*

82-31(81)	Alencar, José de.
ALEN gua	O guarani : romance / José de Alencar. – 2. 47d. – São Paulo : Global, 2001.
	149. p.
	I. Literatura brasileira – Romance. II Título

Dimensão sugerida: 12,5 x 7,5 cm.

4.8.2 *Ficha catalográfica nível 1 de títulos ou secundária*

	O guarani : romance.
82-31(81)	Alencar, José de.
ALEN gua	O guarani : romance / José de Alencar. – 2. 47d. – São Paulo : Global, 2001.
	149. p.
	I. Literatura brasileira – Romance. II Título

Dimensão sugerida: 12,5 x 7,5 cm.

4.8.3 *Ficha catalográfica nível 1 de assuntos ou secundária*

	Literatura : romance.
82-31(81)	Alencar, José de.
ALEN gua	O guarani : romance / José de Alencar. – 2. 47d. – São Paulo : Global, 2001.
	149. p.
	I. Literatura brasileira – Romance. II Título

Dimensão sugerida: 12,5 x 7,5 cm.





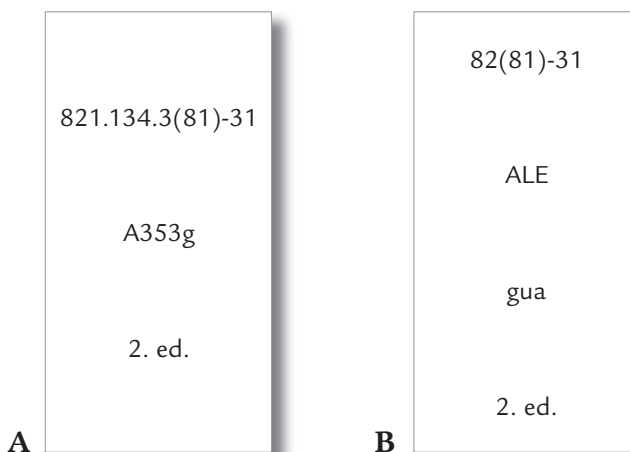
4.9 Etiquetagem

O processo de etiquetagem do acervo é feita na lombada e na página de rosto dos livros e periódicos, auxiliando assim na sua colocação e recolocação nas estantes. Tal trabalho facilita a organização e a busca, com rapidez no atendimento, principalmente em bibliotecas com grande número de livros e usuários, mas com poucos profissionais atuando. Em algumas bibliotecas usa-se a etiqueta com o código de barra da folha de rosto da obra, pois ela é mais apropriada para o uso com leitor ótico e alarme, elementos de custo financeiro bastante elevado.

4.9.1 Etiqueta de lombada

Na etiqueta de lombada oficial, mostrado no exemplo A, deve-se indicar o número de Cutter. Mas, como várias bibliotecas escolares não dispõem desse recurso, o exemplo B é uma sugestão de uma forma simplificada de etiqueta. A escolha do modelo deve ser feita pelo professor dinamizador, para que ele possa confeccioná-las da melhor maneira a atender às necessidades do acervo da biblioteca em atuação.

- a) No exemplo A observam-se o número de classificação, a primeira letra, em caixa alta, do sobrenome do autor seguido do número de Cutter e as duas primeiras letras minúsculas do título, excluindo o artigo, e a edição do exemplar. A configuração e a dimensão das etiquetas podem mudar, dependendo do software usado.
 - b) No exemplo B observam-se o número de classificação, logo abaixo as três primeiras letras maiúsculas do sobrenome do autor, na sequência as três primeiras letras do título em minúsculo e por último a edição do livro.
- As etiquetas deverão ser coladas a três centímetros, a medir de baixo para cima, na lombada do livro. Dimensão mais usada: 25,4 mm x 66,7 mm, código 6180.



4.10 Organização do acervo e o armazenamento nas estantes

Separar os livros, periódicos e outros segundo assuntos: biografia, crítica literária, poesia, romance, literatura estrangeira, literatura goiana, juvenil, infantil e segundo as áreas do conhecimento: língua portuguesa, matemática, ciências, geografia, história etc (separar ensino fundamental do ensino médio).

Colocar em ordem alfabética pelo sobrenome do autor, fazer a indexação e a classificação de 0 a 9. Colocar nas estantes seguindo a ordem crescente do número de classificação.

5 Atendimento e empréstimo

Os setores de referência ou de atendimento e empréstimo, na esfera da biblioteca escolar, podem ser unificados, em razão de haver apenas um professor dinamizador por período. Esse setor deve ser bem planejado e organizado, pois é considerado o cartão de visitas da biblioteca. É a partir do trabalho oferecido nesse setor da biblioteca, tanto na escolar quanto nas universitárias, públicas e outras, que é determinado o sucesso ou não da biblioteca.

O profissional atendente da biblioteca deve ser dinâmico, ágil e, como toda pessoa que faz atendimento ao público, deve ser paciente, respeitoso e educado. Mesmo em situações de embate com usuários, o bom senso e o profissionalismo devem prevalecer. Deve-se respeitar sempre a pessoa que está do outro lado do balcão, garantindo assim um ambiente acolhedor e harmonioso, o que provavelmente fará com que os estudantes sempre voltem à biblioteca.

5.1 Empréstimo domiciliar

O empréstimo domiciliar deve ser concedido apenas a alunos, professores e funcionários, com vínculo na instituição escolar. Os demais usuários poderão fazer apenas consulta e pesquisa, desde que não atrapalhem o andamento normal do recinto, sem direito a empréstimo. Esta informação deve constar no regulamento e estar em lugar visível na biblioteca.

Antes mesmo de iniciar o funcionamento da biblioteca é necessário que já estejam definidos o prazo e a quantidade de livros por leitor para o empréstimo domiciliar, as penalidades por atraso de entrega ou perda do exemplar, firmados no regulamento exposto em lugar de maior circulação e visão da biblioteca.

Para iniciar o empréstimo domiciliar são necessários: 1) a confecção da ficha de cadastro do usuário da biblioteca; 2) a carteira do usuário cadastrado na biblioteca, sejam eles estudantes, professores, funcionários administrativos, coordenadores ou gestores da unidade escolar; 3) e, finalmente, a preparação do livro para o processo de empréstimo ao usuário.





5.2 Ficha do usuário

Sugestão de modelo de ficha do usuário da biblioteca:

Biblioteca da COEF	
Número do registro:.....	Data:.....
Nome do usuário:.....	
Estudante () Professor () Funcionário () Gestor ()	
Afirmo conhecer o regulamento e as regras desta biblioteca e comprometo-me a respeitá-los:	
Assinatura do usuário:.....	
Série/disciplina:.....	
Turma:.....	Turno:..... N° de chamada:.....
Endereço:.....	
Tel: res:.....	com: celular:.....
recado:..... e-mail:.....	

Dimensão sugerida: 12 x 15 cm

5.3 Carteira do usuário da biblioteca

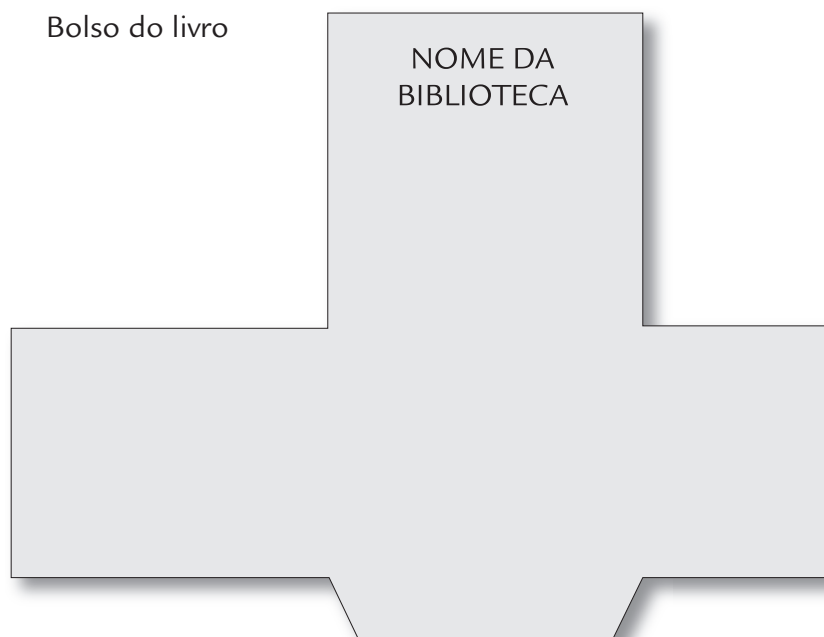
Sugestão de carteira do usuário da biblioteca:

COLÉGIO ESTADUAL DE GOIÂNIA	FOTO 3x4
BIBLIOTECA INFORMATIVA	
NOME:.....	
.....	
Estudante () Professor () Funcionário () Gestor ()	
N° de Mat. (do colégio):.....	
N° da ficha da biblioteca:.....	
Série/disciplina ministrada:.....	
Turno:.....	Turma:.....
N° de chamada:.....	

Dimensão sugerida: 6 x 6 cm.

5.4 Preparação do livro para empréstimo

Segue-se a sugestão de modelo do bolso do livro. Ele deverá ser colado no final do livro para acondicionar o cartão de devolução, aquele que registra a data de empréstimo, de devolução, renovação e assinatura do profissional que o recebeu.



Dimensão sugerida após a dobra: 12 x 20 cm.

- Cartão de devolução

Nº reg.:		Nº de clas.:	
Autor:			
Título:			
O LIVRO DEVERÁ SER DEVOLVIDO NA ÚLTIMA DATA REGISTRADA			
Data do empréstimo	Data de devolução	Renovação da data de devolução	Assinatura do professor dinamizador

Dimensão sugerida: 10 x 20 cm.

Esse cartão deverá ser afixado dentro do bolso do livro, mostrado anteriormente.



• Cartão do livro

Este cartão deverá ser colocado em fichário e em local de fácil acesso:

Nº reg.:		Nº de clas.:	
Autor:			
Título:			
Data de devolução	Data do empréstimo	Assinatura do leitor	

Dimensão sugerida: 12x15 cm.

*Cartão do livro/empréstimo.

*Item opcional. Os cartões de empréstimo dos livros devem ficar em fichário, preferencialmente separados por assuntos, em ordem alfabética por sobrenome do autor. Anotar os dados pedidos sempre que o livro for emprestado e devolvido.



6 Sinalização

A sinalização é a orientação sobre a área de circulação da biblioteca, para facilitar a localização do item procurado. Poderá ser feita através de cartazes em papel, cartolina ou placas, indicando os assuntos e onde encontrá-los. Exemplo: literatura estrangeira, literatura brasileira, literatura goiana, periódicos, fitas, mapas, vídeos, matemática, português, local de estudos em grupo etc.

A sinalização nas áreas externas é um procedimento importante, para direcionar e facilitar a chegada dos usuários à biblioteca, principalmente se ela estiver situada em local de difícil acesso e de pouca visualização.

7 Limpeza, conservação e segurança do acervo

Alguns procedimentos simples podem colaborar para a conservação de todo o acervo da biblioteca:

- a) não deixar que os livros fiquem em lugar totalmente fechados. Eles devem receber ventilação e limpeza diária, a fim de evitar sujeira, ácaros e mofo, cuidados importantes para que a biblioteca seja um local agradável e prazeroso;

- b) a limpeza dos livros, revistas, mapas e de todo o acervo deve ser feita periodicamente, com intervalo mínimo de dois meses, em cada exemplar separadamente, com produtos de limpeza apropriados;
- c) trabalhar a conscientização dos usuários, através de palestras, cartazes, conversas informais ou outros meios, de forma que o livro emprestado sempre retorne à biblioteca.
- d) evitar que o livro seja rasgado e /ou rabiscado. Sempre vistoriar os exemplares durante o processo de empréstimo – devolução;
- e) organizar as estantes e a mesa de recepção/empréstimo no espaço físico de maneira a facilitar a visualização do professor dinamizador, entre as estantes e em toda biblioteca;
- f) o professor dinamizador não deve permitir que grupos de pessoas obstruam a visualização geral da biblioteca;
- g) uma maneira eficaz de garantir que os livros emprestados sempre retornem à biblioteca é fazer convênio com a secretaria da escola para que esta possa cobrar dos estudantes os livros em atraso durante a entrega de boletins, declarações, transferências etc.;
- h) é importante programar pelo menos um dia, preferencialmente no final da semana, para visitar as salas de aula, com autorização da coordenação, para cobrar os livros não entregues ou outros itens em atraso;
- i) providenciar um local apropriado, na entrada da biblioteca, para que os usuários possam guardar seus pertences, aqueles com os quais não se pode adentrar no recinto.

8 Informatização do acervo

O trabalho de informatização depende de o acervo já estar com o processo técnico pronto, de ter computador potente, com os programas básicos atualizados e, finalmente, de dispor de software especializado para bibliotecas. O uso de softwares não especializados em bibliotecas pode fazer com que se percam todos os dados já cadastrados, principalmente na ocasião em que o acervo cresce e o software em uso não é especializado e não comporta uma quantidade maior de livros, ou não oferece certos recursos essenciais. Nesse caso, o professor dinamizador precisa digitar todos os dados novamente em outro programa especializado e mais completo. Com um programa apropriado basta fazer o processo técnico do acervo e inserir os dados pedidos nos espaços indicados.

Todos os programas especializados em bibliotecas, mesmo os gratuitos, geralmente estão dentro do protocolo internacional de gerenciamento Z 39.50, padrão de regras de informatização bibliográfica, que permite a migração de todos os dados já inseridos em outro sof-





ware também especializado e facilita a busca. Essas mudanças acontecem quando a instituição percebe a necessidade de mudar para outro programa melhor, mais completo. A partir de então, não haverá mais dificuldades.

8.1 Software para biblioteca

Uma sugestão de software livre especializado em biblioteca, com boa indicação por parte de especialistas da área, é o OPENBIBLIO. Para baixá-lo, basta entrar na Internet, no site abaixo, com a ajuda de um técnico em informática:

<http://openbiblio.incubadora.fapesp.br/portal/down>
<http://openbiblio.incubadora.fapesp.br/portal/down/builds/>

O programa, de fácil manuseio, vem acompanhado de um manual de uso e de instalação.

Referência

DRUCKER, Peter. *Por que planejar?* Disponível em: <http://www.gerenco.com.br/page2.html>. Acesso em: 30 nov. 2008.

Fontes consultadas

KRIEGL, Maria de Lurdes de Souza. *Leitura: um desafio sempre atual*. Disponível em: www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista_PEC/leitura_um_desafio_sempre_atual.pdf. Acesso em: 27 nov. 2008.

MANACORDA, Mario Alighiero. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 102 p.

OLIVEIRA, Lindamir Cardoso Vieira. *Iniciação à pesquisa: o novo e o velho espírito científico*. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/24/T11>. Acesso em: 7 set. 2007.

CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL/UDC Consortium; [tradução do original inglês, Francisco F. L. de Albuquerque e Maria Tereza G. F. Albuquerque; revisão Antônio Agenor Briquet de Lemos]. Brasília: IBCT, 1999. 1176 p.

RIBEIRO, Antonia Motta de Castro Memória. *AACR2: Anglo-American catalogin rullles*, 2. ed.: descrição e pontos de acesso. 2. ed. Brasília: Ed. do Autor, 2001. 577 p.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 577 p.



Livro didático: responsabilidades e competências

Maria Luiza Batista Bretas Vasconcelos

Histórico

O Governo Federal, por meio do Ministério da Educação, desde 1985 mantém o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), cuja responsabilidade está a cargo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Esse programa consiste na distribuição gratuita de livros didáticos a todos os alunos da rede pública do país e tem como objetivos a formação de novos leitores e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade de ensino.

Historicamente, o programa do livro didático no Brasil existe desde 1929, ano de nascimento do Instituto Nacional do Livro (INL), que desempenhou um importante papel na legitimação do livro didático nacional e trouxe, na sua origem e ao longo de sua existência, aumento na produção e maior qualidade no material editado. Durante essas oito décadas, o programa do livro didático passou por várias modificações e foi coordenado por diferentes órgãos do MEC, como a Fundação Nacional do Material Escolar (Fename), cuja extinção deu lugar à Fundação de Assistência ao Estudante (FAE). Por fim, com o Decreto nº 91.542, de 19 de agosto de 1985, foi criado o PNLD. Esse documento estabeleceu várias diretrizes que foram aperfeiçoadas e perduram até hoje, tais como: a) a indicação do LD pelo professor; b) a reutilização do livro por três anos, abandonando assim a prática do livro descartável; c) o aperfeiçoamento das especificações técnicas para a produção do LD, dando maior durabilidade ao produto; d) fim da participação financeira dos estados e estabelecimento da responsabilidade de todo o processo ao FNDE.¹

No início da década de 1990, o PNLD conheceu momentos de dificuldades, quando a distribuição dos livros ficou comprometida por questões orçamentárias. Ao vincular recursos para a aquisição de material didático destinado aos estudantes da rede pública, o FNDE começa

1. Informações retiradas do sítio do FNDE: (www.fnde.org.br) e nos links que tratam do histórico do PNLD e do PNBE.

**MARIA LUIZA BATISTA BRETAS
VASCONCELOS**
Doutoranda em Letras e
Linguística e Coordenadora do
Ensino Fundamental, Seduc-GO.



a regularizar o processo de compra e distribuição dos livros, alcançando um grande avanço quando inicia o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos em 1996 para o programa de aquisição do ano seguinte. Essa estratégia provocou um movimento em cadeia de melhoria na produção editorial, pois “os livros que apresentam erros conceituais, indução a erros, desatualização, preconceito ou discriminação de qualquer tipo são excluídos do *Guia do Livro Didático*”, procedimento que é adotado até a presente data.

Nas duas últimas décadas, o FNDE tornou-se o maior comprador de livros do mundo. Em nenhum outro país existem números que se igualem aos que o FNDE apresenta quando se trata da aquisição de livros didáticos para a Educação Básica no Brasil. Os três programas do livro didático do MEC – Programa Nacional do Livro Didático, (PNLD), que atende ao ensino fundamental, de 1º ao 9º ano, o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) e o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA) – beneficiaram juntos 31,1 milhões de alunos de 139,8 mil escolas públicas, no ano de 2007. As ações do PNLD em 2008 completaram a entrega de livros didáticos para toda a Educação Básica, incluindo também a distribuição para a Educação de Jovens e Adultos, em todos os seus componentes curriculares. Trata-se de um programa de proporções gigantescas e de grande importância para professores e alunos, pois em grande parte das escolas brasileiras o livro didático ainda é instrumento solitário do fazer pedagógico docente.

O livro didático é, sem dúvida, uma ferramenta essencial na prática cotidiana da leitura na escola. Entretanto, não é por meio da leitura dele que se forma o leitor, mas sim através da leitura literária. Segundo Eliana Yunes, catedrática da Unesco para questões da leitura, a literatura é a porta mágica para a formação do leitor e a sua leitura não deve reclamar a necessidade da compreensão do texto ou da interpretação da obra. Quando se deixa tocar pelas sensações e percepções da leitura e realiza dessa forma sua união com a linguagem, o leitor fortalece a sua subjetividade e a sua ação crítica.²

Nesse sentido, e concomitantemente com a distribuição do livro didático a todos os estudantes das escolas públicas do país, o FNDE faz distribuições anuais de acervos literários, montados a partir de seleções criteriosas feitas por especialistas, ora privilegiando uma determinada faixa etária da escola, ora contemplando a própria unidade escolar. Essa ação do PNDE é chamada de Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), cujo objetivo principal é promover o acesso à cultura, à informação e à formação de leitores nas escolas brasileiras.

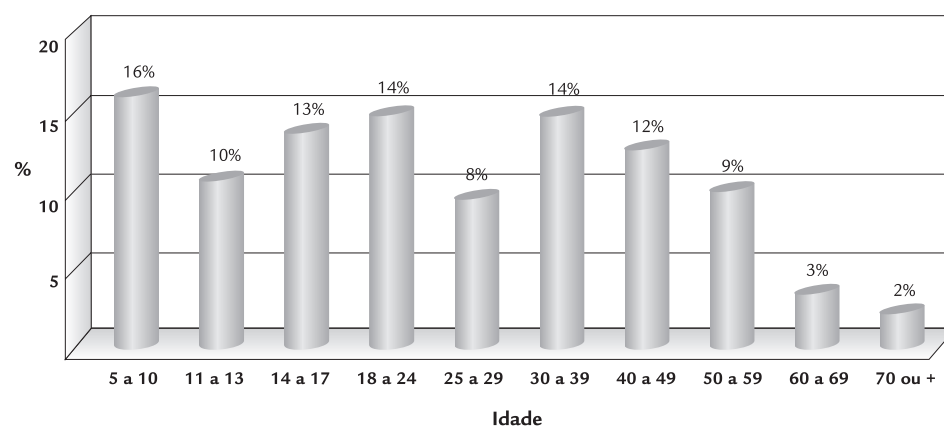
A mediação da leitura, centrada na figura e no papel do professor, deve merecer especial atenção dos órgãos públicos competentes na dis-

2. OSWALD, Maria Luiza; YUNES, Eliana. *A experiência da leitura*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 15.

tribuição de livros informativos e literários, pois essa ação é o primeiro passo para a formação do hábito de leitura na escola. Resgatar a leitura como experiência lúdica e prazerosa, por meio da diversidade textual e dos suportes multimídias, além da dinamização de bibliotecas e salas de leitura, transforma a leitura no ambiente escolar em prática social e possibilita, ao mesmo tempo, a expansão e a inserção do indivíduo na sociedade, pois o ato de ler é mais do que simplesmente decifrar o código de uma língua. Todavia, as experiências e práticas de leitura na escola só são possíveis se houver material de qualidade disponível.

Em se tratando do livro didático e de todas as suas implicações no espaço escolar, a biblioteca pode e deve desempenhar um importante papel. Desde o processo de escolha dos livros, da sua chegada e distribuição aos alunos, da sensibilização para com a sua conservação e do processo de descarte do material, o professor dinamizador poderá, em conjunto com os professores e gestores, mobilizar a comunidade educativa, inclusive os pais dos alunos, para que seja dada a devida importância a esse importante programa nacional do Ministério da Educação.

Para se ter noção da abrangência e eficiência do PNLD, pode-se recorrer aos dados fornecidos pela recente pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro e pela Câmara Brasileira do Livro, em novembro de 2007, e divulgada em maio de 2008. A população estudada, por amostragem, foi de 172.731.959 habitantes. Segundo a pesquisa, 85% dos entrevistados passam a maior parte de sua escolaridade na escola pública, local onde o Programa Nacional do Livro Didático acontece.



Fonte: sítio do Instituto Pró-Livro (www.prolivro.org.br)

O resultado obtido pela pesquisa mostra que o maior percentual de leitores no Brasil encontra-se entre os 5 e 10 anos, faixa etária em que os alunos são mais estimulados à leitura e em que o livro didático vem desempenhando, gradativamente, seu objetivo de auxiliar na formação de novos leitores, ainda que não seja por meio dele que essa formação efetivamente se concretize. Prova disso é que na primeira pesquisa Retratos



da leitura no Brasil,³ realizada em 2000, a média anual de livros lidos por habitante por ano no país era de 1,8 livros, e nessa última saltamos para 4,7 livros, incluindo nesse quantitativo a leitura dos livros didáticos.

As funções do livro didático

No item anterior fica claro, pelos números, que o esforço desempenhado pelo governo federal para salvaguardar o direito das crianças e jovens brasileiros de terem acesso a livros de qualidade vem mostrando resultados positivos. Pode-se afirmar que o Brasil já avançou muito no que diz respeito à sua política pública de aquisição e distribuição de livros didáticos, paradidáticos e literários para os estudantes da educação básica, servindo até mesmo de exemplo para outros países. Entretanto, para que se alcancem níveis satisfatórios de desempenho escolar, é preciso que as três instâncias desse programa – autores/editores, governos, professores/alunos – não trilhem caminhos paralelos que nunca se cruzam, mas que caminhem juntas, numa mesma direção e com o mesmo objetivo: o aprendizado efetivo e autônomo do aluno.

Desde o momento da concepção do livro didático pelos autores, da sua concretização pelas editoras, da escolha e aquisição feita pelas unidades escolares e pelo FNDE, até a sua chegada e utilização dentro da sala de aula pelos professores e alunos, é importante que se tenha em mente, por todos esses atores envolvidos no processo, quais funções o livro didático pode desempenhar como ferramenta necessária e eficaz para a busca de uma educação de qualidade.

Três foram as fontes de pesquisa sobre o tema trazidas para a discussão neste caderno: as funções enumeradas pelo Guia de escolha do livro didático do PNLD de 2008, as entrevistas concedidas por Rui Falcão, jornalista e advogado, e pela autora e pesquisadora Magda Soares, doutora em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e estudiosa sobre o assunto.

O Guia de escolha do PNLD de 2008 baseia-se no estudo de Gérard e Roegiers, pedagogos belgas que pesquisaram o assunto, para elencar as funções que um bom livro didático deve ter:

- 1. Transmissão de conhecimentos:** a mais valorizada e divulgada das funções não deve, no entanto, sobrepor-se às outras, pois dessa forma o LD estaria sempre sedimentando o ensino tradicional em detrimento de abordagens e concepções inovadoras de ensino;
- 2. Desenvolvimento de capacidades e competências:** um bom LD deve instigar o aprendiz a desenvolver sua intelectualidade por meio de exercícios criativos e desafiadores;

3. Nessa pesquisa foi considerado como leitor o entrevistado que havia lido pelo menos um livro nos três meses anteriores ao momento da pesquisa.



3. **Consolidação de conhecimentos práticos e teóricos adquiridos:** por meio da indução, o LD deve relacionar os conteúdos aprendidos com a vivência do aprendiz;
4. **Avaliação dos conhecimentos práticos e teóricos adquiridos:** um LD de qualidade pode auxiliar o aluno – e o professor – a detectar suas dificuldades de aprendizagem – e ensino – e propor caminhos para sua superação;
5. **Referência para informações precisas e exatas:** sendo um material de pesquisa do aluno – muitas vezes o único que ele possui em casa –, o LD deve ser uma obra de referência e fonte de esclarecimentos;
6. **Informação científica e geral:** uma importante função do LD está na qualidade, correção e atualização da informação científica;
7. **Formação pedagógica diretamente relacionada à disciplina em questão:** um bom LD deve acompanhar as transformações e avanços de sua área do saber, assim como deve atualizar o como e o que ensinar;
8. **Ajuda no desenvolvimento das aulas:** uma das funções mais conhecidas do LD é a de funcionar como um roteiro, ou plano detalhado da aula;
9. **Ajuda na avaliação:** o LD funciona como uma importante ferramenta de validação da aprendizagem, assim como pode ser um bom recurso para legitimar a avaliação das competências, habilidades e conteúdos desenvolvidos em sala de aula.⁴

O conjunto das funções enumeradas acima, e não cada uma delas em separado, pode favorecer e melhorar o trabalho do professor com o livro didático em sala de aula. Com outro olhar, porém de forma aglutinadora em relação às funções já descritas, Alain Choppin,⁵ especialista na história dos livros didáticos, estabelece que eles exercem quatro funções essenciais, a saber: **1. Função referencial:** o LD, por meio de um currículo estabelecido como suporte de seu conteúdo, transmite às novas gerações as habilidades, competências e técnicas de um grupo social; **2. Função instrumental:** o LD põe em prática o *como ensinar*, por meio de diferentes exercícios e atividades; **3. Função ideológica e cultural:** função mais antiga e estratégica do LD na construção de identidade nacional, ainda pode ser também um instrumento de aculturação e de doutrina das jovens gerações, o que pode ser exercido “de maneira explícita, sistemática e ostensiva, ou, ainda, de maneira dissimulada,

4. Informações disponíveis em: <http://www.fnnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=livro_didatico.html>.

5. As funções descritas por Choppin foram apontadas por Rui Falcão, em artigo intitulado *O livro didático sob o risco de alienação*. Esse artigo foi postado pelo Grupo Beatrice, em 28/5/2008, e encontra-se disponível em: <<http://grupobeatrice.blogspot.com/2008/05/o-livro-didatico-sob-o-risco-de-alienacao>>.





sub-reptícia, implícita, mas não menos eficaz”; e, finalmente, **4. Função documental**: o LD torna-se uma fonte de documentos na ampliação da visão de mundo do aluno.

Para Magda Soares, o livro didático é muito mais que um instrumento de trabalho do professor, suas funções vão muito além: “Professores e alunos, avaliadores e críticos que manipulam os livros didáticos nem sempre se dão conta de que eles são o resultado da longa história da escola e do ensino”.⁶ Para essa defensora do LD, o professor deve ter o cuidado de não se deixar manipular pela imposição do uso diário do livro didático, seguindo-o com exclusividade, pois é aconselhável que ele não renuncie a sua liberdade e autonomia de buscar novas fontes de material e atividades que possam enriquecer ainda mais seu processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Soares, as críticas de que o uso do LD objetiva oprimir e submeter professores, favorecendo o enriquecimento de editoras, são oriundas de quem não conhece ou não respeita as condições de trabalho do professor no Brasil. Há que se reconhecer que o LD nasce do trabalho de pesquisa de um autor, que quase sempre possui mais experiência e que, com mais vagar e tempo, procura selecionar textos adequados, atividades e informações pertinentes à faixa etária do aluno, tarefa que demanda tempo, e condições que normalmente o professor não teria.

Outro fator colabora para com a avaliação positiva da política do MEC com relação à aquisição e distribuição do LD às crianças e jovens do país: trata-se da transparência e eficácia do processo de seleção dos livros didáticos que são entregues anualmente aos estudantes brasileiros. Primeiramente, os livros inscritos para análise são rigorosamente vistoriados pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), da Universidade de São Paulo, que verifica a qualidade técnica do produto: gramatura do papel, resistência, durabilidade. Em seguida, as coleções aprovadas nessa primeira triagem são entregues a uma equipe de conceituados especialistas na área, de diversos estados da federação, que é convidada a proceder à análise.

O processo de escolha e a distribuição dos livros na escola

Descritas algumas das funções do livro didático, percebe-se que não restam dúvidas de que ele é uma importante ferramenta de trabalho do professor e, muitas vezes, é ele também o único material da cultura escrita com a qual a criança tem contato ao longo de sua vida. Daí a importância de que se reveste o processo de escolha do LD dentro da escola. Faz-se necessário estar atento às inúmeras situações externas para que se possa estudar, refletir e decidir com calma, coletivamente, qual será a coleção de livros didáticos que melhor atenderá o professor e seus alunos no coti-

6. Informações retiradas da entrevista intitulada “Livro didático: contra ou a favor?”, concedida à revista *Nós da Escola*.

diano da sala de aula. Afinal, a escolha, bem ou mal feita, perdurará por três anos. Trata-se de um caminho sem volta: uma vez escolhido, o professor deverá planejar suas atividades em torno daquele livro.

Rui Falcão, advogado, jornalista e político, expõe uma preocupação diante do rápido crescimento das empresas multinacionais no domínio do mercado editorial brasileiro. Entre as seis maiores editoras que detêm o mercado do livro em território nacional, quatro delas estão em mãos estrangeiras. Essa questão leva a uma reflexão importante no momento da escolha do livro didático que será utilizado na escola durante três anos: como deve ser feito o controle do conteúdo do livro didático, de dentro para fora ou de fora para dentro?

Uma boa escolha do livro didático deve estar pautada no conhecimento do currículo a ser seguido, pois o livro não pode entrar em choque com os conteúdos a serem ministrados em sala de aula. Nesse sentido, um importante instrumento para auxiliar o professor é o Caderno 5, do processo de reorientação curricular que contempla as matrizes curriculares para o ensino fundamental de 1º ao 9º ano. Desde 2004, esse processo vem sendo desenvolvido pela Seduc, em parceria com as universidades Católica, Estadual e Federal de Goiás, o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Ações Comunitárias (Cenpec) e o Itaú Social. Em 2007 e 2008, esse processo foi acelerado e contou com a participação de nove mil professores da rede estadual que discutiram e auxiliaram os professores da Coordenação do Ensino Fundamental na elaboração desse importante documento.

O processo democrático de construção das matrizes curriculares e das expectativas de aprendizagem que compõem o Caderno 5 vem recebendo elogios e reconhecimento nacional. Além da construção coletiva, há que se ressaltar o avanço alcançado na sua concretização, como, por exemplo, a inserção da matriz de ensino religioso e de educação física para todo o ensino fundamental. Na área da arte estão contempladas todas as quatro linguagens: artes visuais, dança, música e teatro, inovações percebidas não só na concepção como também no aspecto gráfico de sua elaboração.

De posse do Caderno 5, do Guia de escolha do livro didático do FNDE e dos livros enviados pelas editoras às escolas, os professores devem se organizar, primeiro coletivamente, para estabelecer os pontos a serem verificados nos livros didáticos que correspondem ao projeto político-pedagógico da escola. Em seguida, devem-se organizar em grupos, por área do conhecimento, para discutir com mais detalhes se o livro didático em questão está de acordo com as nossas matrizes curriculares, documento oficial da Secretaria de Educação para orientar os professores no seu fazer pedagógico. Esse documento foi exaustivamente discutido, escrito, reescrito, e por fim validado e referendado por milhares de profissionais da educação goiana, e, por esse motivo, merece ser considerado e respeitado como tal.





Nessa perspectiva, algumas questões norteadoras podem auxiliar o trabalho do coordenador pedagógico e dos professores no caminho da descoberta de qual é o livro didático que melhor atenderá aos seus anseios e expectativas e irá auxiliá-los na complexa tarefa de mediar e facilitar a aquisição do conhecimento por parte de seus educandos. Eis algumas questões:

1. Os conteúdos do livro didático estão de acordo com os conteúdos estabelecidos pelas matrizes para o bimestre e ano escolar?
2. As atividades e exercícios propostos estimulam o desenvolvimento das habilidades e competências dos aprendizes?
3. Levando-se em consideração que o livro didático é uma importante fonte de pesquisa para o aluno, o livro em questão responde às questões e necessidades de informações sobre aquele conteúdo específico?
4. O livro didático contribui para a construção da identidade do aluno e da comunidade escolar?
5. O livro didático oferece contribuições para abordagens e concepções inovadoras de ensino e aprendizagem?
6. Os textos são pertinentes aos interesses dos nossos alunos?
7. Há diversidade textual nos livros da coleção?
8. O livro didático auxilia o professor no processo avaliativo do aluno?
9. O livro do professor é rico em sugestões de atividades e acompanha o docente no planejamento de sua aula?
10. O livro didático possibilita ao aluno um alargamento de sua leitura de mundo?

Essas e outras questões podem ser colocadas pelos professores no momento em que eles se propuserem a estudar as coleções disponíveis. Ao responderem tais questionamentos, com certeza estarão aptos para escolher as coleções de livros didáticos que mais atendem aos interesses e expectativas da comunidade escolar. O professor dinamizador da biblioteca deve acompanhar tal movimentação na escola e participar ativamente com os professores do processo de escolha. Afinal, o programa do livro didático é responsabilidade de todos e, além disso, tudo o que se refere ao livro dentro da escola – didático, paradidático, informativo ou literário – pressupõe uma atenção especial de quem se dedica a organizá-los e oferecê-los à comunidade escolar.

A reserva técnica e o siscort

Feita a escolha das coleções de livros didáticos, os professores devem repassar ao diretor o resultado dessa escolha para que ele faça o

registro do pedido que, a partir de 2010, será feito exclusivamente pela internet, utilizando-se para isso uma senha anteriormente enviada para a escola através dos Correios, juntamente com o Guia do Livro Didático. Atenção! Essa senha é pessoal e intransferível e o gestor deve ter todo cuidado com esse documento para que ele não caia nas mãos de terceiros. Para estabelecer o quantitativo de alunos e proceder à aquisição dos livros escolhidos pela escola, o FNDE/MEC leva em consideração os números disponíveis pelo censo escolar realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC), daí a importância de se manter atualizado o quantitativo de alunos de cada escola.

Embora a projeção estatística do número de alunos seja feita para que se chegue o mais próximo possível da realidade da escola, muitas vezes o quantitativo de exemplares enviados pelo FNDE não corresponde ao número de alunos, seja pela chegada de novos estudantes, seja pela transferência de outros, seja pela abertura de novas escolas ou ainda pela não conservação ou devolução das obras no final do ano letivo. Em face dessa situação, foram criados dois importantes serviços que se colocam à disposição da comunidade escolar com o objetivo de sanar os problemas com a falta ou com a sobra de livros: o Siscort e a reserva técnica.

O Sistema de Controle de Remanejamento e Reserva Técnica (Siscort) está disponível no sítio eletrônico do FNDE para que as escolas possam verificar se há livros disponíveis nas unidades escolares mais próximas e assim entrar em contato para solicitá-los. Por outro lado, no caso de haver sobras de livros, a escola coloca no sistema a sua disponibilidade para que outras unidades possam se beneficiar dessa sobra e assim atender a todos os seus alunos. Problemas com a não conservação ou a devolução dos livros não são resolvidos pelo Siscort, ainda que esse sistema preste um valioso serviço no remanejamento dos livros didáticos. Para solucionar esses problemas, que anualmente obrigam o FNDE a adquirir mais 13% do valor total de investimentos com as obras, e também para atender à demanda das escolas novas que são construídas, o FNDE criou a reserva técnica.

O recebimento e a distribuição dos livros que compõem a reserva técnica são de inteira responsabilidade das secretarias estaduais de educação. O FNDE envia para as secretarias 3% do total de livros adquiridos para todo o estado e a seleção dos títulos a serem enviados recai sobre os dois títulos mais citados pelos professores naquela edição de compra. As escolas devem solicitar à Gerência do Livro Didático (contatos e endereço no final deste texto) a quantidade de livros que está faltando. A prioridade de atendimento das solicitações de livros é para as escolas novas, recém-criadas, e em seguida, atende-se aos pedidos por ordem de chegada.



Atenção!

Uma biblioteca não deve conter mais que 5% de seu acervo em livros didáticos, novos ou usados. Os novos devem fazer parte de uma pequena reserva técnica para os prováveis alunos que a escola possa vir a receber, para repor os livros não devolvidos ou que se encontrem em estado precário de conservação. O Siscort é uma importante ferramenta colocada à disposição da escola para que a biblioteca não se transforme em depósito de livros didáticos. Os livros usados, com mais de três anos de vida útil, podem ser descartados conforme se verá a seguir.



A conservação e o descarte dos livros usados

É comum nas visitas às escolas que as pessoas se deparem com um acúmulo de livros didáticos – novos ou usados – dentro das bibliotecas. Em sua grande maioria, as escolas não possuem um lugar reservado para o depósito de material, fazendo com que a biblioteca se transforme em local de depósito para equipamentos e materiais (instrumentos de fanfarra, computadores obsoletos, fantasias etc.) que já não têm utilidade dentro da escola, ou que são usados esporadicamente, ou que existam em excesso. Essa prática muitas vezes acontece pela falta de espaço nas escolas, mas também pelo fato de que a biblioteca não é um ambiente muito frequentado, e, portanto, livre dos olhares dos alunos, professores, ou mesmo visitantes.

Em se tratando do livro didático, algumas decisões devem ser tomadas pelo grupo gestor da escola, juntamente com professores, alunos, pais e o conselho escolar, para que seja dado a esse material um tratamento adequado e útil. A unidade escolar não deve se esquecer jamais de que toda e qualquer decisão tomada pelo conselho escolar é lavrada em ata e assinada pelos membros presentes. Esse cuidado é importante, pois irá respaldar o grupo gestor em situações embaraçosas que possam surgir posteriormente.

A legislação vigente que trata da questão do desfazimento do livro didático tem na Resolução nº 03, de 14 de janeiro de 2008, vários artigos e parágrafos. São eles:

Art. 7º Ficará a cargo da escola atribuir ao responsável pelo aluno a responsabilidade pela conservação e devolução dos livros entregues, mediante assinatura de instrumento próprio, cujo modelo, a título de sugestão, consta do anexo II desta Resolução em www.fnnde.gov.br.

Art. 8º A entrega dos livros do PNLB às escolas e às secretarias/órgãos de educação dos Estados, dos Municípios e do Distrito Federal, será processada na forma de doação...

Parágrafo 1º O encargo referido no caput é a obrigatoriedade da donatária [escola] manter e conservar em bom estado de uso o livro didático, durante o prazo de 3 (três) anos, contados da tradição do bem [do recebimento dos livros].

Parágrafo 2º Durante o prazo referido no parágrafo anterior, os livros serão repassados aos alunos para uso, durante o período letivo, a título de cessão temporária, sendo que o aluno, pai ou responsável se obriga a devolvê-lo ao final de cada ano.

Parágrafo 3º Os governos estaduais, municipais e do Distrito Federal poderão instituir regulamentação específica, respeitada a legislação vigente, imputando responsabilidades aos gestores escolares e aos alunos, pais ou responsáveis.

Art. 9º Após decorrido o prazo estabelecido no Parágrafo 2º do art. 4º desta Resolução, o bem doado passará a integrar, definitivamente, o patrimônio da entidade donatária, que adotará a sua legislação específica para o desfazimento desse bem, quando o mesmo for considerado irrecuperável.

Como se percebe, a conservação e o desfazimento do livro didático são de responsabilidade da escola. Para que não se cometa nenhum deslize e para que a escola esteja respaldada nas suas deliberações, evitando assim denúncias e outros constrangimentos, é importante que todas as decisões sejam tomadas pelo Conselho Escolar e sejam registradas em ata, com as devidas assinaturas. Da parte da Seduc, algumas sugestões podem ser indicadas:

Sobre a conservação e a devolução:

1. O professor dinamizador da biblioteca pode e deve se ocupar da conservação dos livros juntamente com os alunos propondo oficinas de recuperação;
2. O professor de arte pode auxiliar no processo de conservação dos livros fazendo oficinas com os alunos;
3. No Dia Nacional do Livro Didático – 27 de fevereiro –, que coincide com o início do ano letivo, a comunidade pode se mobilizar, junto às crianças e aos pais, para se dedicarem a restaurar os livros que se encontram em mau estado de conservação;
4. Cobrar insistentemente dos pais o preenchimento e assinatura do termo de compromisso de devolução do LD.





TERMO DE RESPONSABILIDADE DE UTILIZAÇÃO DE BEM PÚBLICO - PNLD/PNLEM

(Anexo da Resolução/CD/FNDE nº 3, de 14 de janeiro de 2008)

NOME DA ESCOLA: _____

NOME DO (A) DIRETOR (A): _____

NOME DO ALUNO: _____

UNICÍPIO: _____

ANO LETIVO: _____

SÉRIE: _____

Assumo, sob as penalidades da Lei, a responsabilidade de devolver ao final do ano letivo ou em caso de transferência/desistência, os livros do Programa Nacional do Livro Didático que ora recebo, em perfeito estado de conservação.

ANO	SÉRIE	DISCIPLINA	ENTREGA	DATA	ASSINATURA	DEVOLUÇÃO	DATA	ASSINATURA

RESPONSÁVEL PELO ALUNO: _____

R.G. OU CPF: _____

ENDEREÇO: _____

TELEFONE: _____

Sobre o descarte ou desfazimento:

1. Doar ao aluno ao final do terceiro ano de uso consecutivo do livro;
2. Doar às instituições de caridade ou filantrópicas, sem fins lucrativos, para que façam uso dos livros como bem lhes aprouver, mediante termo de doação assinado;
3. A reserva técnica da Seduc, que se localiza na Coordenação do Ensino Fundamental, não receberá mais os livros em situação de descarte.

Atenção! O descarte de livros didáticos novos ou usados, ainda dentro do prazo dos três anos de validade, é crime! Nesse caso, o gestor da escola pode ser acusado de improbidade administrativa e contra ele pode ser aberto um processo administrativo. Portanto, o descarte deve ser feito observando-se rigorosamente as datas, o regimento da escola e a legislação vigente sobre essa questão. Todo o processo de descarte deve ser realizado de comum acordo com a comunidade escolar, relatado em ata e com a anuência do Conselho Escolar.

Como se vê, o Programa Nacional do Livro Didático vem contribuindo de forma inquestionável para a melhoria da qualidade da educação no Brasil. Mas ainda há muito a ser feito. Para que o programa ainda alcance níveis melhores de eficiência, ele depende, sobretudo, da importância e atenção que lhe são dadas na escola. Nessa perspectiva, o trabalho do professor dinamizador das bibliotecas escolares é ímpar e pode fazer uma significativa diferença.

Livro didático:
responsabilidades
e competências

Contatos

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE
Diretoria de Ações Educacionais
Coordenação Geral dos Programas do Livro
SBS - Quadra 2 - Bloco F - Edifício FNDE - Sala 1401 - Brasília - DF
CEP: 70070-929
Tel.: (61) 3966 4919/3966 4915
Email: cac@fnde.gov.br

Mais informações sobre o programa na Sala de Atendimento Institucional do FNDE, pelo telefone 0800 616161 (ligação gratuita). Para falar com o FNDE, digite 2 e, em seguida, digite 5, ou ainda pelos números (61) 3966.4142/4135/4165.

Reserva Técnica
Secretaria de Estado da Educação de Goiás
Coordenação do Ensino Fundamental
Gerência do Livro Didático
Av. Santos Dumont Q 7 Lt 10 - Vila Nova - Goiânia - GO
CEP: 74643-030
Tels: (62) 3201.3224/3223





Biblioteca escolar: um espaço dinâmico

Elenir de Faria Corrêa

Ivoneide Maria de Almeida Bertelle

Katherine Nascimento Seixas

Sizeny Narciso de Moraes

O professor dinamizador da biblioteca é o principal responsável pela mobilização da biblioteca da escola. Cabe a ele promover a divulgação dos recursos disponíveis na biblioteca, facilitando o acesso contínuo ao acervo pelos usuários, além de fomentar o gosto pela leitura, razão pela qual deve ser amante dos livros. Para que a biblioteca seja ativa, com um ambiente acolhedor e agradável, o professor dinamizador de biblioteca também precisa ser dinâmico, aberto ao novo, criativo, capaz de promover situações diversas que favoreçam o desenvolvimento do hábito de leitura. Vale ressaltar que esse trabalho é impossível de ser desenvolvido isoladamente. O professor dinamizador de biblioteca precisa trabalhar em sintonia com a coordenação pedagógica e demais professores, desenvolvendo um trabalho de parceria.

Perfil do professor dinamizador da biblioteca escolar¹

- ser professor PIV, preferencialmente;
- gostar de ler, demonstrar habilidade com leitura, interpretação de texto e trabalho em grupo;
- contribuir para a utilização e integração das tecnologias de informação e comunicação como instrumento básico de trabalho;
- ser criativo, atencioso, dinâmico, responsável, solícito, organizado, expressivo, pontual e assíduo;
- ter facilidade em buscar parceria para obtenção de recursos para a biblioteca;
- ter habilidade na efetivação de dinâmicas de grupo e capacidade de atuação com diferentes grupos e de diferentes faixas etárias;
- ter interesse em elaborar, executar, monitorar e avaliar projetos de incentivo à formação de leitores;

1. Sobre o perfil e atribuições do professor dinamizador da biblioteca e sobre o seu funcionamento, observar também as Diretrizes Operacionais da Rede Pública Estadual de Ensino de Goiás 2009-2010, páginas 124 e 125.

ELENIR DE FARIA CORRÊA
Licenciada em Pedagogia pela UEG, é especialista em Didática, Metodologia e Administração Educacional e exerce a função de Diretora do Núcleo de Tecnologia Educacional de Anápolis/GO.

IVONEIDE MARIA DE ALMEIDA BERTELLE
Licenciada em Matemática e Pedagogia pela UEG, é especialista em Metodologia do Ensino Superior e Tecnologia na Educação. Atua como Professora Formadora no Núcleo de Tecnologia Educacional de Anápolis/GO e como Professora de Matemática e Lógica no Programa PROINFANTIL – MEC/GO.

KATHERINE NASCIMENTO SEIXAS
Licenciada em Pedagogia pela UEG, cursou Especialização em Administração Educacional e Tecnologia na Educação. É Professora Formadora no Núcleo de Tecnologia Educacional de Anápolis/GO, Professora do Ensino Fundamental na Escola Atrium e Tutora no Programa PROFUNCIÁRIO MEC/GO.

SIZENY NARCISO DE MORAES
Licenciada em Língua Portuguesa pela UFG e Bacharel em Administração de Empresa pela FIMES, é Especialista em Tecnologia na Educação, Administração Educacional e Língua Portuguesa. Atua como Professora Formadora no Núcleo de Tecnologia Educacional de Anápolis/GO e como tutora do Curso Mídias na Educação – UFG.

- contribuir para a construção do hábito de leitura em todos os segmentos escolares;
- ter noções de organização bibliográfica e arquivamento;
- ter participado e/ou se comprometer a participar, quando solicitado, de eventos literários, feiras de livros, noites de autógrafos, seminários, cursos de formação, atualização, e ainda estar atento aos grandes lançamentos editoriais.

Atribuições do professor dinamizador de biblioteca

- dinamizar a biblioteca em parceria com professores e equipe pedagógica da escola;
- disseminar informação para a comunidade escolar e local, com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento;
- participar ativamente da construção do projeto político-pedagógico da Unidade Escolar e do Conselho de Classe;
- planejar, juntamente com o corpo docente, as atividades curriculares e acompanhar o desenvolvimento delas, colocando à disposição da comunidade escolar os recursos necessários;
- estimular os educadores a vivenciarem a biblioteca escolar como um espaço pedagógico de educação continuada;
- elaborar, executar e avaliar projetos de incentivo à formação de leitores;
- realizar projetos inovadores de acesso à leitura: círculos de leitura e crítica literária, oficinas de dramatização, contação de histórias, momentos de poesias, músicas, produção de textos, dentre outros;
- mostrar tendências de pesquisa, de leitura e divulgar os materiais e livros mais procurados;
- apresentar as novidades da biblioteca à comunidade escolar, a fim de que sejam realizadas novas práticas no espaço;
- catalogar o acervo e registrar em livro próprio;
- orientar os alunos na busca de material para pesquisa;
- orientar e prestar atendimento aos visitantes e usuários;
- organizar e manter arquivos fotográficos e/ou outros da história da escola;
- controlar a entrada e a saída dos livros e materiais;
- registrar as não devoluções de material, bem como as devoluções de material danificado, comunicando o fato à coordenação;
- manter organizado e atualizado o arquivo eletrônico do acervo e o movimento da biblioteca;
- controlar a entrega e a devolução do livro didático;
- restaurar, quando possível, e conservar o acervo da biblioteca;



- interagir com outros profissionais dessa área;
- participar de treinamentos e capacitações para professor dinamizador de biblioteca;
- promover programas de leitura e eventos culturais;
- elaborar relatórios sobre os serviços e programação de atividades realizadas na biblioteca;
- viabilizar e motivar a utilização de livros literários de autores locais e regionais, bem como a sua participação em eventos culturais.

O que se espera do professor dinamizador de biblioteca é que ele viabilize que esse espaço seja um agente de transformação do ensino, à medida que incentive mudanças pedagógicas na escola, nas quais a construção e a conquista coletiva da biblioteca possam transformar a escola em espaço de encontro, reencontro, participação e integração.

Disponibilidade na unidade escolar

A escola terá direito ao professor dinamizador de Biblioteca, desde que atenda às diretrizes da Secretaria de Estado da Educação. As bibliotecas das unidades escolares deverão buscar sua autorização e regulamentação na Superintendência de Educação Básica, da Secretaria de Estado da Educação.

O horário de atendimento da biblioteca deverá ser estabelecido de acordo com os turnos de funcionamento e de forma a atender aos alunos fora do horário normal de aula (intervalos entre os turnos).

A importância da leitura

A leitura está presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a interagir com o mundo que nos cerca. Segundo Freire (2001, p. 11) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Na tentativa de decifrar o sentido das coisas, de perceber e compreender o mundo através da vivência pessoal, estamos sempre em contato com a leitura, mesmo que de maneira inconsciente.

O conceito de leitura se apresenta como algo amplo, não se trata apenas de decodificar os signos, mas sim de interpretar e compreender o que se lê. Segundo Angela Kleiman, a leitura precisa permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica deles.

A aprendizagem da leitura está intimamente relacionada ao processo de formação geral do indivíduo e à sua capacitação para as práticas sociais, tais como: a atuação política, econômica e cultural, além do convívio em sociedade, seja na família, na escola, nas relações de trabalho, entre outros espaços ligados à vida do cidadão.





Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. (PCN Língua Portuguesa, v. 2, 1997)

Uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos educadores das escolas brasileiras tem sido o desinteresse dos alunos pela leitura, pois ler no contexto escolar transformou-se em sinônimo de tarefa, de imposição, de castigo. Reverter essa situação é um grande desafio para a escola que busca alternativas para despertar no aluno o gosto pela leitura. Não existe uma receita, uma poção mágica que possa resolver essa questão, mas podemos pensar em algumas possibilidades de trabalho que ajudem a transformar a biblioteca escolar num espaço privilegiado, em que se propicia o encontro do leitor com as diversas formas de registro do conhecimento, contemplando assim a missão de formar leitores do futuro. Cabe encantar, seduzir por meio do poder que vem dos livros.

Quanto maiores as oportunidades de diálogos, melhores serão as trocas de experiências. Quanto maiores as oportunidades de leitura, maiores serão as possibilidades de se formarem leitores autônomos. A biblioteca deve proporcionar situações reais de leitura, ajudar no estabelecimento de relações entre a leitura que se realiza na escola e a que se realiza na sociedade, oferecer condições materiais e imateriais necessárias ao pleno desenvolvimento de capacidades, habilidades e aptidões.

Como facilitar o acesso ao livro na biblioteca escolar?

Algumas sugestões para dinamizar o trabalho na biblioteca:

- **Livro na mão:** Os livros da biblioteca devem ser dispostos de maneira a facilitar o acesso pelo leitor, para que possam manipulá-los, folheá-los e fazer suas escolhas.

- **Acervo atualizado:** É essencial fazer novas aquisições, repor e recuperar volumes danificados. O grupo gestor e o professor dinamizador de biblioteca, em parceria com os pais, alunos e comunidade escolar, devem escolher o que comprar, além de buscar formas alternativas de aquisição de livros e revistas novos e/ou usados. Para ajudar nessa tarefa é recomendável que o professor dinamizador anote o pedido de aquisição de livros dos alunos. A escola pode utilizar recursos do PDE para esse fim.

- **Leitura em casa:** A leitura pode acontecer em vários locais (no trabalho, na escola, no lazer ou em casa) e com diversas finalidades em

nossas vidas. A leitura em casa está ligada ao lazer, enquanto em outros ambientes formais e estruturalmente rígidos, ela é utilizada como meio de acesso à informação e formação de uma nova visão de mundo. A locação de livros deve ser incentivada com o objetivo de facilitar a leitura dentro e fora da escola, tanto do aluno como da comunidade.

• **O aluno é autor:** “Acervo não é um conjunto de documentos, mas de significados. Quando um estudante tem sua criação incorporada ao acervo, ele se vê como produtor de cultura” (EDMIR PERROTI). A biblioteca fica mais rica quando o aluno se sente parte dela. Ponha na estante, livros, resenhas, entrevistas, poemas, telas produzidos por alunos.

• **Ambiente agradável:** Boa infraestrutura é essencial. É importante que o local seja seco e arejado, para evitar danificar as obras; paredes e teto claros facilitam a difusão da luz. Sempre que possível, mantenha portas e janelas abertas para facilitar a iluminação natural, desde que os raios solares não atinjam os livros diretamente. Uma maneira de criar um ambiente acolhedor e confortável é lançar mão de bancos acolchoados, tapetes, almofadas e pufes espalhados pelo espaço.

• **Mais autonomia:** Toda classe deve ir ao menos uma vez por semana à biblioteca. Tanto faz se o horário é para pesquisa ou leitura livre. O que importa é viabilizar condições para desenvolver no aluno o espírito de participação no cotidiano da biblioteca, permitir sua adesão ao universo literário e da pesquisa, de forma natural, e motivar uma frequência espontânea e produtiva no uso do potencial e dos espaços da biblioteca.

• **Projeto aula vaga:** na ausência do professor orientador de sala de aula, o professor dinamizador pode levar os alunos para a biblioteca e desenvolver atividades, planejadas anteriormente, ou simplesmente permitir a leitura livre.

Pesquisa escolar

A pesquisa inicia-se quando o professor opta por utilizar essa metodologia de ensino que tem na biblioteca o principal suporte para sua realização satisfatória. Considerada como excelente estratégia realizada no processo ensino-aprendizagem, a pesquisa escolar tem como princípios básicos orientar o aluno a planejar, conviver e interagir em grupo, utilizar as fontes de consulta e outros recursos da biblioteca, desenvolver o pensamento crítico e o hábito de leitura, além de adquirir autonomia no processo de construção do conhecimento.

Segundo a pesquisadora americana Carol Kuhlthau (2004), os profissionais da educação não estão satisfeitos com os rumos que a pesquisa escolar tem seguido atualmente. Os professores reclamam que os alunos copiam integralmente trechos de enciclopédias e de sites da internet. Os professores dinamizadores de biblioteca queixam-se de que não têm condições de orientar os alunos adequadamente em suas



buscas, por não conhecerem com antecedência os temas das pesquisas solicitadas. Os alunos manifestam as dificuldades em pesquisar, pois na maioria das vezes não são orientados quanto aos objetivos da atividade proposta pelo professor. Diante disso, os pais, insatisfeitos e confusos, acabam fazendo a pesquisa escolar para os filhos.

É importante que o professor orientador e o professor dinamizador de biblioteca facilitem o acesso às ferramentas de pesquisa, estimulando os alunos a ampliar suas informações, a instigar a curiosidade e o senso crítico. Os caminhos para o melhor uso das tecnologias disponíveis para a pesquisa devem proporcionar a interação entre o professor dinamizador de biblioteca, professores, pais e alunos e estes entre si, criando um ambiente de estímulo e apoio às atividades de ensino-aprendizagem. Só assim a escola, através da pesquisa escolar, estará trilhando caminhos para que o aluno torne-se um pesquisador autônomo e criativo na busca da construção do conhecimento.

Plano de pesquisa

Os objetivos são a primeira etapa do plano de pesquisa. Antes mesmo de saber o que vai ser pesquisado, o professor deve ter em mente o que se pretende alcançar. Para a definição dos objetivos da pesquisa, é relevante saber o que seus alunos aprenderão com ela.

Depois de definidos os objetivos, parte-se para a escolha do tema. Ao escolher o conteúdo da pesquisa deve se perguntar: até que ponto ele vai despertar e manter a atenção dos seus alunos; como vai contribuir para ampliar o conhecimento deles; quais são as vantagens e desvantagens de escolher esse ou aquele tema; o que ele teria a oferecer. Uma boa estratégia de definição de tema para pesquisa é envolver os alunos, pois eles são os maiores interessados.

O professor, juntamente com os alunos, pode discutir a forma de apresentação do conteúdo pesquisado. Várias são as metodologias a serem utilizadas, tanto oral como escrita: seminário, júri simulado, entrevista, teatro, blog, site, power point, mapa conceitual etc.

É tarefa do professor orientador e do professor dinamizador de biblioteca planejarem juntos e definirem as fontes de pesquisa (jornais, livros, revistas, internet, filmes etc.) que irão direcionar o trabalho do aluno. É importante que o professor dinamizador de biblioteca esteja familiarizado com a pesquisa, conheça os objetivos, o tempo previsto, a forma de apresentação, para que possa mediar todo o trabalho.

O aluno, ao pesquisar, deve conhecer os procedimentos que norteiam uma pesquisa escolar: o quê (de que trata o trabalho), para que será realizado, quando (prazo para entrega), onde o assunto pode ser encontrado e como (forma da comunicação do trabalho).

Todo trabalho requer tempo necessário para a sua realização e deve ser planejado por todos os envolvidos, professores e alunos. É preciso



que haja coerência entre os fatores tempo, disponibilidades da biblioteca e os objetivos pretendidos.

O aluno precisa estar ciente do que vai pesquisar; para isso, além do tema, é necessário que sejam elencados os subtemas que direcionam a pesquisa. Isso facilita não só o trabalho do aluno como também a orientação do professor dinamizador da biblioteca.

Depois da leitura criteriosa dos assuntos nas obras selecionadas para a pesquisa, o aluno vai colocar no papel o conteúdo, fazendo resumos, sínteses, esquemas, relacionando um e outro autor, fazendo suas conclusões acerca do tema tratado.

Ao redigir o trabalho final, o aluno deve fazer uma releitura de todas as anotações definindo a estrutura do trabalho (introdução, desenvolvimento e conclusão), podendo acrescentar e excluir assuntos que julgar necessário. É importante estabelecer a estruturação física do trabalho: capa, folha de rosto, sumário, introdução, desenvolvimento, conclusão e referências, de acordo com a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Essa estrutura deve seguir as orientações do professor orientador da pesquisa.

Quando o professor dinamizador da biblioteca desenvolve uma proposta de trabalho, em parceria com o professor orientador de sala de aula, com um plano de pesquisa previamente definido, a pesquisa deixará de ser um trabalho de cópia para se tornar produção de conhecimento, a partir de práticas de leitura e escrita promovidas pela biblioteca.

Estratégias para dinamizar a biblioteca escolar

Jornal mural

Meios de comunicação são todos os instrumentos que nos auxiliam a receber ou transmitir informação. Eles nos ajudam a comunicar uns com os outros. Existem diversos meios de comunicação como, por exemplo, o telefone, a televisão, o rádio, o jornal, o jornal mural, a internet e outros. O jornal mural, utilizado para a comunicação interna da instituição, é essencialmente comunitário. Nele seus participantes podem ler, escrever e selecionar reportagens livremente.

A organização do jornal mural escolar é de responsabilidade do professor dinamizador de biblioteca e deve ser planejado, programado e executado de forma coletiva, com a participação de alunos e professores.

Esse veículo de comunicação, muitas vezes é confundido com o quadro de avisos por ter características físicas bastante parecidas: ambos são apresentados em painel quadrado ou retangular, normalmente forrado de feltro, pregado na parede ou (mais recentemente) em um suporte – tipo *flip-chart* – num local bem visível para que todos pos-





sam ler. Contudo, o jornal mural apresenta características importantes que o difere do quadro de avisos.

Características do jornal mural

Quanto à utilidade: o jornal mural deve conter notícias novas, verdadeiras e úteis aos seus leitores, o que requer esforços constantes para mantê-lo atualizado. Precisa ser bem ilustrado (mesmo os textos) para atrair a atenção do leitor. Sua construção deve ser coletiva, desde o planejamento até a escolha do local onde vai ser exposto, o que requer a aprovação de todos os envolvidos: alunos, professores, equipe gestora, pais que fazem parte da comunidade escolar.

Quanto ao conteúdo: o jornal mural escolar pode e deve ser interdisciplinar para que atenda a todos de modo geral. Os quadros podem ser bem variados: manchetes do dia, noticiários da escola, esportes, classificados, utilidade pública, economia, cidadania, ética, alimentação, cultura, lazer, comemorações, curiosidades, eventos da escola, datas cívicas, excursões feitas pela escola, material novo adquirido, chegada ou saída de professores, livros recém-chegados, comentários de livros lidos, gráficos de atendimento mensal, fotografia, dados bibliográficos de escritores, personalidades, além de produções poéticas de alunos, professores e comunidade. Os temas podem ser subdivididos e titulados de forma a despertar a curiosidade e o interesse do público leitor. As opções de assuntos são imensas e a seleção dependerá da criatividade do professor responsável (professor dinamizador de biblioteca).

Quanto à periodicidade: por ser um instrumento de comunicação interna, rápida e social, as informações devem ser atualizadas constantemente para fomentar a curiosidade e o interesse do público leitor, tornando-o fonte de novidades.

Como construir um jornal mural escolar

Para construir um jornal mural escolar, primeiro deve-se definir a sua finalidade, o público e o objetivo que se deseja atingir, suas características e dimensão. O jornal mural escolar é um meio de comunicação dirigido essencialmente ao público interno, podendo então priorizar as notícias de interesse da unidade escolar, do conhecimento do seu público, dos objetivos e das expectativas. É importante que o jornal mural seja montado no final do dia e que as notícias sejam atualizadas a cada dois dias, salvo raras exceções. Deve estar pronto nos horários de circulação normal dos alunos e professores, ou seja, na entrada, nos intervalos e na saída, para facilitar o acesso à leitura.

Para que o jornal mural seja percebido e lido por todos da escola é recomendável que o local seja de fácil acesso, com boa visibilidade, com iluminação adequada à leitura e onde as pessoas possam se movimentar e ler sem serem perturbadas. Os corredores próximos da biblioteca,

salão de recreio e eventos, áreas de lazer são exemplos de locais que podem ser adequados. O importante é que esse local atenda à necessidade e à disponibilidade de cada unidade escolar, sem se esquecer da comodidade a ser oferecida aos leitores.

A apresentação do jornal mural (quadrado ou retangular) vai depender do local escolhido. Não é aconselhável que seja protegido por vidros, pois o reflexo incomoda a leitura. O ideal é que fique aberto, para que se possa trabalhar com valores, ensinando os alunos a não arrancar as reportagens. É fundamental que se forneça a fonte delas. Os textos precisam ser apresentados em letras grandes para que sejam lidos à boa distância, com facilidade. Como todo jornal, é desejável que apresente um bom visual (*layout*). As notícias devem ser bem distribuídas e dispostas de maneira agradável. O título das colunas deve ser apresentado em letras grandes e coloridas.

Levando-se em consideração que o jornal mural é extremamente flexível, pode-se, em determinada circunstância, ser utilizado para divulgar somente um assunto, explorando em sua totalidade, por exemplo, festa da escola, lançamento de um livro, abertura ou encerramento de um projeto relevante, divulgação de leitores do mês, semestre ou ano, visita de escritores locais ou de outras localidades, e outros assuntos relevantes que a escola deseja divulgar. É importante lembrar que essa divulgação só pode acontecer esporadicamente e deve ser rápida, retornando à estrutura previamente definida do jornal mural.

O jornal mural é considerado o mais democrático dos veículos internos de comunicação da unidade escolar, pois é aberto a todos os alunos, pais e funcionários da escola, independentemente do nível hierárquico. É acessível àqueles que não têm acesso aos meios eletrônicos de comunicação, além de ser capaz de dar informação imediata dos acontecimentos a um custo baixo quando comparado com as outras mídias. Um cuidado especial que se deve ter ao montar um jornal mural é com a poluição visual. Os murais escolares muitas vezes pecam por falta ou por excesso. Um mural vazio nada acrescenta, no entanto, um mural repleto de gravuras, pesquisas, calendários, pode ser desperdiçado, pois nosso aparato perceptivo é limitado.

Contação de histórias

As histórias nos transmitem valores morais, intelectuais, sociais, éticos, estimulam a imaginação, a atenção e a concentração. Trabalham a autoestima de quem conta e de quem as ouve, além de incentivar a busca da resolução de conflitos em nossas vidas. As histórias são um valioso instrumento para estreitar a relação professor-aluno, quando estes valorizam a livre interpretação, permitindo que o leitor viaje na sua própria imaginação.

A escola deve proporcionar ao educando condições para que tenha acesso ao conhecimento. Nesse caso, os livros (associados a outros





recursos) são excelentes para desenvolver o pensamento crítico e criativo, além de favorecer a autonomia nas tomadas de decisões. O professor dinamizador de biblioteca deve propor aos alunos estratégias para que busquem desenvolver a leitura. Uma delas é a contação participativa de histórias (professor e alunos). Em geral, a maior parte do que guardamos em nossa mente é o que fazemos. Isso reforça o fato de que o professor deve proporcionar ao aluno condições para que ele participe dessa forma dinâmica de leitura. São vários os recursos pedagógicos que podemos utilizar para dinamizar a leitura através da contação de histórias: dramatização, teatro de fantoches, histórias em quadrinhos com personagens conhecidos e desconhecidos, bonecos de espumas, marionetes, esculturas com balões etc.

Vale lembrar que, ao contar uma história, deve-se dar atenção especial às expressões faciais, aos gestos, aos tons e sons da voz. Aprenda a exagerar emoções, a desenvolver diferentes vozes e personalidades. Uma boa dica para exercitar essa habilidade é contar a história sozinho, dialogar com você mesma, ou seja, contar histórias em bumerangue.

Teatro de fantoches

Esta arte há tempos encanta adultos e crianças que, envoltos em sua magia, penetram pelo imaginário e têm a oportunidade de exprimir suas próprias ideias, de se comunicar consigo mesmo e com os outros, e de vivenciar situações significativas de aprendizagem.

Fantoches é a personificação do personagem que se transforma de forma mágica e lúdica, real e concreta, que se expressa e cria sentimentos e emoções através dos gestos e da voz de quem manipula e de quem assiste ao teatro. Para o aluno, esse recurso é envolvente, pois os personagens parecem ter vida própria. O público entra em sintonia, quando a fantasia e a realidade se confundem, e sente-se capaz de manter o diálogo, de fazer gestos e expressões ao responder ao boneco, sem perceber quem o manipula. Assim, o fantoches é um recurso de alto valor pedagógico, pois o aluno tanto pode apreciar uma história como pode manipulá-lo e dar-lhe vida.

A oralidade nesse recurso tem fundamental importância e é desenvolvida em sua plenitude, pois é ela que garante não só as expressões de sentimentos, emoções, valores, mas também a criatividade de quem o manipula, seja o professor ou o aluno.

Os fantoches podem ser utilizados para dinamizar o processo ensino-aprendizagem de praticamente todas as modalidades de ensino, uma vez que proporcionam aulas mais ricas, produtivas, interessantes e favorecem ao aluno a apropriação do conhecimento, além de promover mais segurança, confiança, elevação da autoestima e desenvolvimento intelectual. Inicialmente, relacionamos os fantoches com a alfabetização, disciplina de arte, pintura, contação de histórias, teatro, no entanto inúmeros trabalhos indicam que podem ser utilizados em

outras áreas, tais como: matemática, ciências, geografia, biologia, física etc. Um personagem criado para uma história com objetivos definidos pode ser útil para outras com propósitos totalmente diferentes; até a mesma história pode ser contada várias vezes com finalidades diferentes ou não. Como afirma Matos (2006), cada vez que uma história é contada, mesmo que por várias vezes, é única, pois o contador e a plateia nunca são os mesmos.

A utilização dos fantoches pode contribuir para:

- despertar a criatividade;
- desenvolver a oralidade;
- aperfeiçoar a concentração;
- ampliar a sensibilidade;
- trabalhar a timidez;
- desenvolver a autonomia nas tomadas de decisões;
- trabalhar a relação entre professor e aluno;
- promover a interação e a socialização;
- exercitar a voz e suas entonações;
- aprimorar a leitura e a escrita;
- valorizar o trabalho em grupo;
- desenvolver a coordenação motora;
- despertar o senso crítico com relação à educação ambiental, através do trabalho com materiais de sucatas diversificadas;
- trabalhar conteúdos específicos e interdisciplinares;
- despertar o interesse pela leitura de obras literárias.

Considerações importantes sobre o trabalho com teatro de fantoches

- exige um planejamento detalhado, fundamentado na faixa etária dos alunos envolvidos;
- crianças, jovens e adultos podem confeccionar fantoches de sucata de vários modelos;
- é necessário que o roteiro defina falas e tempos de cada personagem. É recomendável que a elaboração do texto tenha a participação do aluno, respeitando as características de cada personagem;
- requer diálogos curtos e poucos personagens em cena;
- é importante que haja improvisos, sem sair do foco principal;
- requer um palco que poderá ser uma caixa de papelão sobre uma mesa, um palco móvel de madeira (casinha de contar histórias) ou uma toalha estendida entre duas árvores;
- os fantoches podem ser feitos de TNT, meias, sacos de papel, retalhos de tecido, feltro, EVA etc.;
- cada personagem deve ter uma personalidade clara: ser nervoso, tímido, orgulhoso, alegre, chorão etc.;





- a voz criada para o personagem não deve mudar durante a história;
- os fantoches não devem ser usados apenas para narrar história, mas também para fazer com que eles falem e atuem;
- ao usar fantoches em um teatro, evite deixar que eles caiam em cena quando os seus braços estiverem cansados e cuide para que sua voz seja audível na plateia;
- é importante evitar os movimentos fora de sincronia, os diálogos muito complexos, o excesso de objetos e cenários;
- recomenda-se que se mantenha contato visual (olhar) entre os fantoches e o público.

O ato de contar história através dos fantoches deve ser realizado com amor. O contador deve deixar-se envolver pela história, permitir que o personagem penetre nele para emprestar-lhe o seu gesto e sua voz, carregada de afetos e significados. Assim conseguirá chegar ao coração do seu aluno. O ato de contar história através de fantoches exige oferecer-se ao outro totalmente, de corpo e alma.

Tapetes, aventais e painéis de histórias

A arte de contar histórias com tapetes, painéis ou aventais é uma manifestação popular recorrente em diversas épocas e culturas de todo o mundo. Exemplos disso estão nos quilts narrativos da tradição colonial norte-americana, no mito grego de Filomena que tece um tapete para comunicar com a irmã as maldades do marido e pedir justiça, bem como nos painéis encantados do nordeste e outros lugares do Brasil.

O tapete de contar histórias surgiu da ideia de uma educadora francesa, Clotilde Hammam, e de seu filho Tarak Hammam, que o criou e utilizou para incentivar a leitura na escola de forma lúdica e agradável. Hoje é usado em todo Brasil por professores e contadores de histórias em creches, escolas, igrejas, teatros.

O uso do tapete de histórias e de outros recursos como os aventais, livros, painéis, caixas, fantoches etc. leva o espectador ao mundo imaginário da história, desperta a sensibilidade e estimula o potencial criativo da criança, do jovem e do adulto para a leitura. O ato de ouvir e contar histórias nos aproxima das pessoas e contribui para a construção de valores, para a formação da percepção crítica e da sensibilidade.

O professor dinamizador de biblioteca, em busca de estratégias para despertar no aluno, no professor e na comunidade, o interesse pela leitura, pode utilizar o tapete como recurso pedagógico para dinamizar e tornar a leitura mais prazerosa e também como peça decorativa da biblioteca.

Para que a história tenha significado e desperte o interesse de quem ouve, é recomendável atentar aos cuidados necessários ao contar histórias citados anteriormente. O local onde estender o tapete deve ser bem

definido e de boa visibilidade. Um aspecto positivo do tapete, do avental e do painel de história é que eles podem ser coletivos, o que torna a construção e o contar mais envolventes e atraentes.

Da cabeça brotam as ideias, e das mãos, retalhos, agulha, linha, papel, letras, desenhos, palavras, tintas, pincéis, sons se misturam em busca da construção de personagens e de histórias que ajudam a levar o espectador a viajar na imaginação. Esse pensamento é reforçado por Monteiro Lobato quando diz que o livro é o lugar onde a criança quer morar. E a biblioteca, através dos recursos e metodologias para dinamizar a leitura, pode ser o lugar onde o aluno queira entrar e viajar pelo mundo da imaginação.

A biblioteca escolar ao alcance da comunidade

Formar cidadãos capazes de ler o mundo ao seu redor e de administrar conflitos de forma a contribuir para o bem-estar do grupo é o que toda escola e família desejam. A leitura é o caminho para que esse desejo se fortaleça e se concretize, e a escola é um dos lugares onde se pode e se deve desenvolver e cultivar a prática da leitura. Mas ela não é capaz de resolver tudo sozinha e quando várias forças se unem com o mesmo objetivo, ou com objetivos parecidos, os resultados são melhores. Sendo assim, é necessário que a escola busque parceria com a família para trabalhar a leitura com mais eficiência. Para isso, deve-se integrar a escola com a comunidade através de ações por meio das quais ambas se reconheçam como agentes de um mesmo processo educativo, capaz de influenciar o contexto político, cultural e social, com mudanças de comportamentos voltados para a educação e especificamente para a leitura.

Essa integração entre a escola e a comunidade é descrita pelo Salto para o futuro (PGM3-Currículo, Escola e Comunidade, 2004): “A escola não é um espelho da comunidade. A escola não é um retrato da comunidade. A escola não é salvadora da comunidade. A escola participa da comunidade e é participada por ela”.

Para que tenhamos futuros leitores em casa é necessário que a escola procure trabalhar de forma a atender e incentivar os pais quanto à importância da sua participação na leitura com os filhos. Tarefa um tanto difícil, pois os pais, em sua maioria, não apreciam a leitura. Uma das estratégias é trazê-los para a escola, isto é, para a biblioteca escolar, através de incentivos que os conscientizem da importância da leitura e da influência deles nesse processo. Os pais devem ser os primeiros incentivadores da leitura dos filhos. Antes mesmo de a criança entrar na escola já ouve histórias, causos, conversas, já convive com o adulto folheando livros, jornais, revistas etc. Nesse ambiente, os filhos são motivados a desenvolver atitudes que os influenciarão durante toda a vida, como confiança, respeito mútuo e compreensão. A leitura com e



para o filho é fonte de prazer, além de proporcionar uma aproximação com os filhos, como afirma Mara Dias, professora de Língua Portuguesa: “Achamos importante e bom o que é praticado por pessoas que estão próximas de nós”.

A família e a escola são os principais alicerces em nossas vidas. Mas não podemos desconsiderar a importância da comunidade em que a escola está inserida, uma vez que esta nos influencia e muito, como afirma Jaqueline Moll (2007):

A educação das novas gerações é responsabilidade de todos os que coabitam no mesmo espaço, mas também, em escala planetária. A partir dessa visão local e global, é necessário, para não dizer urgente, que comecemos o diálogo, para além das instituições escolares, sobre nosso(s) projeto(s) educativo(s). Que olhares diferentes atores sociais (associações de bairros, grupos ecológicos, empresariado, clubes de serviço, sindicatos, partidos políticos etc.) dirigem às crianças, aos adolescentes e aos jovens em nossa sociedade?

A escola deve encontrar meios para que a comunidade participe das atividades escolares. Uma das formas é através da biblioteca escolar, que deve, de maneira cordial e incentivadora, procurar atender a essa clientela nos horários disponíveis, dentro das possibilidades da escola e com bastante cuidado em relação à conservação do acervo. São várias as estratégias que a escola pode usar para envolver a comunidade, através de dinâmicas de leituras. Como exemplo, podemos citar:

- Mala de leitura: imbuído de responsabilidade, o aluno leva para casa livros variados para serem emprestados para o vizinho, colega de trabalho, família;
- Divulgação de livros e/ou produções de pessoas da comunidade através dos meios de comunicação da escola e do bairro;
- Cinema na escola: exibir filmes interessantes na escola ou em outro local apropriado para a comunidade e aproveitar o momento para divulgar livros relacionados ao assunto abordado no filme. A divulgação pode ser através de aventais, pegadas, murais, com frases e palavras relacionadas ao filme e ao livro;
- Divulgar os serviços e o acervo da biblioteca nos eventos promovidos pela escola;
- Promover concursos de leitura, composição e declamações de poesias, músicas e causos, para a comunidade;
- No mês do folclore, através dos alunos, fazer o resgate de expressões da cultura popular vivida pelos moradores dos bairros;
- Biblioteca itinerante: os alunos levam livros a açougues, supermercados, escritórios, creches, pontos de ônibus e outros locais onde houver pessoas agrupadas e divulgam a leitura através de dramatização, declamação ou conversa informal para mostrar a essência do livro;



- Rodadas de causos, piadas e histórias contadas por moradores do bairro etc.
- Biblioteca Cidadã: a Seduc implantou esse projeto com o objetivo de proporcionar a abertura das bibliotecas escolares aos finais de semana para a comunidade escolar (para mais detalhes, procurar o Núcleo de Projetos Especiais, no telefone (62) 3210 3161).

Essas e outras estratégias devem ser contempladas no projeto político-pedagógico da unidade escolar. Quando a escola unir forças com objetivo de buscar avanços para o ensino-aprendizagem, ela poderá se sentir próxima de atingir a sua tarefa principal: a de educar o aluno para o mundo, e torná-lo capaz de enfrentar desafios, de viver em grupo, respeitando as individualidades, e de trilhar os melhores caminhos na busca de seus sonhos.

A poesia na sala de aula

A poesia surgiu juntamente com a música, a dança e o teatro na Antiguidade histórica como forma de expressão literária. Nasceu da necessidade de comunicação entre elementos de uma comunidade primitiva. Os primeiros poetas eram contadores de seus feitos: caçadas e guerras. Eles utilizavam, além da voz e dos gestos, a caracterização individual. É muito comum confundir poema e poesia. O poema é, segundo o *Dicionário Houaiss*, aquilo que tem poesia; enquanto poesia é o que desperta o sentimento do belo. Poema é, assim, o texto em verso em que a poesia se concretiza.

Na escola, a poesia deve ser trabalhada não só para cumprir exigências das grades curriculares, como tem sido feito em atividades e exercícios oferecidos pelos livros didáticos, mas como uma maneira de incentivar a prática da leitura literária e da escrita, através dos sentidos, da emoção, da inspiração, da linguagem. Os Parâmetros Curriculares Nacionais reforçam essas afirmações:

A questão do ensino da literatura ou leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isto, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto” etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (PCN 1º e 2º ciclos MEC, 1997, p. 37 a 38)





Infelizmente, a poesia hoje em dia é um dos gêneros literários mais distantes da sala de aula. Em razão disso, necessário se faz encontrar estratégias que a aproximem das crianças e jovens. Esse contato deve iniciar-se já nos primeiros anos de escolaridade, na Educação Infantil, para que o aluno crie o hábito da leitura da poesia. O objetivo é trabalhar desde cedo a interpretação e compreensão das ideias do autor expressas nos versos. Isso porque a poesia faz-se presente na vida da criança, desde pequenina, com as canções de ninar, com as cantigas de roda, com os brinquedos, as quadrinhas, as parlendas, que permeiam a infância.

Qualquer trabalho, seja com crianças, jovens ou adultos, deve ser precedido de um bom planejamento. Uma dica de procedimento é fazer um levantamento para conhecer os temas de maior interesse dos alunos; isso pode ser feito através de uma sondagem, de forma direta, por meio de fichas ou simplesmente perguntando a eles e anotando suas preferências. Outro meio é procurar saber seus filmes prediletos, os programas de TV e rádio favoritos. Esse conhecimento pode ser útil ao professor no momento de selecionar o que levar à sala de aula. É claro que os gostos são variados e não será possível agradar a todos ao mesmo tempo, mas a variedade favorece a aprendizagem.

Várias são as formas de se trabalhar a poesia na sala de aula. Isso vai depender da criatividade do professor que pode utilizar: murais, danças, desenhos, vídeos, dramatizações, jogos e oficinas, como recursos. Um método muito utilizado pelas escolas é trabalhar a poesia aliada às datas comemorativas, o que pode ser relevante. Mas não se deve restringir às datas, pois pode se tornar uma atividade enfadonha, diminuindo o sentido da poesia, que é algo muito mais amplo. Como afirma Afonso Romano de Sant'Anna: “a poesia é a fala da alma, do sentimento. E precisa ser cultivada”.

Nesse processo de cultivo da poesia na escola, necessário se faz que não seja uma preocupação exclusiva dos professores de Literatura e Língua Portuguesa, mas que abranja todas as disciplinas, num trabalho de parceria entre professores orientadores e professores dinamizadores de biblioteca, uma vez que estes últimos precisam agir em sintonia com todo o corpo docente.

A música na sala de aula

Para favorecer o ensino-aprendizagem, além dos livros, o professor pode lançar mão de diversos recursos para chamar a atenção dos alunos que almejam aulas diferentes e atrativas. Um recurso bastante interessante é a música, pois são raríssimas as pessoas que não gostam de música.

Sabendo disso, pode-se aproveitar a música como aliada da educação, no mínimo em quatro instâncias: mediação para leitura, absorção

de conteúdo, fortalecimento da autoestima do educando e alfabetização midiática. As músicas, de modo geral, são recheadas de conteúdos, símbolos, signos, que muitas vezes passam despercebidos pelas pessoas, que cantam por cantar, levadas pelo ritmo, até sem perceber a letra ou refletir sobre ela. É nesse momento que entra o papel da escola: proporcionar a reflexão, a crítica, a produção de conhecimento através das músicas.

Paulo Freire afirma que o ato de educar é um empoderamento. Podemos empoderar através da música. Quando um aluno passa a escutar músicas regionais, ele percebe o significado da sua cultura, o que aumenta sua autoestima, lhe traz segurança, novas perspectivas de vida, favorecendo as relações interpessoais. De acordo com Alê Barreto,

o estudo através da nossa própria música com enfoque nas canções pode acrescentar elementos à leitura do sistema simbólico, criando novos recursos expressivos capazes de despertar nos alunos um olhar crítico sobre sua contemporaneidade e a vontade de aprender. Ou seja: não é só o aluno que precisa ler livros. O professor e a escola também precisam aprender a ler aquilo que os alunos costumeiramente leem, fazendo uso desses elementos na aprendizagem.

A educação do século XXI exige mais que conhecimentos acadêmicos. É preciso falar a língua dos alunos, que são bastante exigentes, críticos, conhecedores dos seus direitos e não aceitam metodologias arcaicas, pautadas apenas nos livros didáticos e no quadro-giz. As aulas precisam ter vida, ser mais dinâmicas, para que os alunos possam participar ativamente delas. E a música consiste numa alternativa bastante interessante, que proporciona a atuação dos alunos como protagonistas.

Referências

BARRETOS, Ale. *Educação e canção: facilitando a aprendizagem*. Disponível em <www.overmundo.com.br/overblog/educa%C3%A7%C3%A3o-e-can%C3%A7%C3%A3o-facilitando-a-aprendizagem>. RJ 10/07/2007.

BOLETIM: Salto para o Futuro. Série: Poesia e Escola. Programa 3 – A Poesia das cantigas, das canções populares e o rap. Outubro/2007.

BOLETIM: Salto para o Futuro. Série: Um mundo de letras: práticas de leitura e escrita. Abril/2007.

CAMPELLO, Bernadete Santos et al. *A biblioteca escolar: Temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Pedagogia da esperança*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.



KUHLTHAU, Carol. *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o Ensino Fundamental*, 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MATOS, Gislayne. *A palavra contada do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MOLL, Jaqueline. *Histórias de vida, histórias de escola: elementos para uma pedagogia da cidade*. Petrópolis: Vozes, 2000.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília 144 p.

PERROTI, Edmir. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1993.

REVISTA ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 8/9, p. 155, 2003/2004.

SANT'ANNA, Afonso Romano. *Poesia sobre poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Sites consultados

<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/112.pdf>

www.reginaceliaseusite.hpg.ig.com.br

http://novaescola.abril.uol.com.br/index.htm?ed/162_mai03/html/repcapa2

<http://www.educacao.go.gov.br/portal/default.asp>

www.globo.com/jornalnacional





A leitura e a biblioteca formando cidadãos

Vera Maria Tietzmann Silva

Para uma criança, um livro é um mundo.

MONTEIRO LOBATO

A educação, todos nós sabemos, cumpre um relevante papel na construção de qualquer sociedade que se pretenda justa, harmônica e progressista. A cada nova eleição, ela é retomada como bandeira de políticos de todas as legendas, que garantem que, se eleitos, não de promovê-la. Às vezes, tais promessas são simplesmente engavetadas, outras vezes, constituem planos de ação que prometem mudar radicalmente a face do município, do estado ou do país. Que é feito então? Tomam-se medidas bem visíveis, que possam ser lembradas pelos eleitores na próxima rodada de comícios e de caça a votos: constroem-se prédios e compram-se computadores, tudo muito bem alardeado na mídia. Nós, que somos do ramo, sabemos que educação demanda mais do que isso.

Há pouco tempo, um noticiário de TV mostrou uma jovem professora, num lugarejo remoto, lecionando para um grupo de crianças ao ar livre, sob um teto de lona, lamentando não dispor sequer de um quadro de giz ou de paredes onde pudesse expor os trabalhos dos alunos, que, aliás, não tinham carteiras onde escrever e se ajeitavam como podiam, sentando onde fosse possível. Era uma sala de aula parecida com “A casa”, de Vinicius de Moraes, “não tinha teto/ não tinha nada”. A reportagem procurou o prefeito do município, que respondeu que aquele lugar tinha – como não? – uma escola, argumentando: “Pois não havia lá uma professora e um grupo de alunos?” Eram esses, segundo ele, os ingredientes que fazem uma escola.

Se abstrairmos o evidente cinismo da resposta desse prefeito caboclo, temos de admitir que numa coisa ele está certo, não são as paredes e os equipamentos que fazem a educação, mas os elementos humanos nela envolvidos, os alunos e o professor. É neles que precisamos investir se quisermos ter um avanço real na educação. Mas então os equipamentos são desnecessários? Sim e não. Seu papel, em nosso entender, é secundário e subsidiário, porque o computador essencial na escola é a cabeça do professor. Ela é que deve ser alimentada, atualizada, esclarecida e, sobretudo, posta a funcionar com criatividade e autonomia.

VERA MARIA TIETZMANN SILVA
Professora Titular de Literatura Infantil e Juvenil na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, onde tem ministrado cursos dessa disciplina para as várias turmas de graduação e também na Especialização. Tem diversas obras críticas publicadas, especialmente sobre autores de Literatura Infantil e Juvenil, bem como sobre o papel da leitura na construção de uma escola mais efetiva e cidadã. Tem participado, no âmbito do estado de Goiás e também do país, de várias ações que buscam consolidar políticas públicas de apoio ao livro e à leitura.



O espaço físico da escola e os equipamentos de que ela porventura dispuser podem facilitar isso, mas constituem meios, e não fins em si mesmos.

Acredito firmemente que a pedra-de-toque capaz de instrumentalizar o professor para que ele possa ser um agente transformador na escola não é a tecnologia, mas a leitura. Não é preciso que a escola tenha uma grande biblioteca (muitas vezes fechada, aliás), mas é imprescindível que o professor seja um leitor contumaz e que, por sê-lo, seja também um formador de leitores. Leitor de material impresso, como livros, jornais, revistas, bulas de remédio e tudo o mais (inclusive tudo que se oferece via Internet, se tiver acesso a ela), e leitor de mundo, capaz de ler a realidade social, cultural e política de seu tempo – e também um formador de leitores nesse tipo de leitura. A professorinha do noticiário, em sua sala aérea, não dispõe de livros ou computadores, mas ela certamente é uma leitora das carências de seus alunos e da necessidade de ajudá-los a superar essa condição.

Sem uma leitura de esperança, dificilmente ela seria capaz de atrair tantas crianças para a precariedade de uma lona ao sol, em busca do conhecimento. Se ela dispusesse de um embrião de biblioteca, um pequeno e selecionado acervo de livros da literatura infantil, como os distribuídos pelo Governo Federal ao longo da última década, ela teria também um instrumento poderoso na formação de um pequeno contingente de seres pensantes, e não de meros alfabetizados aptos a assinarem seu nome e votarem aos 16 anos. Mais do que votantes, ela estaria formando cidadãos.

Fala-se muito em cidadania. É outro dos chavões que ouvimos em discursos de candidatos a cargos eletivos. Mas o que é ser cidadão? É preocupar-se mais com o coletivo do que com o individual. É ter consciência de seus direitos e de seus deveres, é cumprir com as leis que regem a vida social e exigir das autoridades que também as cumpram. É ter um olhar atento e crítico sobre si mesmo e sobre o outro.

O exercício da cidadania supõe uma atitude de compromisso mútuo, uma parceria. Ao Estado cabe velar pelo cidadão, estabelecendo normas e leis que disciplinem a vida social; ao cidadão cabe exigir que essas normas sejam cumpridas e vigiar para que não sejam injustas ou excessivas. O ato de votar é a mais clara manifestação de cidadania, quando o cidadão, livre e conscientemente, escolhe seus representantes no governo. Essa liberdade consciente não é dom inato, mas um olhar que se cultiva, faz parte das metas da educação, e a literatura – inclusive a literatura infantil – pode muito contribuir para isso.

O aprendizado da cidadania começa no berço e estende-se pela vida afora. Abrangendo todos os setores da atividade humana, é mais do que um aprendizado, é um exercício que se promove diariamente. A família e a escola, ou, em outras palavras, os pais e professores, têm um importante papel na consolidação dos valores da cidadania. Mas

que tem a leitura a ver com cidadania? Poderá existir alguma vinculação entre elas? Aliás, antes de mais nada, para que serve a leitura?

A leitura – e aqui nos referimos mais especificamente à leitura do texto impresso – serve para informar, para despertar a imaginação, para consolidar as estruturas linguísticas da norma culta na mente do leitor, serve para alertar os sentidos, para tocar a emoção, serve para aguçar a sua perspicácia (na leitura das chamadas entrelinhas do texto). Quando se lê ficção, além disso, experimenta-se viver a vida do outro, ver o mundo sob o seu viés, sentir as suas emoções e fazer as suas escolhas.

Sob essa ótica, é inegável a importância das bibliotecas públicas na construção da cidadania. Como grandes celeiros, elas armazenam o produto da ciência e da imaginação dos povos, sob a forma destes objetos culturais que chamamos livros, e funcionam, muitas vezes, como a única possibilidade de indivíduos social e economicamente desfavorecidos superarem suas limitações. A formação de nosso ficcionista maior, Machado de Assis, assíduo frequentador do Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, comprova isso.

No espaço restrito e silencioso de uma biblioteca, o mundo inteiro fica ao alcance da mão, à disposição dos usuários. Em suas estantes, conhecimento, informação, lazer, evasão, entretenimento se oferecem democraticamente, sem restrições, taxas ou preconceitos. Daí por que são tão importantes as bibliotecas escolares, quando efetivamente funcionam, complementando a rotina de aulas e tarefas dos alunos, possibilitando-lhes alargar seus conhecimentos e ultrapassar os limites de sua condição pela via imaginativa. O trabalho daquela professorinha dando aulas sob uma lona seria bem mais produtivo se fosse realizado numa escola que tivesse uma biblioteca à sua disposição.

Mas a ideia de cidadania nem sempre é tratada de forma ampla, como atitude livre e consciente diante da realidade. Numa visão simplista, os governos já promoveram ações equivocadas ou ineficazes, como a criação de disciplinas obrigatórias nos vários níveis de ensino ao longo das últimas décadas. Antigamente, lá pelos anos 40 e 50, havia o culto aos símbolos nacionais e as aulas de CIVISMO. Estas, ao tempo do governo militar, foram ressuscitadas, nas escolas, com o nome de EDUCAÇÃO MORAL E CÍMICA e, sob um aspecto mais *light*, nas universidades, como ESTUDOS DE PROBLEMAS BRASILEIROS (não se incluíam nos programas, é óbvio, o arbítrio, a tortura e a censura entre os problemas brasileiros estudados).

O mencionado olhar crítico e vigilante que marca a atitude do cidadão, quando havia, era filtrado por discreta e conveniente catarata, pois o tempo não era para brincadeiras e tanto os professores como os alunos eram muito visados pelo regime. Contudo, enquanto a censura e o aparato repressivo policiavam pessoas adultas e publicações voltadas para elas, a literatura infantil alertava os jovens leitores para os excessos do poder. Nessa época foram editados os quatro livros de Ruth Rocha conhecidos como “as histórias de reis” e também *Era uma vez um tirano*,





de Ana Maria Machado (este bem mais ousado, porque menos alegórico). Era a literatura formando cidadãos críticos praticamente desde o berço, como deve ser.

Outro tema muito em voga hoje em dia são as múltiplas aptidões – ou múltiplas inteligências, como alguns teóricos preferem chamar a essas preferências e habilidades inatas que cada um traz dentro de si e que o predispõem a exercer melhor esta ou aquela profissão. Por exemplo: se você sentar-se a uma prancheta munido de lápis e papel, você estará exercitando sua inteligência artística e sua perícia técnica, sua habilidade em dar forma a imagens inspiradas na realidade ou na fantasia, em criações de artes plásticas ou em projeções de engenharia. Se você, em lugar de traços e formas, escrever um poema ou uma crônica, ou mesmo uma carta, um bilhete ou uma lista de compras, estará exercitando sua habilidade linguística, de modo artístico ou de modo utilitário. E assim por diante.

Howard Gardner, da Universidade de Harvard, o teórico das inteligências múltiplas, propõe a tese de que todos os indivíduos nascem com todas as habilidades em níveis diferentes, e garante que elas podem ser trabalhadas, ao longo da vida, de modo a se equilibrarem. A escola costuma trabalhar nesse sentido, com suas grades curriculares de disciplinas variadas. Mas o que tem a literatura a ver com isso? Tem que dentro da literatura cabe tudo. Ao ler um conto, um romance, uma peça de teatro ou um poema, o leitor precisa mobilizar todo o seu conhecimento prévio, precisa acordar todas as suas “inteligências múltiplas” para ser capaz de fruir o texto em toda a sua profundidade. Isso pode acontecer tanto dentro de uma sofisticada escola particular de uma grande capital, como sob a lona oscilante da professorinha do sertão. É sobre esse poder de “acordar” o jovem leitor que pretendo fazer algumas considerações.

Ana Maria Machado, autora não só de obras de ficção para adultos e crianças, mas também lúcida ensaísta, preocupada com questões relativas à leitura, defende a ideia de que ler romances prepara o leitor para o exercício da cidadania. E explica que o texto ficcional obriga o leitor a colocar-se na pele do outro, a sentir, pensar e reagir como faz o personagem na trama, mesmo que se trate de alguém totalmente diferente de si mesmo. Lembrando que a noção de cidadania implica um olhar que ultrapassa o individual e se preocupa com o bem-estar coletivo, nada melhor, segundo a autora, do que exercitar continuamente essa saída de si mesmo, experimentando virtualmente outras situações e contingências. E o modo mais prazeroso de se fazer isso é pela leitura de ficção.

Se admitirmos que a leitura literária, além de constituir um agradável passatempo, também contribui para desenvolver as potencialidades do leitor e para torná-lo um cidadão mais consciente, chegaremos à conclusão de que ler é importante. Mais, que é fundamental que os títu-

los sejam relevantes, representativos da herança cultural e artística que a literatura representa. Ler vale a pena – esta é a premissa que deve nortear as ações de todo e qualquer promotor de leitura, seja ele um professor, pai, recreador, contador de histórias, ou apenas um amigo. Daí a importância, para a escola, dos acervos selecionados por profissionais competentes e que compõem os diversos programas governamentais de promoção da leitura: CANTINHO DA LEITURA, BIBLIOTECA DAS ESCOLAS ESTADUAIS e LITERATURA EM MINHA CASA, apenas citando os programas de incentivo à leitura mais recentes em Goiás.

A leitura do texto ficcional permite ao leitor sair de si e, ao fazer isso, experimentar um olhar novo sobre o já conhecido. Nesse movimento, ele aciona o seu senso de observação, analisando e comparando situações, daí resultando uma reavaliação das posições que mantinha anteriormente sobre o tema enfocado. Em resumo: ele faz uma *leitura crítica*. A literatura infantil brasileira é pródiga em títulos que estimulam essa leitura que leva à formação de um leitor emancipado, capaz de pensar e julgar com a própria cabeça. Apenas para dar alguns exemplos, vou remeter-me a algumas histórias criadas por Ana Maria Machado e direcionadas ao público leitor infantil.

De um modo geral, podem observar-se duas direções para onde se volta esse olhar crítico: para o **passado**, resgatando valores esquecidos ou mal absorvidos; e para o **presente**, observando práticas do mundo atual, o que também implica a projeção de ações para o futuro. Vejamos alguns exemplos, colhidos na obra de uma das mais destacadas autoras da literatura infantil contemporânea, Ana Maria Machado, presença obrigatória num acervo de biblioteca escolar.

Em algumas de suas histórias, a autora convida o leitor a olhar para trás, para sua história pessoal, para a de seu povo ou para a história de seu país. Nestes tempos de globalização, é muito importante não perdermos de vista nossa identidade, nossas raízes familiares, étnicas ou nacionais. Lendo *Bisa Bia, Bisa Bel*, o leitor é despertado para a questão da linhagem familiar, para a identidade de sua família, que vem de séculos atrás e se projeta indefinidamente rumo ao futuro. Em *De olho nas penas*, ele percebe que os laços familiares não se constituem só de sangue, mas também de afeto, como é o caso do protagonista Miguel, que tem dois pais, um que plantou a sua semente e outro que a rega todo dia. Já em *Do outro lado tem segredos*, o leitor descobre que as raízes familiares de muitas crianças – de quase todas, aliás, neste país – se encontram do outro lado do oceano, em lugares remotos, como as raízes de Bino, fincadas na África. Com essa descoberta, vem também a descoberta de costumes, valores, tradições e modos de falar desse outro tempo – ou seja, da cultura. Na história de Bino, são as tradições africanas, na de Bel, entre outras coisas, o bordado, o vestuário, um jeito antigo de namorar e os doces da tradição portuguesa. A feitura artesanal de doces, fragmento da imensa colcha de retalhos





que é a cultura brasileira (tão mais prático comprá-los prontos hoje), é tema de outros livros da autora, como *A velha misteriosa* e *Dedo Mindinho*. Outro elemento de nossa cultura, o Boi-Bumbá do Norte e Nordeste, transforma-se num amigo mágico, em *O menino Pedro e seu boi voador*. As histórias cumulativas, vindas da tradição oral pela facilidade de sua memorização, são retomadas em diversos livros da autora, como *Ah, cambaxirra, se eu pudesse!*, *Pimenta no cocoruto* e *O coronel e o barbeiro*. Esta última reprisa também a trama tipicamente popular, do fraco que vence pela astúcia o forte opressor, no rastro das histórias de Pedro Malasartes, da tradição ibérica.

O olhar que se volta para o passado inclui em Ana Maria Machado uma revisão na História do Brasil e da América, o que ela faz, de diferentes maneiras, em pelo menos três livros: *De olho nas penas*, *Mistérios do mar oceano* e *Do outro mundo*. Sempre transitando livremente entre os planos da realidade e da fantasia, a autora leva protagonistas e leitores a reavaliarem, sob uma perspectiva crítica, a colonização da América, as viagens de Colombo e a escravidão negra no Brasil, respectivamente. Este último tema, que tanto compareceu na literatura brasileira desde o Romantismo, com os poemas condoreiros de Castro Alves, de tão repetido parece ter-se banalizado para o leitor de hoje. Converteu-se num ponto do livro de História. Ana consegue reavivar o tema da escravidão pela trama ficcional de *Do outro mundo*, restaurando sua força dramática perdida e conseguindo, de novo, comover o leitor.

O olhar com que Ana Maria Machado analisa o presente inclui a constatação de um novo modelo de família, com mães que trabalham, casais que se separam e tornam a casar, com pais que assumem o papel materno etc. *Bisa Bia*, *Bisa Bel* e *Beijos mágicos* são alguns livros que retratam esse novo padrão. As mazelas sociais também aparecem, como a passividade de uns diante do preconceito e do desrespeito de outros, em *Raul da ferrugem azul* e *Mandingas da Ilha Quilomba*. A autora, em contrapartida ao preconceito racial, propõe um novo padrão de beleza, em *Menina bonita do laço de fita*. Uma outra preocupação bem atual é a ecologia, relacionada também ao comportamento das pessoas. Sem apelar para um viés didático ou moralista, a autora dá uma verdadeira aula de preservação ambiental em *Esta casa é minha!* Os exemplos poderiam multiplicar-se.

Como se pôde ver, neste breve passeio pela obra infantil de Ana Maria Machado, dentro da literatura – mesmo da infantil – cabem todos os assuntos, todas as preocupações. Trocando de lugar com o protagonista, o leitor é levado a sentir e questionar o que é relatado na trama, é convidado a opinar, a firmar posição diante dos impasses. É convocado a conhecer aspectos da cultura de seu país que talvez não veja nos desenhos animados e nos programas que a televisão lhe mostra. Tem a oportunidade de refletir sobre o outro lado das questões, sejam elas do cotidiano ou da História oficial que se ensina na escola. Esse posicio-

nar-se criticamente diante de um texto, proporcionado pela literatura, é mais do que um belo prédio ou um laboratório de computação podem oferecer a um aluno. Isso é educá-lo, isso é levá-lo a ser um verdadeiro cidadão.

Referências

ARMSTRONG, Thomas. *Inteligências múltiplas na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

MACHADO, Ana Maria. *Era uma vez um tirano*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982.

_____. *Bisa Bia, Bisa Bel*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982.

_____. *De olho nas penas*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1981.

_____. *Do outro lado tem segredos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *A velha misteriosa*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1998.

_____. *Dedo Mindinho*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

_____. *O menino Pedro e seu boi voador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Ah, cambaxirra, se eu pudesse!* Rio de Janeiro: EBAL, 1980.

_____. *Pimenta no cocuruto*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1990.

_____. *O barbeiro e o coronel*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1990.

_____. *Mistérios do mar oceano*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. *Do outro mundo*. São Paulo: Ática, 2003.

_____. *Raul da ferrugem azul*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1979.

_____. *Mandingas da Ilha Quilomba*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983.

_____. *Texturas: sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SILVA, Vera Maria T. Leitura e cidadania. Goiânia, *O Popular*, 24/1/1997, p. 10.





Tendências atuais da literatura infantil brasileira

Maria Zaira Turchi

O que mudou na literatura infantil e juvenil dos anos 1970/1980 até hoje? Que tendências se consolidaram? Quais caíram por terra, desapareceram, ou ficaram esquecidas? Quais estão sendo revitalizadas na contemporaneidade? Historicamente, quase 40 anos pode não ser tempo suficiente para diagnosticar e precisar as transformações desse período, mas é possível demarcar as trajetórias e, numa perspectiva da crítica literária, estabelecer as tendências da literatura infantil e juvenil produzida no Brasil.

Essas questões, das quais tenho me ocupado ao desenvolver pesquisas no campo da literatura infantil e juvenil, adquiriram nova dimensão quando trabalhei, em 2007 e 2008, na atualização de acervos para o Programa de Incentivo à Leitura da Secretaria de Educação do Estado de Goiás, o Cantinho de Leitura. Para a seleção das obras a serem adquiridas pelas escolas estaduais para a primeira fase do ensino fundamental, o edital previa que as editoras enviassem as obras infantis publicadas a partir de 2002, compreendendo os diversos gêneros literários. Foram enviados mais de 5000 títulos, dos quais foram selecionados cerca de 1200. Não pretendo responder às questões formuladas inicialmente, muito menos esgotá-las, mas apenas apresentar algumas reflexões provocadas pela leitura do farto material bibliográfico enviado pelas editoras.

Nesse sentido, até mesmo as denominações de literatura infanto-juvenil, literatura infantil, literatura juvenil acabam por apresentar controvérsias e dificuldades de conceituação teórica. Se em algumas obras é possível demarcar com nitidez os territórios do infantil e do juvenil pelas características da obra, em outras há um espaço de intersecção que faz desaparecer as linhas fronteiriças e englobar a obra num ambíguo infanto-juvenil, denominação também legitimada pela crítica, pela história e pela teoria. Esses conceitos, literatura infantil e criança, são pensados aqui não como abstrações, mas como construtos históricos, o que significa que as configurações do gênero estão inseridas numa estética que contempla a produção e o leitor inseridos num contexto histórico, social, cultural.

MARIA ZAIRA TURCHI
Professora Titular de Literatura na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e Doutora pela PUC do Rio Grande do Sul. Mesmo atuando como diretora da Faculdade de Letras, tem conseguido tempo para participar efetivamente da discussão sobre a leitura na escola, tanto em grupos de pesquisa quanto em palestras e conferências realizadas em vários estados do país. Com várias obras críticas publicadas, tem integrado vários grupos que desenvolvem ações de apoio ao livro e à leitura, em Goiás e em outros estados.



Sem aprofundar nesta questão, esclareço que optei pelo infantil no título, uma vez que as obras analisadas comporiam acervos para a primeira fase do ensino fundamental, de 1º ao 5º anos, considerando o ingresso aos 6 anos nas escolas públicas em Goiás. Feitos esses esclarecimentos iniciais, passo a uma discussão mais de história da literatura, tentando perceber as tendências atuais da literatura infantil.

Numa perspectiva de uma trajetória da literatura para crianças e jovens no Brasil, até a década de 1970, fora a obra original, consistente e ainda atual de Monteiro Lobato, não se pode falar de literatura infantil e juvenil brasileira como sistema de obras e conjunto de autores com uma produção estética regular destinada a crianças e jovens. A precariedade do gênero manifestava-se principalmente no descontínuo da qualidade estética dos textos, e na construção literária condicionada a um horizonte de dominação entre autor-texto-leitor. Monteiro Lobato, portanto, promove a renovação do gênero e estabelece as bases de um projeto estético para a literatura destinada a crianças e jovens no Brasil. Daí também a grande influência de Lobato na literatura infanto-juvenil brasileira.

A partir dos anos 70, a literatura infantil e juvenil inaugura um período extremamente fértil no Brasil. As obras podem ser agrupadas em tendências temático-estilísticas, construindo uma história do gênero que reflete o momento histórico social brasileiro e a situação do leitor por meio de um projeto estético ousado e criativo. Aparecem nomes que ainda hoje continuam a publicar, com sucesso, obras para crianças e jovens, entre vários outros, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Ziraldo, João Carlos Marinho, reatando as pontas com a tradição lobatiana por novas vias que contemplam a crítica social, o humor, o suspense, a aventura da linguagem.

A renovação da literatura infantil brasileira, que ocorre especialmente nos anos de 1970, na trilha de Lobato, vai se consolidando, nas décadas seguintes, com um projeto estético que valoriza o diálogo entre texto, ilustração e aspectos gráficos, num processo de coautoria. As narrativas se caracterizam pela presença do humor e da irreverência, da aventura, do suspense e da temática do cotidiano. Há um aprofundamento estético no texto literário, seja na construção da voz narrativa que procura estabelecer pontes entre a perspectiva do adulto e a da criança; seja na manifestação nas obras de um apelo à imaginação e um incentivo à construção de um leitor crítico. A poesia infantil também se insere neste cenário, ganhando, depois de Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Sidônio Muralha, Vinícius de Moraes, dimensões significativas, com o aparecimento de vários poetas e obras, seja na forma do poema, da prosa poética, ou da narrativa em versos, muitas vezes em ritmos populares como o cordel.

No capítulo “Indústria cultural e renovação literária”, do livro *Literatura infantil brasileira: história e histórias*, Marisa Lajolo e Regina Zilberman

(1984) apresentam os escritores e as tendências atuais, considerando como atual a década de 1980, e a expansão da literatura infantil após os anos 60 e 70. As tendências apresentadas pelas autoras incluem: 1) a crítica da sociedade brasileira principalmente através da miséria e do sofrimento infantil, numa representação realista do contexto social – o *Justino, o retirante* (1970), de Odette Barros Mott, *Pivete* (1977), de Henry Correia de Araújo, *O menino e o pinto do menino* (1975), de Wander Pirolí, *O dia de ver meu pai* (1977), de Vivina de Assis Viana, características literárias presentes em toda a Coleção do Pinto, lançada em 1975. 2) A imagem exemplar da criança obediente e passiva é suplantada pela criança capaz de rebeldia, de ruptura com a normatização do mundo dos adultos na busca da liberdade de expressão e pensamento. Essa é uma forte tendência dos anos 70/80 especialmente com as histórias de Ruth Rocha e Ana Maria Machado. 3) A valorização da criatividade e da capacidade infantil de inventar, imaginar novas realidades, deslocar as verdades cristalizadas ou estereotipadas (*Marcelo, marmelo, martelo*, Ruth Rocha, *O menino maluquinho*, Ziraldo e tantos outros.) A ruptura da normatividade, o incentivo à criatividade, à liberdade e à autonomia de pensamento representaram a expressão estética mais significativa da literatura infantil à época. A normatividade adulta é suplantada por uma outra lógica, que estabelece uma nova ordem social, regulada pela desconstrução, pela utopia, pela liberdade de ação e pela inventividade. Dessa forma o narrador adulto coloca-se na pele da criança, tentando reduzir a distância entre o narrado e a experiência vivida pelas personagens e pelos leitores. 3) Outra tendência presente nos anos 70/80 é a proliferação de alguns gêneros e temas, como a ficção científica e a narrativa de suspense, presente nas obras de Stella Carr e João Carlos Marinho. 4) A valorização dos aspectos gráficos já aparece como uma tendência em destaque nos anos 70/80. 5) Delineia-se, também, nesse período, o autoreferenciamento do discurso literário no livro infantil, com procedimentos narrativos de metalinguagem e intertextualidade.

Essa breve retomada dos anos 70/80, tem como objetivo balizar a reflexão sobre a produção mais contemporânea, publicada nessa primeira década do século XXI.

No panorama atual, um levantamento da produção literária para crianças aponta para uma retomada dos clássicos universais, dos clássicos brasileiros, dos contos de fadas, de histórias exemplares, de narrativas das mitologias grega, africana, indígena, entre outras. Além da publicação em nova edição, bem cuidada, com os avanços dos recursos disponíveis nas artes gráficas, há também a revisitação dessas antigas histórias numa direção da paródia ou da desconstrução pelo humor ou pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Essas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos.





Com novas configurações, essa tendência parece sobreviver aos anos e continuar mobilizando criativamente os escritores. Com isso também, se podemos dizer que há os protótipos criativos, com uma estética inovadora, há também os estereótipos que apenas multiplicam os títulos nos catálogos editoriais, mas nada acrescentam no contexto da literatura infantil.

As narrativas apresentam ainda temas voltados para as relações interpessoais, para os enfrentamentos e descobertas da criança, além de um gosto pela memória, pelo passado, especialmente pelas memórias nostálgicas dos adultos sobre a infância, sobre o núcleo familiar. Por outro lado, se as relações interpessoais e os enfrentamentos das crianças e jovens no cotidiano continuam a ser tematizados pelas obras, desaparece, ou fica fora do foco de luz principal, a narrativa pautada na rebeldia infantil, ou na transgressão das crianças da norma adulta imposta como autoridade constituída. Esse veio já bastante explorado e com sucesso parece ter se esgotado. As obras têm procurado estabelecer uma ponte de diálogo entre a voz do adulto e a voz da criança, tornando mais maleável a condição de normatividade que não se fixa nem num pólo nem no outro, mas no diálogo e na compreensão mútuas. Nesse sentido, o caminho narrativo que se manifesta mais intensamente é o da simbolização, da valorização poética como caminhos para a humanização das relações interpessoais.

A tendência que inclui obras de cunho realista, a crítica da sociedade brasileira, principalmente através da miséria e do sofrimento infantil, numa representação realista do contexto social, desaparece na atualidade ou, pelo menos, não se manifesta como um conjunto de obras e autores, como ocorreu na década de 1970 e 1980 com as obras de Odett Barros Mott ou os livros da Coleção do Pinto. Basta observar o livro *Um garoto chamado Rorberto*, de Gabriel o pensador, vencedor do Jabuti, em 2006, no qual, se o ambiente é de pobreza e dificuldades, o que prevalece é alegria e a esperança na superação da situação social de exclusão, muito diferente da dicção literária dos livros da Coleção do Pinto.

Exemplifico essas transformações históricas do gênero em três obras que tratam do tema da separação de pais, ou da perda da mãe que é substituída pela madrasta: *O dia de ver meu pai* (1977), de Vivina de Assis Viana, *A coleção de bruxas de meu pai* (1995), de Rosa Amanda Strausz, e *O jogo de amarelinha*, de Graziela Bozano, que recebeu o prêmio de O melhor para criança, da FNLIJ, em 2007.

Em *O dia de ver meu pai*, a personagem expressa ao longo de toda a narrativa, o sentimento de tristeza, de abandono, de incompreensão. O texto é muito realista, duro nas imagens, como no trecho: “O problema é que, às vezes, as pessoas mentem. Mesmo as que a gente tem certeza de que gostam da gente. Minha mãe, por exemplo. Ela mente para mim” (VIANA, 1977, p. 7). A personagem chora muito, fica em

silêncio, “olha as grades das janelas dos apartamentos”, e a narrativa conclui-se de modo pessimista e sem saída, “Quem, no mundo, seria capaz de completar, para mim, as frases incompletas de meu pai e de minha mãe?” (p. 33).

Em a *Coleção de bruxas de meu pai* o conflito diante da separação dos pais é também o tema gerador, mas as soluções narrativas são pela via do humor, aliado à capacidade de inventar, de criar novas circunstâncias. O mesmo ocorre em *Mamãe trouxe um lobo para casa*, também de Rosa Amanda Strausz. As divertidas histórias que intertextualizam o conto de fadas mergulham no universo das relações familiares contemporâneas, com novos padrões de comportamento, e possibilitam alternativas positivas para o cotidiano das personagens, numa trama em que as emoções explodem no riso.

Em *O jogo de amarelinha*, de 2007, o enredo desenvolve-se em torno de um tema análogo – a morte da mãe e a aceitação da madrasta. A tristeza pela perda da mãe está presente na narrativa, a saudade, a não aceitação da morte da mãe e, menos ainda, da presença da madrasta. Poeticamente, por meio do conhecido jogo de amarelinha, a possibilidade de diálogo entre a menina e a madrasta vai sendo construída. Trata-se de um texto altamente imagético e metafórico, como é próprio da poesia:

A menina caminha dura ao lado da madrasta, a mão pendendo frouxa do seu braço. Caminham mudas, nada têm a dizer. De repente, um açude. No virar da curva, antes da memória, o olhar de Letícia encontra seu espelho verde, sereno. E Clara volta, está lá, não está em céu nenhum, sua risada ecoa no açude e o peito de Letícia lateja de dor. (HETZEL, 2007, p. 11)

A narrativa se desenrola nesse processo de expurgo e simbolização da dor da perda da mãe e na atenção e presença da madrasta na tentativa do diálogo e da aceitação. No final, há uma saída, há manifestação de alegria renovada e prazer diante da vida. A grande marca do texto é a presença da linguagem poética nesse processo de simbolização.

A forte presença de imagens poéticas na narrativa, aliada aos processos de simbolização, constitui uma expressão artística recorrente na contemporaneidade, amplamente valorizada pela crítica. Como o livro *O jogo de amarelinha*, outras obras, também premiadas, se inserem na perspectiva da fusão da poesia e do jogo na construção da narrativa. *João por um fio* (2005), de Roger Mello, mesmo o mais recente, *Zubair e os labirintos* (2007). Ou ainda *Lampião e Lancelote* (2006), de Fernando Vilela. Entre outros.

No caminho aberto por Ziraldo, a tendência mais forte da literatura infantil na atualidade manifesta-se no cruzamento de várias linguagens, vários códigos, vários gêneros textuais. Exemplifico com duas obras: *Felpe Filva*, de Eva Furnari, publicada em 2006, e *A caligrafia de Dona Sofia*, de André Neves, publicado em 2007.





Todos que acompanhamos a produção de Eva Furnari, não podemos nos esquecer da *Bruxinha Atrapalhada* e das outras bruxinhas, do humor dos desenhos e dos textos. Com *Felpe Filva*, a autora demonstra total domínio da narrativa, dos recursos estilísticos dos vários gêneros textuais, dos gêneros do discurso, numa história de superação de bloqueios, medos, e da busca da alegria e do amor. O texto originalíssimo faz uma paródia dos hipertextos, desconstruindo o estabelecido e promovendo uma ressignificação de paradigmas num novo contexto. Até mesmo o glossário ao final que poderia ter uma função didática, marcado pela normatividade da regra é desconstruído no livro de Eva Furnari, transformando-se em narrativa também.

Outra obra que manifesta a presença de várias linguagens, vários gêneros textuais, mistura dos gêneros literários, numa ilustração maravilhosa é *A caligrafia de Dona Sofia*, de André Neves. O texto narrativo vem amalgamado a poemas, cartas, receitas, glossário entre outros gêneros discursivos. Espaço verdadeiramente plural, sem falar numa desconstrução das funções habituais dos espaços e da função dos discursos – parede de casa que serve para escrever poemas, cartas que não esperam respostas, som que vira percurso, versos que abrem caminhos, o lugar do texto, dos hipertextos, das ilustrados se sobrepõem, se misturam e o diálogo juntando todos esses elementos num todo coerente. Os poemas para adultos, alguns de poetas clássicos, passam a ocupar um novo espaço, o espaço do livro infantil, e passam a falar para um outro interlocutor, nas pontes criadas pela narrativa da Dona Sofia, pelo universo infantil de quem aprende a escrever, a caligrafia. Toda essa multiplicidade de linguagens presente na obra e o diálogo que estabelece com o leitor desestabilizam a tentativa de conceituar a literatura infantil.

É interessante observar que os dois exemplos apresentados são de autores cuja formação e trajetória na literatura infantil se deu pela via da ilustração. Eva Furnari e André Neves destacam-se, inicialmente, no cenário da literatura infantil, como ilustradores, assumindo, posteriormente, o lugar de escritores.

Por outro lado, a aposta do mercado editorial num projeto gráfico e numa ilustração de qualidade transforma efetivamente esse produto cultural que é a literatura infantil, dando a ela novas configurações e novas dimensões. Para finalizar, exemplifico com o livro *O mistério da terceira meia*, de Rosana Rios, livro publicado ainda na década de 1990, pela Editora Moderna, com ilustrações de Getúlio Delpim. Em 2006, a mesma obra é publicada pela DCL, com ilustrações de Salmo Dansa. A narrativa é muito interessante e se desenvolve a partir de cartas e de partes de um diário. Vale-se do recurso do suspense para tratar de temas do cotidiano familiar. Faço menção a esse livro, apenas para dizer que a ilustração de Salmo Dansa e o projeto gráfico, na edição atual, transformam o livro numa outra obra artística, muito mais interessante para o leitor.

Essa multiplicidade de dimensões artísticas presentes na obra literária para crianças, se por um lado representa a sua especificidade estética e a qualifica, por outro, muitas vezes, tem resultado em produtos com alta qualidade editorial e gráfica, nos quais o texto verbal é negligenciado. Sobre esse aspecto, quero apenas destacar que na leitura das obras para a atualização do acervo dos Cantinhos de Leitura, no Programa de Incentivo à Leitura da Secretaria de Educação do Estado Goiás pude perceber um número muito grande de obras voltadas para a África, os mitos e as culturas africanas, tema que parece possuir um forte apelo de mercado. No entanto, em grande parte das obras publicadas, o que se percebe é que a uma ilustração e um projeto gráfico de muita qualidade contrapõe-se uma narrativa ruim. A perda da cena performática, que traz a inscrição da voz no texto escrito, torna as narrativas enfadonhas, artificiais, distantes de sua marca primordial da oralidade. Na era do virtual e da imagem é no apelo visual que o mercado editorial aposta. Nem por isso, contudo, a literatura infantil, pode esquecer a sua natureza literária. As várias linguagens na obra infantil devem promover um diálogo em plena igualdade de qualidade estética.

Referências

- FURNARI, Eva. *Felpe Filva*. São Paulo: Moderna, 2006.
- HETZEL, Graziela Bozano. *O jogo de amarelinha*. Ilustrado por Elisabeth Teixeira. Rio de Janeiro: Manatti, 2007.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.
- MELLO, Roger. *João por um fio*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.
- _____. *Zubair e os labirintos*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.
- NEVES, André. *A caligrafia de Dona Sofia*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- STRAUSZ, Rosa Amanda. *A coleção de bruxas de meu pai*. Ilustrado por Fernando Nunes. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.
- VIANA, Vivina de Assis. *O dia de ver meu pai*. Ilustrado por Álvaro Apocalypse. 3. ed. Belo Horizonte: Comunicação, 1977.
- VILELA, Fernando. *Lampião e Lancelote*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.





Carta aos professores dinamizadores

*Que benefícios nos proporcionam os novos livros!
Gostaria que cada dia me caíssem do céu, a
cântaros, os livros que exprimem a juventude das
imagens. Esse desejo é natural. Esse prodígio, fácil.
Pois lá em cima, no céu, não será o paraíso uma
imensa biblioteca?*

GASTON BACHELARD

Caros professores dinamizadores,

Dirijo-me a vocês com a intenção de levantar alguns pontos de reflexão que creio pertinentes ao trabalho de dinamização das bibliotecas escolares. Tais reflexões se originam das experiências que vivenciei tanto na condição de professora dinamizadora de uma biblioteca infantil quanto como formadora de professores dinamizadores, ou como pesquisadora na área de leitura, uma prática que deve perpassar todas as ações desenvolvidas dentro do espaço da biblioteca escolar. Ou ainda das visitas que tenho feito às escolas estaduais na condição de coordenadora do Ensino Fundamental da Secretaria de Estado da Educação.

Primeiramente, trata-se de um erro pensar que, enquanto responsáveis pela biblioteca, temos a obrigatoriedade de ler ou conhecer todos os livros do acervo de que cuidamos. Um leitor com larga experiência, ao longo de toda a sua vida, não consegue ler mais que três ou quatro mil livros. Apenas alguns pouquíssimos privilegiados, como nosso exemplo maior, o bibliófilo José Mindlin, chegam à casa dos oito mil livros lidos. Portanto, não nos angustiemos com essa obrigatoriedade.

Entretanto, o papel de um professor dinamizador de biblioteca não deve estar restrito somente à leitura, ainda que esta seja a sua mais importante habilidade. Mas o mais importante é saber fisgar, com doçura, aqueles estudantes arredios, que nos dias atuais conhecem muito mais motivos para estar longe dessas quatro paredes que encerram centenas – ou milhares – de livros que aparentemente servem apenas para prendê-los enquanto há um mundo pulsante a ser explorado lá fora. O nosso papel é, nesse caso, o de mostrar a eles que a situação é exatamente contrária ao que parece: é o mundo que se encontra entre essas quatro paredes – para Gaston Bachelard, o paraíso deve ser uma imensa biblioteca – e, para se ter acesso a esse mundo, basta apenas que eles abram um daqueles livros e se deixem levar pela história contida nas palavras e pela sua imaginação de leitores.

Uma segunda reflexão: para que a biblioteca escolar cumpra de fato o seu papel de agregar conhecimentos à vida do aluno, muito



dependerá do seu trabalho e compromisso. A origem da palavra que designa a sua função – professor dinamizador – vem do grego *dýnamis* e significa “força, poder, propriedade, virtude, potência, autoridade”, o que revela as características que você deve mostrar para exercer esse trabalho. Sabemos que não é um trabalho fácil, ainda mais quando se trata de incentivar a leitura numa cultura que normalmente não forma leitores e que também é marcada pela noção de falta, como aponta Ezequiel Theodoro da Silva em seu livro *Leitura e realidade brasileira*, no qual descreve o perfil da profissão dos bibliotecários:

No campo da biblioteconomia e, portanto, na vida dos bibliotecários brasileiros essa noção de falta está visivelmente presente. Em verdade, chegam a faltar tantas coisas na área específica de circulação de informações bibliográficas neste país que os especialistas envolvidos se veem impedidos de crescer e se autorealizar. Nesses termos, faltam bibliotecas, faltam livros para o povo, falta a atualização dos acervos, falta mercado de trabalho aos nossos bibliotecários, faltam salários condignos, falta respeito e reconhecimento profissional, falta união da classe, falta o hábito da leitura, faltam lugares nas bibliotecas existentes etc., etc. A noção de falta, que, segundo já dissemos, deveria agir como um desafio para a realização do homem, no caso da biblioteconomia, muitas vezes ganha um caráter extremamente frustrante, chegando a gerar apatia e falta de esperança. (SILVA, 1997, p. 102)

Para minimizar as faltas de que nos mostra Silva, faz-se necessário empreender uma terceira reflexão que nos é colocada na pergunta de Bartolomeu Campos Queirós, renomado escritor da literatura infantil brasileira: “O quê que a escola faz que tira da criança a vontade de ler um livro?”. Com certeza dezenas de possíveis respostas poderiam ser enumeradas rapidamente. Entretanto, uma saída imediata para solucionar essa questão seria começar perguntando aos próprios alunos o que eles gostariam de ler. E a pista seria dada por eles mesmos! Mas... E se a resposta não agrada aos nossos anseios de professores zelosos para com as leituras que são autorizadas pelo cânone escolar? Bem... nesse caso temos duas alternativas: ou lançamos a isca, trazendo nossos alunos para a leitura dos clássicos através de suas leituras selvagens, segundo Chartier, ou estaremos mais uma vez afastando nossos alunos da leitura.

Outra reflexão a ser levada em consideração e que pode ser o ponto de partida para uma profícua discussão vem também da premiada escritora da literatura infantil e juvenil, Ana Maria Machado. Diz ela: “Existe uma relação entre leitura e poder. Quando abrimos mão de ler algo consistente, estamos abrindo mão de uma parcela do poder [...]. Quem não lê entrega os pontos e abre mão do poder” (MACHADO, 2001, p. 134-135). Pois bem, nessa discussão, há dois diferentes pontos de vistas que envolvem a questão da leitura: enquanto no hemisfério sul a leitura é vista sob uma óptica sentimental (isto é, fala-se muito na pai-

xão de ler, no gosto pela leitura, no prazer de ler), o hemisfério norte – e não por acaso onde se encontram as maiores potências mundiais – vê a leitura como poder. Então colocamos uma questão: será que não está mais que na hora de abrimos nossos olhos para perceber que já perdemos um bom tempo e que podemos correr atrás do prejuízo mostrando às nossas crianças e jovens – e a nós mesmos – que quantos mais lemos mais poder temos?

Finalmente, para encerrar nossos pontos de reflexão, pelo menos neste espaço, mas com a esperança de que eles sejam mote, ou o fio condutor, para outras tantas discussões na sua escola, trago ainda algumas palavras de Ana Maria Machado que entendo serem pertinentes no momento: “Não acredito que ninguém ensine outra pessoa a ler literatura. Pelo contrário, estou convencida, isso sim, de que o que uma pessoa passa para outra é a revelação de um segredo – o amor pela literatura. Mais uma contaminação do que um ensino” (MACHADO, 2001, p.?).

Portanto, caro professor dinamizador, agora é com você! Estamos juntos nesta tarefa e que a sua biblioteca possa fazer a diferença na vida de nossos estudantes.

Goiânia, abril de 2009

2ª Bienal do Livro de Goiás – Homenagem a Bariani Ortencio

Maria Luiza Batista Bretas Vasconcelos

Coordenadora do Ensino Fundamental

Referências

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Ed. Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura e realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.



Educação em Goiás: ponte para uma vida melhor.

O governo de Goiás, por meio da Secretaria da Educação, ao implementar a sua política pública para a Educação na rede estadual, o faz em frentes múltiplas, abrindo portas para novas perspectivas. Além das melhorias na rede física, o estado renova a sua estrutura político-pedagógica de forma a propiciar a todos diferentes oportunidades para o trabalho, para a melhoria da qualidade de vida, para a construção de uma cultura de paz e de um mundo melhor. Todos os esforços visam a um modelo de educação que forme e transforme cidadãos.

Para proporcionar uma educação de qualidade, uma das frentes de trabalho que o governo de Goiás implementa é a que permite o aumento do tempo de permanência do aluno na escola. Visando proporcionar aos estudantes mais horas na escola, a Secretaria da Educação criou a Escola Estadual de Tempo Integral e também o projeto Aluno de Tempo Integral. O estudante da rede pública estadual, hoje, além de cursar as disciplinas básicas, participa de atividades extracurriculares, permanecendo, assim, na escola uma boa parte do dia. Atividades que incluem artes, esportes, língua estrangeira, reforço escolar, acesso à Internet, bibliotecas e tudo mais que favorece o fortalecimento das relações sociais e educacionais, estimula o potencial e as habilidades de cada um e abre um leque de oportunidades para todos.

Em 3 anos, já são 118 Escolas de Tempo Integral em 71 municípios goianos. Educação inclusiva, integral e para todos. No projeto Aluno de Tempo Integral, mais de 320 mil estudantes são atendidos em turnos de ampliação de aprendizagem. Atualmente, são desenvolvidos nas escolas estaduais mais de 1.100 projetos em arte, cultura, meio ambiente, saúde, esporte e cidadania. Neste contexto, foram criados 7 Centros de Convivência Juvenil, além de espaços de cidadania nas escolas e bibliotecas cidadãs, que funcionam como apoio ao ensino regular e à comunidade.

Em outra frente, a Secretaria da Educação priorizou a valorização profissional com programas de qualificação que repercutem na política de melhorias salariais. Ações que encerram uma evidência: só com professores bem preparados se eleva a qualidade do ensino. Atuando em parceria com universidades e outras agências formadoras, a Secretaria da Educação realizou seminários de capacitação em todas as áreas, criou um centro de referência para o ensino de Matemática e Ciências, criou o projeto Ciranda da Arte, implementou licenças remuneradas para Mestrados e Doutorados, além de intercâmbios com educadores e instituições de diversos países. No âmbito administrativo, a Secretaria investiu e investe na formação dos gestores, num processo contínuo de qualificação dos diretores, vice-diretores e secretários gerais das escolas. Realizou eleições para todo o grupo gestor, melhorando sobremaneira a administração das unidades de ensino.

Até 2006, em todo o país, a evasão no Ensino Médio indicava a necessidade de buscar um novo modelo que tornasse a escola mais atraente aos jovens. Com a ressignificação do Ensino Médio, Goiás saiu na frente e colocou em prática um projeto com novos currículos, com oportunidades para o aluno optar por algumas disciplinas além de cumprir o currículo básico. Este projeto encontra-se em execução em mais de 100 escolas em todo o estado, número que será ampliado em 2010. Goiás também foi pioneiro, resolvendo um dos problemas que levavam à evasão nessa fase do ensino – a falta de acesso dos estudantes à alimentação escolar –, estendendo a merenda, de qualidade e com cardápios regionalizados, ao Ensino Médio.

No Ensino Fundamental, o Governo procurou consolidar o ensino de nove anos e a correção de fluxo; implantou laboratórios estruturados de Informática, Ciências e Língua Portuguesa para atender a toda a demanda na rede; além de desenvolver projetos de incentivo à leitura.

Em consonância com o conceito de Escola de Tempo Integral, a Secretaria da Educação levou a Arte às escolas, com atividades nas diversas linguagens; atividades esportivas; oficinas nos espaços de cidadania etc., contribuindo para o processo de aprendizagem. Foram realizadas três edições da Mostra de Conhecimentos da rede estadual de ensino nas quais foram expostos os resultados dos projetos desenvolvidos pelas escolas nas áreas de Artes, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente.

A segunda Bienal do Livro foi outro importante evento realizado pelo governo de Goiás, por meio da Secretaria da Educação em parceria com a Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, Agência Estadual de Turismo e Agência Goiana de Comunicação. A segunda Bienal valorizou a produção literária local, promovendo o encontro entre estudantes e escritores e permitindo o maior contato dos alunos com o livro e a literatura.

Finalizando, a Secretaria da Educação investiu na infraestrutura da rede pública estadual, com obras de reformas, adequações, ampliações e construções, além da instalação de laboratórios e a adequação à acessibilidade.

Pensando a escola do futuro, a Secretaria da Educação criou a campanha Paz nas Escolas, que vem buscando conscientizar os alunos, pais, professores e a sociedade em geral para a convivência pacífica, a preservação do patrimônio e o respeito às diferenças no ambiente escolar. Neste mesmo sentido, a Secretaria intensifica esforços em prol da inclusão de alunos especiais, um programa que tem alcançado excelentes resultados.

Todas estas ações revelam o compromisso do Governo de Goiás com o futuro dos nossos jovens e crianças. Escola de Tempo Integral e Educação de qualidade para todos os goianos, agora Goiás tem!

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO





INCLUSÃO SOCIAL. AGORA GOIÁS TEM.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



**GOVERNO DO
ESTADO DE GOIÁS**
Desenvolvimento com Responsabilidade





INCLUSÃO DIGITAL.

AGORA GOIÁS TEM.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



**GOVERNO DO
ESTADO DE GOIÁS**
Desenvolvimento com Responsabilidade

